

BLAKE PIERCE

RAZÃO
PARA SE
APAVORAR

UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 6



RAZÃO PARA SE APAVORAR

(UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK—LIVRO 6)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é a autora da série bestselling um mistério de RILEY PAGE, composta por quinze livros (a continuar). Blake Pierce é também a autora da série um mistério de MACKENZIE WHITE, composta por nove livros (a continuar); da série um mistério de AVERY BLACK, composta por seis livros; da série um mistério de KERI LOCKE, composta por cinco livros; da série um mistério dos PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta por três livros (a continuar); da série um mistério de KATE WISE, composta por dois livros (a continuar); da série um thriller psicológico de CHLOE FINE, composta por três livros (a continuar); série um thriller psicológico de JESSIE HUNT, composta por três livros (a continuar).

Uma leitora ávida e uma fã desde sempre dos géneros de mistério e thriller, Blake adora ouvir sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e para se manter em contacto.

Copyright © 2018 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este e-book está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este e-book e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright Karuka, usada sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)
O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)
A CASA PERFEITA (Livro #3)
O SORRISO PERFEITO (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)
BECO SEM SAÍDA (Livro #3)
VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)
VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[EPÍLOGO](#)

PRÓLOGO

Seu nome – Rosie – era a única coisa delicada naquele homem. Roosevelt “Rosie” Dobbs caminhou até a entrada do apartamento 2B com seu habitual andar desajeitado—se alguém estivesse por perto, poderia ter ouvido seus xingamentos, palavras obscenas que o seguiam como uma sombra.

Com seu punho gigante, Rosie bateu na porta. A cada batida, via nela o rosto do homem que morava no 2B. Um cara folgado, chamado Alfred Lawnbrook—do tipo que sempre pensava que era melhor do que todos, mesmo morando em um apartamento simples em uma das piores partes da cidade. Ele nunca pagava o aluguel na data certa. Nos dois anos em que estava morando no apartamento, sempre atrasara ao menos uma semana. Dessa vez, já eram três semanas de atraso. E Rosie já estava cansado daquilo. Se Lawnbrook não pagasse o aluguel é o fim do dia, ele o expulsaria.

Era sábado, logo depois das nove da manhã. O carro de Lawnbrook estava estacionado em sua vaga de sempre, então Rosie sabia que ele estava em casa. Mesmo assim, mesmo batendo na porta, Lawnbrook não o atendeu.

Rosie bateu mais uma vez com força na porta com seu punho e então gritou.

- Lawnbrook, saia daí! E é melhor você estar com o dinheiro do aluguel em mãos quando abrir a porta.

Rosie tentou ser paciente. Esperou dez segundos antes de chamar novamente.

- Lawnbrook!

Ainda sem resposta, Rosie pegou o enorme molho de chaves que carregava no quadril. Ele procurou entre as chaves até encontrar uma onde a etiqueta dizia 2B. Sem dizer mais nada, colocou a chave na fechadura, virou a maçaneta e entrou no apartamento.

- Alfred Lawnbrook! Aqui é Rosie Dobbs, o dono do apartamento. Seu aluguel está atrasado há três semanas e—

Mas Rosie viu imediatamente que não haveria resposta. Havia um silêncio estranho no local, que o fez perceber que Lawnbrook não estava em

casa.

Não, não é isso, Rosie pensou. É algo diferente... algo está estranho. Tem algo de errado aqui.

Rosie deu mais alguns passos pelo apartamento, parando ao chegar ao centro da sala.

Foi quando percebeu o cheiro.

Primeiro, o cheiro o lembrou de batatas que haviam apodrecido. Mas tratava-se de algo diferente, mais sutil.

- Lawnbrook? – ele chamou novamente, dessa vez com uma onda de medo em sua voz.

Mais uma vez, não houve resposta... não que Rosie estivesse esperando ouvir algo. Ele caminhou pela sala e olhou na cozinha, imaginando que talvez alguma comida tivesse sido esquecida no fogão. Mas a cozinha estava limpa e, por ser pequena, rapidamente ele pode ver que nada estava errado ali.

Chame a polícia, a parte sensata de Rosie pensou. Você sabe que tem algo errado aqui, então chame a polícia e não se envolva nisso.

Mas curiosidade é algo viciante, e Rosie não conseguiu sair dali. Ele caminhou pelo corredor e algo estranho chamou sua atenção no caminho para o quarto. Dando alguns passos pelo corredor, o cheiro ficou mais forte e ele soube exatamente o que iria encontrar. Mesmo assim, não conseguiu parar. Ele precisava ver... precisava saber.

O quarto de Lawnbrook estava levemente desarrumado. Alguns itens haviam sido derrubados do criado-mudo: carteira, livro, porta-retratos. Na janela, a persiana de plástico estava levemente inclinada, com as bordas dobradas.

Ali, o cheiro estava pior. Não era insuportável, mas também não era algo que Rosie queria respirar por muito tempo.

A cama estava vazia e não havia nada entre o guarda-roupa e a parede. Com um nó na garganta, Rosie virou-se para o closet. A porta estava fechada, trazendo uma sensação pior do que o cheiro. Ainda assim, sua curiosidade mórbida o fez seguir até lá. Ele encostou na maçaneta e, por um momento, pareceu *sentir* o cheiro terrível de algo pegajoso e quente.

Antes de virar a maçaneta, viu algo com o canto dos olhos. Olhou para seus pés, imaginando que seu nervosismo estivesse fazendo-o ver coisas. Mas não... ele tinha mesmo visto algo.

Duas aranhas estavam vindo rapidamente debaixo da porta. As duas eram grandes, uma do tamanho de uma moeda e a outra tão grande que mal passava debaixo da porta. Surpreso, Rosie pulou para trás e soltou um pequeno grito de medo. As aranhas correram para debaixo da cama e, quando ele se virou para olhá-las, havia outras ali. A maioria eram pequenas, mas havia uma maior, do tamanho de um selo postal, andando pelo travesseiro.

Com a adrenalina a mil, Rosie virou a maçaneta e abriu a porta.

Ele tentou gritar, mas seus pulmões pareciam estar paralisados. Apenas um barulho seco saiu de sua garganta, enquanto ele se afastava do que tinha visto no closet.

Alfred Lawnbrook estava jogado no canto do closet. Seu corpo estava pálido e imóvel.

Além disso, completamente coberto por aranhas.

Havia vários fios de teia grossos nele. Um, em seu braço direito, era tão grosso que Rosie nem conseguia ver a pele. A maioria das aranhas eram pequenas e pareciam ser inofensivas, mas assim como as outras que Rosie havia visto, algumas no grupo eram maiores. Enquanto ele olhava apavorado, uma aranha do tamanho de uma bola de golfe desfilava sob a testa de Lawnbrook. Outra, menor, subia em seu lábio.

Aquilo tirou Rosie de seu estado de congelamento. Ele quase tropeçou nos próprios pés ao sair correndo do quarto, gritando, sentindo que milhões de aranhas estavam vindo atrás dele.

CAPÍTULO UM

Dois meses antes...

Ao abrir uma das muitas caixas ainda espalhadas por sua casa nova, Avery Black perguntou-se porque havia esperado tanto tempo para se afastar da cidade. Ela não sentia nenhuma falta e, na verdade, estava arrependida por ter perdido tanto tempo lá.

Ela olhou dentro de uma caixa, esperando encontrar seu iPod. Não havia etiquetado nada ao deixar seu apartamento em Boston. Havia, basicamente, jogado tudo em várias caixas e se mudado em apenas um dia. Aquilo fora três semanas antes, e Avery ainda não havia terminado de esvaziar as caixas. Na verdade, até seus lençóis ainda estavam escondidos em algum lugar nas caixas, e ela havia escolhido dormir no sofá desde então.

A caixa escolhida não continha seu iPod, mas tinha algumas garrafas de licor das quais Avery nem se lembrava mais. Ela tirou um copo da caixa, encheu de whisky e caminhou até a varanda. Fechou os olhos ao se deparar com a luz da manhã e deu um gole em seu whisky. Sentiu a bebida descendo e tomou mais um gole. Depois, olhou seu relógio e viu que eram dez horas da manhã.

Encolheu os ombros e sentou-se na velha cadeira de pedra, que já estava na casa quando Avery a comprara. Olhou em volta e sentiu, novamente, que poderia viver ali o resto de sua vida, totalmente confortável.

A casa não era uma cabana, mas tinha um toque rústico. Tinha só um andar e era moderna por dentro. Seu endereço dizia que Avery agora morava próximo ao lago Walden, mas ela estava longe o suficiente para poder se considerar “no meio do nada”. Seu vizinho mais próximo estava a quase um quilômetro de distância, e apenas árvores podiam ser vistas desde a porta da frente.

Não havia buzinas. Nem pedestres com pressa enquanto mexiam nos celulares. Nem trânsito. Nem cheiro de gasolina saindo dos motores.

Avery tomou mais um gole de seu whisky matinal e escutou em volta. Nada. Absolutamente nada. Bom, quase nada. Ela pode ouvir dois pássaros cantando entre as árvores enquanto sentia a brisa da manhã.

Ela havia feito o possível para que Rose também viesse morar ali. Sua filha havia passado por muita coisa, e só Deus sabia se ficar na cidade a ajudaria a se recuperar. Mas Rose havia recusado. Na verdade, recusado *veementemente*. Depois que a fumaça do último caso havia baixado, Rose decidira que precisava culpar alguém pela morte do seu pai. E, como sempre, a culpa recaiu sobre os ombros de Avery.

Por mais que doesse, Avery entendia. Ela teria se comportado da mesma forma se os papéis fossem invertidos. Durante sua mudança para a floresta, Rose havia a acusado de estar fugindo de seus problemas. E Avery não havia tido problemas em concordar. Ela estava ali para escapar das memórias de seu último caso—dos últimos meses de sua vida, na verdade.

Elas haviam chegado muito perto de recuperar o relacionamento que um dia tiveram. Mas quando o pai de Rose morrera—assim como Ramirez, o homem que ela tinha começado a aceitar como o novo amor de sua mãe—tudo fora por terra. Rose culpou Avery pela morte de seu pai e, aos poucos, Avery começou a culpar a si mesma também.

Avery fechou os olhos e deu o último gole em seu whisky. Escutou o silêncio da floresta e deixou que o whisky a confortasse. Ela havia feito aquilo várias vezes durante as últimas semanas, bebendo tanto que, em uma das vezes, tinha desmaiado por várias horas. Aquela noite, ela passara debruçada sobre o vaso e chorando, pensando em Ramirez e no futuro que eles poderiam ter tido.

Olhando para trás, Avery sentia-se envergonhada. Aquilo a fazia querer beber para se sentir bem. Ela nunca fora de beber muito, mas nas últimas semanas, whisky e vinho vinham ajudando bastante.

Ajudando a que? Ela se perguntou ao se levantar da cadeira de pedra e voltar para dentro de casa.

Olhou para o whisky, querendo beber mais e pegar no sono antes do meio dia apenas para passar por mais um dia. Mas ela sabia que seria covarde. Precisava passar por aquilo sozinha, com a mente limpa. Então, guardou o whisky e as outras garrafas na cozinha. Depois, começou a mexer em outras caixas, ainda procurando o iPod.

Em uma das caixas, havia vários álbuns de fotos. Por estar pensando em Rose enquanto estava na varanda, Avery decidiu abri-los. Havia três, e um deles tinha fotos de sua época da faculdade. Ignorou-o completamente e pegou o segundo.

Rose apareceu imediatamente. Ela tinha doze anos, e vestia um chapéu coberto por neve. Na próxima foto, ainda com doze anos, Rose estava pintando o que parecia ser um campo de girassóis em seu antigo quarto. Avery folheou o álbum até a metade, onde encontrou uma foto que havia tirado três natais antes. Rose e Jack, o pai de Rose, estavam dançando em frente à árvore de natal. Os dois estavam sorrindo abertamente. O gorro de Papai Noel de Jack estava caindo de sua cabeça e havia outros artigos de decoração nos fundos da foto.

Foi como uma facada no coração. A vontade de chorar apareceu como uma bomba. Avery não havia sentido aquilo desde que se mudara, mexendo nas caixas que continham os objetos de sua carreira. Mas ali, de repente, ela não conseguiu lutar contra seus sentimentos. Começou a chorar como se a faca estivesse, de fato, cravada em seu peito.

Tentou se levantar, mas seu corpo parecia estar paralisado. *Não*, ele parecia dizer. *Você vai se permitir esse momento e vai chorar. Vai chorar muito. Vai sentir o luto. Você vai se sentir melhor depois.*

Avery fechou o álbum e o pressionou contra seu peito. Chorou com força, permitindo-se ser vulnerável por um momento. Odiou sentir que era muito bom tirar aquele sentimento de si. Chorou sem dizer nada—sem chamar ninguém nem pedir ajuda divina. Simplesmente, chorou.

Avery sentiu-se bem. Como se estivesse exorcizando seus demônios.

Ela não soube por quanto tempo ficou ali, sentada entre as caixas. Só soube que, ao se levantar, não queria mais depender de algo como álcool para se sentir bem. Ela precisava clarear sua mente e organizar seus pensamentos.

Sentiu uma dor familiar nas mãos, algo mais forte do que a necessidade de beber para afastar suas emoções. Cerrou os dedos e pensou em alvos de papel e na distância entre a arma e seus alvos.

Seu coração então confortou-se um pouco ao pensar em alguns poucos itens que tinha para decorar o quarto nos próximos dias. Não havia muita coisa, mas havia *algo* do qual Avery quase tinha se esquecido nos últimos dias. Devagar, tentando tomar coragem enquanto caminhava pela sala repleta de caixas, entrou no quarto.

Parou na porta por um momento e olhou para a arma, parada num canto.

O rifle era uma Remington 700 que pertencera a Avery desde sua formatura na faculdade. Durante seu último ano, ela havia feito planos de se mudar para algum lugar remoto, para poder caçar veados no inverno. Era

algo que seu pai sempre fizera e, mesmo não sendo tão boa naquilo, Avery gostava. Suas amigas tiravam sarro por conta disso e provavelmente ela havia assustado um ou dois namorados na época da escola por conta de seu gosto pela caça. Quando seu pai morrera, sua mãe havia implorado para que ela ficasse com a arma, dizendo que seu pai gostaria que ela a guardasse.

E a arma a acompanhara, de mudança em mudança, geralmente ficando guardada em um guarda-roupas ou debaixo da cama. Dois dias depois de se mudar para a casa nova, Avery havia levado a arma até uma concessionária para limpá-la. Ao buscá-la, também comprou três caixas de munição.

Imaginando que poderia sentir vontade de atirar a qualquer momento, Avery vestiu suas calças térmicas. Não estava *tão* frio naquela manhã—um pouco acima de zero—mas ela não estava acostumada a andar pela floresta. Ela não tinha roupas camufladas, então se contentou com um par de calças verde-escuro e um suéter preto. Ela sabia que aquela não era a vestimenta mais segura para caçar veados, mas era o que ela tinha naquele momento.

Avery vestiu um par de luvas finas (tendo que buscar nas caixas para encontrá-las), colocou seu par de tênis mais velho e saiu. Entrou no carro e dirigiu por três quilômetros até uma extensão da estrada que levava a uma enorme floresta, que pertencia ao homem de quem ela havia comprado a casa. Ele havia lhe dado permissão para caçar em suas terras, quase como um bônus aleatório pela compra da casa por dez mil dólares acima do valor pedido.

Ela encontrou um lugar ao lado da estrada onde claramente caçadores vinham passando há anos. Estacionou ali, com o lado do motorista quase dentro da pista. Então, pegou seu rifle e entrou na floresta.

Avery sentiu-se boba desfilando pela floresta. Ela não caçava há pelo menos cinco anos—justamente no final de semana em que recebera a arma de sua mãe. Estava sem o equipamento adequado—botas, aroma de veado para borrifar nas árvores, chapéus ou coletes laranjas. Mas também sabia que aquela era uma manhã de quarta-feira, e que a floresta estaria basicamente sem nenhum outro caçador. Sentiu-se um pouco como aquela criança tímida que só joga basquete sozinha e sai correndo quando as crianças mais talentosas chegam.

Caminhou por vinte minutos e chegou a uma subida. Caminhou em silêncio, com a mesma precaução que tinha enquanto detetive de homicídios. A arma caía bem em suas mãos, ainda que parecesse um pouco estranha. Avery era acostumada a usar armas menores, principalmente sua

Glock, e por isso o rifle parecia muito poderoso. Ao chegar ao topo da pequena subida, viu carvalho caído a vários metros. Utilizou-o para se abaixar e se esconder, sentada no chão e encostando-se em uma árvore. Reclinada, soltou o rifle a seu lado e olhou para o topo das árvores.

Avery ficou ali em paz, sentindo-se ainda mais cercada pelo mundo do que quando estivera em sua varanda, um hora antes. Sorriu ao imaginar Rose ali com ela. Rose odiava estar ao livre e provavelmente desaprovava se soubesse que sua mãe estava sentada em uma floresta, com um rifle, procurando um veado para matar. Pensando em Rose, Avery pode limpar sua mente e focar em tudo a seu redor. E quando pode fazer isso, os instintos de sua carreira apareceram.

Ela ouviu folhas mexendo no chão, assim como nas árvores, enquanto as últimas folhas teimosas teimavam em sobreviver ao inverno. Escutou algo à sua direita, um pouco acima, provavelmente um esquilo. Acostumada com seu entorno, finalmente pode relaxar.

Ouviu tudo aquilo, mas também viu seus próprios pensamentos tomando forma. Jack e sua namorada, ambos mortos. Ramirez, morto. Pensou em Howard Randall, caindo na água, provavelmente também morto. E por fim... viu Rose... como ela estivera constantemente em perigo por conta do trabalho de sua mãe. Rose não merecia aquilo. Ela havia feito o possível para ser uma filha querida até que finalmente chegara a seu limite.

Na verdade, Avery havia se impressionado por quanto tempo Rose havia segurado aquela barra. Especialmente depois do último caso, onde a vida dela estivera literalmente em perigo. E aquela não fora a primeira vez.

O barulho de um galho se quebrando atrás de Avery chamou sua atenção. Seus olhos se abriram rapidamente e, mais uma vez, ela olhou para o topo das árvores. Devagar, pegou o rifle ao ouvir um outro barulho vindo de trás de si.

Aproximou o rifle de seu corpo e lentamente o engatilhou. Levantou-se com cautela. Respirou fundo, cuidando para não mover as folhas. Seus olhos escanearam a área embaixo da pequena subida onde ela estava escondida. Ela viu um veado à esquerda, a cerca de cem metros. Era um macho pelo que ela podia ver. Não era grande, mas já era algo. Avery viu outro mais longe, porém parcialmente coberto por duas árvores.

Voltou a se mexer, colocando o rifle ao lado do carvalho caído. Flexionou o dedo para encontrar o gatilho e firmou a mão. Tentou mirar e

teve mais dificuldade do que estava esperando. Finalmente, acertou a mira e disparou.

O barulho do tiro tomou conta da floresta. A arma ricocheteou, mas apenas levemente. Ao atirar, Avery sentiu seu braço desviar para a direita.

Então, viu o veado escapando.

Quando o som da bala encheu seus ouvidos em meio à floresta, algo em sua mente pareceu congelá-la. Em um momento paralisante, Avery não pode se mexer. Naquele momento, ela não estava na floresta, tendo falhado na caça a um veado. Ao invés disso, estava na sala de Jack. Havia sangue por todos os lados. Ele e sua namorada haviam sido mortos. Ela não havia conseguido evitar e, por isso, sentia que *ela* tinha matado os dois. Rose estava certa. Era culpa *dela*. Ela poderia ter evitado se fosse mais rápida—se tivesse sido melhor.

Os olhos ensanguentados de Jack a olhavam, mortos e parecendo pedir ajuda. *Por favor*, diziam. *Por favor, volte e faça tudo certo*.

Avery largou a arma. O rifle caiu no chão e, novamente, ela viu-se chorando. Lágrimas quentes, abundantes. Pareciam pequenas corredeiras de fogo descendo por seu rosto frio.

- É minha culpa – ela disse, sozinha na floresta. – É minha culpa. Tudo isso.

Não só Jack e a namorada... não. Ramirez, também. E todos que ela não havia conseguido salvar. Ela deveria ter feito melhor, muito melhor.

Avery viu a foto de Jack e Rose na frente da árvore de Natal em sua mente. Ela encolheu-se como uma bola no carvalho caído e começou a tremer.

Não, pensou. Não agora, não aqui. Recomponha-se, Avery.

Segurou a onda de emoções e respirou fundo. Não foi tão difícil. Afinal de contas, ela vinha lidando com aquilo por pelo menos uma década. Devagar, levantou-se, pegando a arma do chão. Olhou rapidamente para o lugar onde estavam os dois veados. Não se arrependeu de ter errado o tiro. Simplesmente, não se importou.

Virou-se para o lado de onde tinha vindo, carregando o rifle no ombro e uma década de culpa no coração.

No caminho de volta para casa, Avery imaginou que era algo bom não ter matado o veado. Ela não tinha ideia de como tiraria o animal da floresta. Arrastaria até o carro? Amarraria em uma corda para trazê-lo até em casa? Ela conhecia o suficiente sobre caça para saber que era ilegal deixar um animal morto na floresta.

Em qualquer outro momento, ela teria achado a imagem de um veado no topo de seu carro hilária. Mas, naquela hora, pareceu apenas algo sem graça. Apenas mais um assunto indefinido em sua mente.

Prestes a chegar à estrada, Avery sentiu seu telefone tocando. Pegou-o e viu um número que não reconheceu, mas com um código de área que havia visto durante quase toda sua vida. A ligação vinha de Boston.

Cética, Avery atendeu, sabendo por conta de sua carreira que ligações de números desconhecidos geralmente traziam problemas.

- Alô?

- Olá, é a senhora Black? Senhora Avery Black? – uma voz feminina perguntou.

- Sim. Quem fala?

- Meu nome é Gary King. Sou o dono do lugar onde sua filha está morando. Seu nome está nos formulários dela e—

- Rose está bem? – Avery perguntou.

- Até onde eu sei, sim. Mas estou ligando por outro motivo. Primeiro, ela está com aluguel atrasado. Está duas semanas atrasado e é a segunda vez em três meses. Eu tentei ir até lá e falar com ela, mas ela não atende a porta. E ela não atende minhas ligações.

- Com certeza você não precisa de mim para isso – Avery disse. – Rose é uma mulher crescida e pode lidar com o dono do apartamento onde ela mora.

- Bom, não é só isso. Eu recebi ligações de uma vizinha reclamando de barulhos de choro alto à noite. A mesma vizinha diz ser bem amiga de Rose. Ela diz que Rose anda muito diferente ultimamente. Que ela fica falando que tudo é uma droga e que a vida não faz sentido. Ela diz que está preocupada com Rose.

- Quem é essa amiga? – Avery perguntou. Era difícil negar a si mesma que ela estava praticamente entrando no modo detetive.

- Desculpe, mas não posso dizer. É a lei.

Avery sabia que o senhor King estava certo, então não pressionou.

- Eu entendo. Obrigado por ligar, senhor King. Vou falar com ela agora mesmo. E vou me certificar de que você receba seu dinheiro.

- Tudo bem, obrigado... mas eu estou sinceramente mais preocupado com o que pode estar acontecendo com a Rose. Ela é uma menina do bem.

- Sim, é mesmo – Avery disse e encerrou a ligação.

Naquele momento, ela já estava a menos de um quilômetro de sua nova casa. Discou o número de Rose e telefonou ao pisar mais fundo no acelerador. Tinha certeza que sua filha não atenderia, mas ainda assim tinha uma ponta de esperança a cada toque.

Como esperava, a ligação caiu na caixa de mensagens. Rose havia atendido apenas uma de suas ligações desde a morte de seu pai, e fora quando ela estava muito bêbada. Avery optou por não deixar mensagens, sabendo que Rose não escutaria, muito menos retornaria a ligação.

Avery estacionou na calçada, deixando o motor ligado, e correu para dentro de casa apenas para vestir algo mais apresentável. Voltou ao carro três minutos depois, seguindo na direção de Boston. Ela tinha certeza que Rose ficaria brava com sua mãe indo até lá, mas sabia que não tinha outra escolha, dada a ligação de Gary King.

Quando a estrada começou a apresentar menos curvas, Avery aumentou a velocidade. Ela não sabia o que o futuro a reservava sobre seu antigo trabalho, mas sabia que sentia falta de uma coisa sobre trabalhar nas forças a lei: a permissão para quebrar os limites de velocidade sempre que precisasse.

Rose estava em apuros.

Ela sabia.

CAPÍTULO DOIS

Era pouco mais de uma hora quando Avery chegou à casa de Rose. Ela morava em um apartamento no térreo de um prédio em uma zona boa da cidade. Conseguia pagá-lo por conta das gorjetas que recebia como bartender em um bar chique—um trabalho que havia conseguido antes da mudança de Avery para a floresta. Seu trabalho anterior havia sido um pouco menos glamoroso, como garçonne em um restaurante simples, ao mesmo tempo que editava anúncios para algumas agências trabalhando de casa. Avery queria que Rose apenas estudasse e terminasse a faculdade, mas sabia que quanto mais pressionasse, mais Rose escolheria outro caminho.

Avery bateu na porta, sabendo que Rose estava em casa porque seu carro estava estacionado na rua. Mesmo sem aquela dica, Avery sabia que desde quando fora morar sozinha, Rose escolhera optar por trabalhar com horários à noite, para que pudesse dormir até tarde e ficar em casa durante o dia. Ela bateu mais forte na porta e quase chamou o nome de Rose. Decidiu não falar nada, percebendo que sua voz seria menos bem-vinda do que a do dono do prédio que queria cobrar o aluguel.

Ela provavelmente sabe que sou eu porque eu tentei ligar antes, pensou.

Por conta disso, Avery sabia que a melhor opção seria outra: negociar.

- Rose – disse, batendo novamente. – Abra. É sua mãe. Está frio aqui fora.

Avery esperou por um momento e não ouviu nada. Ao invés de bater novamente, ela aproximou-se da porta, o máximo possível. Quando voltou a falar, levantou a voz apenas o suficiente para ser ouvida, mas sem causar uma cena na rua.

- Você pode continuar me ignorando se quiser, mas eu vou continuar ligando, Rose. E se eu quiser fazer disso uma obsessão, lembre-se de qual era meu trabalho. Se eu quiser saber onde você está a qualquer hora, eu posso. Ou você pode facilitar as coisas para nós duas e só abrir a porta.

Ao dizer aquilo, Avery bateu novamente na porta. Dessa vez, foi atendida em alguns segundos. Rose abriu devagar. Ela colocou apenas a cabeça para fora, como se não confiasse na pessoa que estava do outro lado da porta.

- O que você quer, mãe?
- Entrar por um ou dois minutos.

Rose pensou naquilo por um momento e então abriu a porta. Avery fez o possível para não dar muita atenção ao fato de que Rose havia perdido peso. Bastante, na verdade. Ela também havia pintado o cabelo de preto e o alisado.

Avery entrou e encontrou o apartamento totalmente limpo. Havia um ukulele no sofá, algo que não parecia pertencer àquele lugar. Avery apontou para o instrumento com um olhar desconfiado.

- Eu queria aprender a tocar algo – Rose disse. – Violão consome muito tempo e piano é muito caro.

- Você já aprendeu algo? – Avery perguntou.

- Já sei fazer cinco notas. Quase posso tocar uma música.

Avery assentiu, impressionada. Ela quase pediu para ouvir a música, mas percebeu que estaria forçando as coisas. Então, pensou em sentar-se no sofá, mas não queria parecer intrometida. Ela sabia que Rose não estenderia o convite.

- Estou bem, mãe – Rose disse. – Se é por isso que você está aqui...

- É sim – Avery disse. – Eu queria falar com você há tempos. Eu sei que você me odeia e me culpa por tudo o que aconteceu. É uma merda, mas eu posso lidar com isso. Mas hoje recebi uma ligação do dono da casa.

- Senhor – Rose disse. – Esse otário não me deixa em paz e—

- Ele só quer o aluguel, Rose. Você tem? Você tem dinheiro para pagar?

Rose riu da pergunta.

- Eu ganhei trezentos dólares de gorjeta só ontem à noite – ela disse. – E quase o dobro disso no sábado. Então não... não tenho dinheiro.

- Que bom. Mas... bem, ele também disse que está preocupado com você. Que soube de coisas que você falou. Não me engane, Rose. Como você está de verdade?

- De verdade? – Rose perguntou. – Como estou *de verdade*? Bom, eu sinto falta do meu pai. E quase fui morta pelo mesmo babaca que matou ele. E eu sinto sua falta, também, mas não consigo lembrar de você sem lembrar de como ele morreu. Eu sei que isso é uma merda, mas sempre que eu penso no pai e em como ele morreu, isso me faz te odiar. E me faz perceber que desde que você entrou a fundo na carreira de detetive, minha vida sofreu muito, de um jeito ou de outro.

Era difícil para Avery ouvir aquilo, mas ela sabia que as palavras poderiam ter sido muito piores.

- Como você tem dormido? – ela perguntou. – E comido? Rose... quanto peso você perdeu?

Rose balançou a cabeça e começou a caminhar novamente para a porta.

- Você perguntou como eu estou e eu te respondi. Estou feliz? Não. Mas não sou do tipo que vai fazer algo estúpido, mãe. Quando tudo passar eu vou ficar bem. E vai passar. Eu sei que vai. Mas para passar, você tem que ficar longe.

- Rose, eu—

- Não, mãe... você me faz mal. Eu sei que você tentou e muito deixar as coisas bem entre a gente—você tentou por muitos anos. Mas não está dando certo e eu acho que nunca vai dar, considerando os últimos acontecimentos. Então... por favor, vá embora. Vá e pare de me ligar.

- Mas Rose, isso é—

Rose então começou a chorar, abrindo a porta e gritando.

- Mãe, tem como você ir embora, porra?

Rose então olhou para o chão, soluçando. Avery lutou contra suas próprias lágrimas e obedeceu sua filha. Ao passar por Rose, ela precisou se esforçar para não abraçá-la nem dizer mais nada. Por fim, simplesmente saiu pela porta, em direção à rua fria.

Mas o barulho da porta batendo foi muito mais frio do que a temperatura lá fora.

Avery começou a chorar antes mesmo de ligar o carro. Ao voltar à estrada em direção a sua nova casa, fez o possível para controlar seus soluços. Com lágrimas caindo em seu rosto, deu-se conta de que havia chorado mais nos últimos cinco ou seis meses do que no restante de sua vida. Primeiro, a morte de Jack. Depois, Ramirez. E agora isso.

Talvez Rose estivesse certa. Talvez ela fizesse mesmo mal à filha. Porque, lá no fundo, as mortes de Jack e Ramirez eram culpa dela. Sua carreira ambiciosa havia levado um assassino até as pessoas que ela mais amava.

Ao mesmo tempo, ela havia afastado Rose. Sem falar que a carreira em questão havia acabado. Avery aposentara-se logo após o funeral de

Ramirez, e mesmo sabendo que Connelly e O'Malley tinham deixado uma porta aberta para ela, aquele era um convite que Black sabia que jamais aceitaria.

Ela estacionou em sua calçada e entrou em casa com lágrimas ainda caindo. A parte ruim era que, ao abandonar completamente a carreira, sua vida estava vazia. Seu futuro marido havia sido morto, seu ex-marido também e, agora, seu único laço com o passado, sua filha, não queria nada com ela.

E ao invés de consertar isso, o que você fez? Alguma parte de Avery a perguntou. Parecia quase a voz de Ramirez, mostrando que ela estava piorando as coisas. Você saiu da cidade e se escondeu na floresta. Ao invés de enfrentar a dor e o que a vida te proporcionou, você fugiu e passou dias bebendo sozinha. E agora, o que você faz? Foge de novo? Ou tenta consertar?

De volta à casa, no entanto, Avery sentiu-se mais segura do que quando estava na frente da casa de Rose. Estar em casa pareceu diminuir a dor por sua filha ter batido a porta em sua cara. Sim, Avery sentiu-se covarde, mas simplesmente não via outra madeira de lidar com aquilo.

Ela está certa, pensou. Eu faço mal para ela. Nos últimos anos eu só deixei a vida dela mais difícil. Começou quando coloquei minha carreira acima do pai dela, e depois tudo piorou. Por mais que eu tentasse, meu trabalho ficou acima dela também. E aqui estamos de novo, mesmo depois da aposentadoria.

Ela me culpa pela morte do pai dela.

E não está totalmente errada.

Avery caminhou devagar até a cama que ainda precisava montar. Seu cofre pessoal ainda estava entre as caixas. Ao abri-lo, lembrou-se de entrar na sala de Jack e encontrá-lo morto. Pensou em Ramirez no hospital, seriamente ferido antes de ter sido assassinado.

Suas mãos estavam sujas com aquelas duas mortes. E ela jamais havia conseguido limpá-las.

Avery abriu o cofre e pegou sua Glock. Em suas mãos, a arma parecia algo familiar, como uma velha amiga.

Lágrimas ainda estavam caindo quando ela encostou-se na cabeceira. Olhou para a arma, estudando-a. Aquela ou outras muito parecidas haviam lhe acompanhado pelas últimas duas décadas, muito mais de perto do que

qualquer pessoa. Por isso, sentiu-se muito natural ao colocar o cano da arma em seu queixo. O toque da arma era gelado, porém lhe fez bem.

Avery suspirou ao posicionar a arma de maneira que, ela sabia, faria a bala passar no melhor ângulo. Seu dedo encontrou o gatilho e tremeu.

Imaginou se chegaria a ouvir o som do tiro antes de apagar e, caso ouvisse, se o barulho seria tão alto quanto Rose batendo a porta.

Seu dedo encontrou no gatilho e ela fechou os olhos.

A campainha tocou, lhe fazendo pular.

Seu dedo soltou o gatilho e seu corpo inteiro amoleceu. A Glock caiu no chão.

Quase, Avery pensou ao sentir o coração pulsando de tanta adrenalina. Mais um segundo e meu cérebro estaria espalhado pelo chão.

Ela olhou para a Glock e a jogou longe, como se fosse uma cobra venenosa. Escondeu seu rosto com as mãos e secou as lágrimas.

Você quase se matou, a voz que poderia ou não ser Ramirez disse. Isso não te faz se sentir covarde?

Avery afastou aquele pensamento ao se levantar e seguir para a porta. Ela não fazia ideia de quem poderia estar ali. Ousou esperar que fosse Rose, mas sabia que não seria o caso. Rose era exatamente como sua mãe—teimosa demais.

Ela abriu a porta e não viu ninguém. Viu, no entanto, um carro dos correios indo embora. Olhou para a entrada da casa e viu uma pequena caixa. Pegou-a e leu seu próprio nome e seu novo endereço nela. O lado do remetente não tinha nome, apenas um endereço de Nova York.

Avery abriu a caixa devagar. Não era pesada e, dentro, havia muitos papéis de jornal. Retirou-os e encontrou apenas uma coisa no fundo.

Era um simples pedaço de papel, dobrado ao meio. Ela abriu, e quando leu a mensagem, seu coração parou por um momento.

Instantaneamente, Avery não sentiu mais a necessidade de se matar.

Ela leu a mensagem várias vezes, tentando encontrar algum sentido. Seu cérebro trabalhou, buscando uma resposta. E com algo como aquilo para descobrir, o simples fato de pensar na morte já estava fora de questão.

Sentou-se no sofá e olhou para o papel, lendo várias e várias vezes.

quem é você, avery?

Com amor,

Howard

CAPÍTULO TRÊS

Nos dias seguintes, Avery seguiu tocando a área embaixo de seu queixo onde havia colocado a arma. Sua pele parecia irritada, como quando picada por um inseto. Sempre que se deitava para dormir e seu pescoço esticava quando sua cabeça encostava no travesseiro, aquela área parecia ficar exposta e vulnerável.

Ela precisava encarar o fato de que havia chegado ao fundo do poço. Mesmo que tivesse conseguido escapar, ela havia chegado lá. Para sempre, aquela seria uma lembrança, e parecia que seu corpo não queria que ela se esquecesse daquilo.

Nos três dias seguintes ao seu quase suicídio, Avery esteve mais depressiva do que nunca em sua vida. Passou aqueles dias jogada no sofá. Tentou ler, mas não conseguia se concentrar. Tentou motivar-se para correr, mas sentiu-se muito cansada. Seguiu lendo o bilhete de Howard, segurando-o por tanto tempo que o papel já estava gasto.

Avery parou de beber tanto após receber a carta de Howard. Devagar, como uma larva, começou a sair do seu casulo de auto-pena. Aos poucos, começou a se exercitar. Também fez palavras cruzadas e Sudoku, apenas para trabalhar a mente. Sem trabalho, e sabendo que tinha dinheiro suficiente para passar um ano sem se preocupar com nada, seria muito fácil tornar-se preguiçosa.

Mas a encomenda de Howard havia apagado sua letargia. Avery agora tinha um mistério para resolver, algo que se tornou uma tarefa. E quando Avery Black tinha uma tarefa, ela não parava até resolvê-la.

Uma semana depois de receber a carta, seus dias começaram a ter uma rotina. Ainda era a rotina de um eremita, mas ela estava se sentindo melhor. Avery estava sentindo que poderia haver algo pelo qual ela poderia viver. Desafios mentais sempre a inspiravam, e estavam lhe inspirando para as semanas por vir.

Suas manhãs começavam às sete. Ela saía para correr, fazendo um trajeto de três quilômetros ao redor da casa na primeira semana. Voltava para casa, tomava café da manhã e relia os arquivos de seus casos antigos. Tinha mais de cem em seu arquivo pessoal, todos resolvidos. Mas ela os

relia apenas para se manter ocupada e para lembrar a si mesma que, mesmo com algumas falhas, ela havia tido sucesso na maioria dos casos.

Também passava uma hora por dia tirando suas coisas das caixas e as organizando. Depois, almoçava e fazia palavras cruzadas ou outro tipo de desafio. Então, fazia um circuito de exercícios no quarto—uma sessão rápida de abdominais, flexões, prancha e outros exercícios de core. Passava algum tempo vendo os arquivos de seu último caso—o caso que acabara com a morte de Jack e Ramirez. Alguns dias, olhava-os por dez minutos. Outros, por duas horas.

O que havia dado errado? O que ela tinha deixado passar? Ela teria sobrevivido ao caso se não fosse pela interferência de Howard Randall?

Então, era hora de jantar, ler um pouco, limpar um pouco mais a casa e, então, dormir. Era uma rotina sem muitos acontecimentos, mas ainda assim, uma rotina.

Avery levou dois meses para deixar a casa limpa e em ordem. Por fim, suas corridas de três quilômetros já haviam se tornado oito. Ela já não estava mais lendo os arquivos antigos ou os relatórios do último caso. Ao invés disso, estava lendo livros que tinha comprado na Amazon, com dramas e crimes da vida real e obras policiais de não-ficção. Também havia escolhido alguns livros com avaliações psicológicas dos assassinos em série mais famosos da história.

Avery não estava completamente ciente de que aquela era sua maneira de preencher o vazio que seu trabalho deixara. Quanto mais o tempo passava, mais ela imagina o que seria de seu futuro.

Em uma manhã, enquanto corria em volta do lago Walden, com o frio queimando seus pulmões e trazendo uma sensação mais prazerosa do que qualquer outra coisa, aquele pensamento a atingiu mais forte do que nunca. Sua mente estava cheia de perguntas sobre a encomenda de Howard Randall.

Primeiro, como ele sabia onde ela estava morando? Por quanto tempo ele sabia? Antes da encomenda, Avery imaginava que ele tinha morrido ao cair na água na noite que finalizou aquele terrível caso. Seu corpo nunca fora encontrado, mas a polícia acreditava que ele havia sido atingido por um tiro de um dos policiais antes de cair na água. Enquanto corria, Avery tentou pensar em uma lista de próximas passos para descobrir onde ele estava e porque ele tinha enviado aquela mensagem estranha: *Quem é você?*

A encomenda veio de Nova York, mas obviamente ele está perto de Boston. Como ele saberia que eu me mudei? Como ele saberia onde eu moro?

Aquilo, é claro, trouxe à sua mente imagens de Randall escondido entre as árvores e olhando para sua casa.

Que sorte a minha, ela pensou. Todo mundo na minha vida morreu ou me expulsou. Faz sentido que um assassino seja o único que pareça se importar comigo.

Ela sabia que a encomenda em si não traria respostas. Já sabia quando e de onde a caixa havia sido enviada. Era apenas Randall a provocando, fazendo-a saber que ele ainda estava vivo, à solta, e interessado nela de um jeito ou de outro.

A encomenda estava em sua mente quando Avery voltou da corrida. Ao tirar as luvas e a touca, com a bochecha rosa do frio, caminhou até onde havia deixado a caixa. Ela já tinha olhado a caixa inteira, procurando por pistas ou por significados escondidos deixados por Randall, mas não encontrara nada. Também não encontrara nada nas folhas de jornal amassadas. Havia lido todos os artigos no papel amassado, e nada parecia fazer sentido. Era apenas papel amassado. Mesmo assim, Avery havia lido e relido cada linha dos artigos várias vezes.

Ela estava mexendo ansiosamente na caixa quando seu telefone tocou. Pegou-o da mesa da cozinha e olhou o número na tela por um momento. Sorriu hesitantemente e tentou ignorar a alegria que tomou conta de seu coração.

Era Connelly.

Seus dedos congelaram por um momento porque, na verdade, ela não sabia o que fazer. Se ele tivesse ligado duas ou três semanas antes, Avery teria simplesmente ignorado a ligação. Mas agora... bom, algo era diferente agora, certo? E por mais que ela odiasse admitir, sabia que precisava agradecer a Howard Randall e sua carta por aquilo.

No último toque antes que a chamada caísse na caixa de mensagens, Avery atendeu.

- Ei, Connelly – ela disse.

Houve um silêncio do outro lado da linha antes que Connelly respondesse.

- Ei, Black. Eu... bom, eu vou ser sincero. Eu estava esperando falar com sua caixa de mensagens.

- Desculpe te decepcionar.
- Não, nada disso. Estou feliz em ouvir sua voz. Já faz um tempo.
- Sim, tem sido estranho.
- Devo entender que você se arrependeu de se aposentar tão cedo?
- Não, eu não diria tanto. Como vão as coisas?
- Vão... vão bem. Digo, tem um vazio na equipe que costumava ser preenchido por você e Ramirez, mas estamos nos virando. Finley está melhorando muito. Ele tem trabalhado muito próximo ao O'Malley. Acho que Finley, cá entre nós, levou a sério quando você saiu. Ele decidiu que se alguém fosse pegar seu lugar, seria ele.
- Bom ouvir isso. Diga a ele que eu sinto falta dele.
- Bom, eu esperava que você pudesse vir e dizer isso a ele pessoalmente
- Connelly disse.
- Acho que ainda não estou pronta para uma visita – ela respondeu.
- Bom, eu nunca fui bom em conversa fiada – Connelly disse. – Vou direto ao ponto.
- É o que você faz de melhor – Avery disse.
- Olhe... temos um caso—
- Pode parar – ela disse. – Não vou voltar. Não agora. Provavelmente nunca, ainda que eu não possa negar totalmente essa possibilidade.
- Só me ouça, Black – ele disse. – Espere até ouvir os detalhes. Na verdade, você provavelmente já ouviu sobre ele. Está nos jornais todo dia.
- Não assisto jornal – ela disse. – Cara, eu só uso o computador para entrar na Amazon. Não me lembro da última vez que li uma notícia.
- Bem, é estranho demais e nós não estamos conseguindo entender. Eu e O'Malley bebemos até tarde ontem e decidimos que precisávamos ligar para você. Isso não se trata somente de eu puxando seu saco e tentando te convencer... mas você é a única pessoa em quem nós pensamos que poderia resolver essa. Se você não viu nos jornais, eu posso te contar o que—
- A resposta é não, Connelly – Avery disse, interrompendo. – Eu agradeço a ideia e o convite, mas não. Se um dia eu estiver pronta para pensar em voltar, eu vou te ligar.
- Um homem está morto, Avery, e o assassino pode não ter acabado seu serviço – ele disse.
- Por algum motivo, ouvi-lo dizer seu primeiro nome a chamou atenção.
- Desculpe, Connelly. Por favor mande um oi para o Finley.

E então, ela desligou. Olhou para o telefone, perguntando-se se havia cometido um erro. Avery estaria mentindo se dissesse a si mesma que a ideia de voltar ao trabalho não era animadora. Até o fato de ouvir a voz de Connelly a fez ter saudades daquela parte de sua antiga vida.

Você não pode, disse a si mesma. Se você voltar ao trabalho agora, basicamente você estará dizendo a Rose que você não está nem aí para ela. E você estará correndo para os braços da criatura que te colocou onde você está agora.

Avery levantou-se e olhou pela janela. Olhou as árvores, as sombras, e então pensou na carta de Howard Randall.

E na pergunta de Howard Randall.

Quem é você?

Ela estava começando a achar que não sabia a resposta. E talvez estar longe do trabalho fosse o motivo.

Avery mudou sua rotina naquela tarde pela primeira vez desde que havia a estabelecido. Dirigiu até o sul de Boston, no cemitério de St. Augustine. Era um lugar que ela vinha evitando desde a mudança, não só pela culpa, mas também porque o destino parecia ter sido manipulado para forçar aquele golpe em sua vida. Ramirez e Jack estavam enterrados naquele cemitério, e ainda que estivesse a várias filas de distância, aquilo não importava para Avery. Para ela, o resultado de suas falhas estava representado no mesmo pedaço de grama.

Por isso aquela era sua primeira visita ao local desde os funerais. Ela ficou no carro por um momento, olhando para a lápide de Ramirez. Saiu do carro devagar e caminhou até onde o homem com quem ela teria se casado descansava. O túmulo era modesto. Alguém havia recentemente colocado um buquê de flores ali—provavelmente a mãe dele. Flores que morreriam no frio em poucos dias.

Avery não sabia o que dizer, mas imaginou que fosse normal. Se Ramirez soubesse que ela estava ali e se ele pudesse ouvir suas palavras (e Avery realmente acreditava naquilo), ele saberia que ela nunca fora a melhor com sentimentos. Provavelmente, seja lá onde ele estivesse, ele estava surpreso por ela estar ali.

Ela colocou a mão no bolso e puxou o anel que Ramirez pretendia entregá-la.

- Saudades de você – disse. – Sinto sua falta e estou... *perdida*. Não preciso mentir para você... não é só porque você se foi. Não sei o que fazer. Minha vida está destruída e a única coisa que poderia deixar tudo estável de novo—o trabalho—é provavelmente a pior ideia.

Avery tentou imaginar ele ali, a seu lado. O que ele diria? Ela sorriu ao imaginar ele franzindo a testa, de seu jeito sarcástico. *Ligue o foda-se e entre nessa*. Ele diria isso. *Volte ao trabalho e faça o que você quer da sua vida*.

- Você não está ajudando – Avery disse com sua própria expressão de sarcasmo. Ela assustou-se um pouco ao perceber o quão natural era conversar com a lápide de Ramirez. – Você me diria para voltar ao trabalho e ver o que acontece, não é?

Avery olhou para o túmulo, como se estivesse esperando uma resposta. Uma lágrima caiu de seu olho direito. Ela a secou e virou-se, na direção do túmulo de Jack. Ele havia sido enterrado no outro lado do cemitério, em uma lugar que ela mal podia ver dali. Caminhou pelo caminho estreito e aproveitou o silêncio. Não deu atenção às outras poucas pessoas que estavam ali, deixando-os também aproveitar sua privacidade.

No entanto, ao se aproximar do túmulo de Jack, Avery viu alguém parado ali. Era uma mulher, pequena e com a cabeça baixa. Com mais alguns passos, Avery viu que era Rose. Suas mãos estavam nos bolsos e ela vestia um moletom com touca, que cobria seu rosto.

Avery não queria chamá-la, esperando poder chegar perto o suficiente para que elas pudessem conversar. Mas depois de mais alguns passos, Rose pareceu sentir que alguém estava se aproximando. Ela virou-se, viu Avery, e imediatamente começou a se afastar.

- Rose, não seja assim – Avery disse. – Podemos conversar só um minuto?

- Não, mãe. Senhor, como você consegue estragar até isso?

- Rose!

Mas Rose não tinha mais nada a dizer. Ela acelerou seus passos e Avery fez o possível para não segui-la. Mais lágrimas caíram de seu rosto quando ela virou sua atenção para o túmulo de Jack.

- De quem ela puxou essa teimosia? – Avery perguntou ao túmulo.

Assim como Ramirez, obviamente a lápide de Jack estava em silêncio. Avery virou-se para a direita e viu Rose se distanciando. Ela caminhou rapidamente, até sumir completamente ao longe.

CAPÍTULO QUATRO

Quando Avery entrou no consultório da Doutora Higdon, sentiu-se vivendo um clichê. A doutora em si era muito equilibrada e educada. Ela parecia ter a cabeça sempre levemente apontada para cima, mostrando perfeitamente a ponta de seu nariz e seu queixo. Era uma mulher bonita, talvez até mais do que isso.

Avery havia lutado contra a vontade de ir a uma psicóloga, mas conhecia sua mente o suficiente para saber que precisava daquilo. E era difícil admitir aquilo a si mesma. Ela odiava a ideia de visitar uma psicóloga e não queria recorrer aos serviços fornecidos pela polícia de Boston—com profissionais que ela havia visitado algumas vezes ao longo dos anos em outros momentos difíceis da carreira.

Por isso, Avery escolheu visitar a Doutora Higdon, uma psicóloga de quem havia ouvido falar um ano antes, durante um caso envolvendo um suspeito que visitara a profissional para superar uma série de medos irracionais.

- Agradeço por você me atender tão rapidamente – Avery disse. – Eu estava esperando conseguir um horário só para daqui a algumas semanas.

Higdon encolheu os ombros e sentou-se em sua cadeira. Quando Avery sentou-se no sofá, a sensação de se tornar um clichê ambulante aumentou.

- Bom, eu já vi seu nome algumas vezes nos noticiários – Higdon disse. – E seu nome já apareceu aqui com outros pacientes, pessoas que aparentemente cruzaram seu caminho no trabalho. Então, eu tinha um horário livre hoje e imaginei que seria legal te conhecer.

Percebendo que não era comum conseguir uma consulta com uma psicóloga respeitada apenas dois dias depois de telefonar, Avery sabia que não deveria fazer pouco caso da oportunidade. E, sabendo que não era de rodeios, decidiu ir direto ao ponto.

- Eu quis visitar uma psicóloga porque, sinceramente, minha cabeça está uma bagunça ultimamente. Uma parte me diz que vou melhorar com o tempo. Outra me diz que eu só vou melhorar se fizer algo produtivo e familiar—o que me levaria de volta ao trabalho.

- Eu sei muito pouco sobre a melhora que você está procurando – Higdon disse. – Você pode me explicar melhor?

Avery passou os dez minutos seguintes contando sua história. Ela começou contando como seu último caso havia terminado, com a morte de seu ex-marido e de seu possível noivo. Falou também sobre ter se mudado para longe da cidade e dos episódios recentes com Rose, tanto no apartamento da filha quanto ao lado da lápide de Jack.

A Doutora Higdon começou a fazer perguntas imediatamente, e não parou de tomar anotações durante o tempo todo que Avery falou.

- A mudança para o lago Walden... o que te fez querer isso?

- Eu não queria ver gente. Lá é mais isolado, mais quieto.

- Você sente que é mais fácil ficar bem, emocional e fisicamente, quando está sozinha? – Higdon perguntou.

- Não sei. Eu só... eu não queria estar em um lugar onde as pessoas poderiam vir ver como eu estou centenas de vezes por dia.

- Você sempre teve problemas com as pessoas no que diz respeito ao seu bem-estar?

Avery encolheu os ombros.

- Não mesmo. É mais sobre vulnerabilidade, eu acho. No meu trabalho, vulnerabilidade leva à fraqueza.

- Eu duvido disso. No que diz respeito à percepção, provavelmente—mas não no estado real das coisas. – A doutora parou por um momento e depois continuou. – Eu não vou tentar ficar enrolando com outros assuntos para ir sutilmente ao ponto chave – ela disse. – Eu sei que você perceberia. Além disso, o fato de você admitir um medo de vulnerabilidade me diz muita coisa. Então acho que posso ir direto ao ponto.

- Eu preferiria – Avery disse.

- O tempo que você passou sozinha em casa... você acredita que te ajudou a melhorar ou atrapalhou?

- Acho que é um exagero dizer que ajudou, mas tornou as coisas mais fáceis. Eu sabia que não teria que lidar com o ataque das pessoas perguntando como eu estou.

- Você tentou falar com alguém durante esse tempo?

- Só minha filha – Avery disse.

- Mas ela rejeitou todas suas tentativas de se reconectar?

- Isso. Tenho certeza que ela me culpa pela morte do pai.

- Para ser sincera, provavelmente isso é verdade – Higdon disse. – E ela vai se dar conta disso no tempo dela. O luto de cada pessoa é diferente. Ao invés de fugir para uma casa no meio da floresta, sua filha escolheu colocar a culpa em você. Agora, deixe-me perguntar... por que você saiu do trabalho?

- Porque eu senti que tinha perdido tudo – Avery disse. Ela nem precisou pensar para responder. – Senti que tinha perdido tudo e falhado no trabalho. Não podia ficar, porque aquilo me lembrava que eu não era tão boa.

- Você ainda sente que você não é tão boa?

- Bom... não. Posso parecer arrogante, mas eu sou muito boa no que eu faço.

- E você sentiu falta do trabalho pelos últimos três meses, certo?

- Sim – Avery admitiu.

- Você acha que seu desejo de voltar é só para voltar a ter sua vida de antes ou você acha que pode ter algum progresso a ser feito lá?

- Então, eu não sei. Mas estou chegando ao ponto onde eu acho que tenho que descobrir. Eu acho que tenho que voltar.

A Doutora Higdon assentiu e escreveu algo.

- Você acha que sua filha vai reagir negativamente se você voltar?

- Sem dúvidas.

- Tudo bem, então vamos dizer que ela não está nessa conta. Vamos dizer que Rose não está nem aí se você vai voltar ou não. Você hesitaria em voltar?

A resposta atingiu Avery como uma pontada na cabeça.

- Provavelmente não.

- Acho que sua resposta está aí – Higdon disse. – Acho que, nesse ponto do processo de luto, você e sua filha não podem se intrometer uma no luto da outra. Rose *precisa* culpar alguém nesse momento. É o jeito dela de lidar com isso... e a relação difícil de vocês deixa tudo mais fácil para ela. E você... eu quero dizer que voltar ao trabalho é o que vai poder te ajudar.

- Você *quer* dizer? – Avery perguntou, confusa.

- Sim, eu acho que é o que faz mais sentido, dada sua história e seus relatos. No entanto, durante esse tempo sozinha, isolada de todos, você chegou a ter pensamentos suicidas?

- Não – Avery mentiu. A mentira foi fácil e sem arrependimentos. – Eu ando mal, de fato. Mas não tanto.

Sim, ela havia omitido seu quase-suicídio. Também não havia mencionado a encomenda de Howard Randall ao contar sobre seus últimos meses. Ela não sabia porque. Naquele momento, aquilo apenas parecia algo muito particular.

- Se é assim – Higdon disse, - não vejo problemas em você voltar ao trabalho. Mas acho que você deveria ter alguém como parceiro. E eu sei que pode ser difícil, pensando em quem era seu último parceiro. Mesmo assim... você não pode ser colocada em situações de muito estresse sozinha, pelo menos não já. Eu recomendaria que você fizesse um trabalho mais leve por enquanto. Talvez algo de escritório.

- Sendo sincera... isso não vai acontecer.

Higdon sorriu levemente.

- Então você acha que é isso o que você vai fazer? Você vai ver se a volta ao trabalho pode ajudar você a se livrar dessas dúvidas e culpas sobre si mesma?

- Logo, logo – Avery disse, pensando na ligação de Connelly, dois dias antes. – Sim, acho que pode ajudar.

- Bom, te desejo sorte - Higdon disse, estendendo a mão para cumprimentar Avery. - Enquanto isso, sinta-se à vontade para me ligar se precisar de algo.

Avery apertou a mão de Higdon e saiu do consultório. Ela odiava admitir, mas estava se sentindo melhor do que nas últimas semanas—desde quando havia finalmente encontrado uma rotina de exercícios físicos e da mente. Percebeu que, agora, poderia pensar mais claramente, e não porque Higdon tinha descoberto alguma verdade escondida. Avery precisava simplesmente que alguém a dissesse que, mesmo que Rose fosse a única pessoa restante em sua vida fora do trabalho, aquilo não significava que seu medo de como Rose a via deveria ditar como ela viveria o resto de sua vida.

Avery entrou em seu carro e dirigiu de volta até sua casa. Ela viu os prédios altos de Boston ficando para trás. A sede do A1 ficava a cerca de vinte minutos dali. Ela poderia ir até lá, visitar a todos e ser bem recebida. Poderia simplesmente tirar o curativo e ir até lá.

Mas ela não merecia ser bem recebida. Na verdade, ela não sabia o que merecia.

E talvez era daí que vinha sua hesitação.

O pesadelo daquela noite não era novo, mas havia apresentado uma mudança na história.

Nele, Avery estava em uma sala de visitação de uma prisão. Não era a mesma onde ela havia visitado Howard Randall algumas vezes, mas sim algo muito maior e quase com aparência grega. Rose e Jack estavam na mesa, com um tabuleiro de xadrez entre eles. Todas as peças seguiam no tabuleiro, mas os reis estavam caídos.

- Ele não está aqui – Rose disse, com sua voz ecoando pela sala. – Sua pequena arma secreta não está aqui.

- É isso – Jack disse. – Já   hora de aprender a resolver seus maiores casos sozinha.

Jack então passou uma mão pelo rosto e, num piscar de olhos, estava exatamente como Avery tinha encontrado seu corpo no dia de sua morte. O lado direito do rosto estava lavado de sangue. Quando ele abriu a boca para falar, não havia língua em sua boca. Havia apenas uma escuridão entre os dentes, um abismo de onde vinham suas palavras e onde, Avery suspeitava, Jack queria que ela estivesse.

- Você não conseguiu me salvar – ele disse. – Não conseguiu me salvar e agora eu tenho que confiar minha filha a você.

Rose levantou-se nesse momento e começou a se afastar da mesa. Avery levantou-se também, certa de algo muito ruim aconteceria se Rose saísse de seu campo de vista. Ela tentou seguir sua filha, mas não conseguiu se mover. Olhou para baixo e viu que seus dois p s estavam pregados no chão com pregos de estradas de ferro. Seus pés estavam machucados, uma mistura de sangue, ossos e carne.

- Rose!

Mas sua filha apenas olhou para tr s, sorrindo e acenando. E quanto mais longe ela ia, maior a sala parecia. Sombras vinham de todas as direções enquanto Rose diminuía.

- Rose!

- Tudo bem – uma voz disse atrás de Avery. – Eu vou cuidar dela.

Ela virou-se e viu Ramirez, segurando sua arma e olhando para as sombras. Ramirez começou a seguir Rose, e as sombras vieram atrás dele.

- Não! Fique!

Avery tentou sair do chão, mas seus pés seguiam trancados. Ela pode apenas ver as duas pessoas que mais amava no mundo sendo engolidas pela

escuridão.

E nessa hora ela começou a gritar, fugindo da sombra, com Rose e Ramirez sumindo da sala, tomada por gritos de agonia.

Ainda à mesa, Jack disse:

- Pelo amor de Deus, faça algo!

Foi nesse momento que Avery pulou na cama, com um grito saindo de sua garganta. Ela acendeu o abajur com as mãos tremendo. Por um momento, não pode entender o quarto enorme a sua frente, mas logo seus olhos se acostumaram com a luz. Olhou em volta pelo quarto e, pela primeira vez, perguntou-se se um dia se sentiria em casa ali.

Avery encontrou-se pensando na ligação de Connelly. E depois na encomenda de Howard Randall.

Sua antiga vida estava a assombrando, claro, mas além disso, estava invadindo a nova vida, isolada, que ela estava tentando construir.

Parecia não haver escapatória.

Então talvez—apenas talvez—fosse hora de escapar.

CAPÍTULO CINCO

Ao decidir parar de beber muito durante o período mais triste de seu processo de luto, Avery havia começado vagarosamente a trocar o álcool por cafeína. Suas sessões de leitura geralmente eram acompanhadas de duas xícaras de café com uma Coca Diet entre elas. Por conta disto, ela havia começado a sentir pequenas dores de cabeça quando passava mais de um dia sem café. Não era a maneira mais saudável de viver, mas com certeza era melhor do que ingerir álcool todos os dias.

Por isso Avery foi até uma cafeteria depois do almoço no dia seguinte. Ela havia saído de casa para ir à mercearia porque estava sem café em casa, mas como só havia tomado uma xícara no dia, decidiu ir à cafeteria para solucionar o problema rapidamente. Ela tinha um livro para terminar de ler, mas também pretendia ir à floresta para mais uma caça aos veados.

A cafeteria era um local popular na localidade, e quatro pessoas estavam trabalhando em seus MacBooks por lá. A fila no balcão era grande, mesmo ainda sendo bem cedo. O burburinho das conversas tomava conta do local, misturando-se ao barulho da máquina de café e ao volume baixo da TV, nos fundos do estabelecimento.

Avery foi até o caixa, pediu seu café expresso e escolheu um lugar na área de espera. Passou o tempo olhando para o pequeno quadro de cortiça, repleto de fliers de eventos locais: shows, corridas, eventos beneficentes, etc.

Então, percebeu uma conversa a seu lado. Fez o possível para não parecer óbvio que ela estava prestando atenção, mantendo seu olhos focados no quadro de eventos.

Havia duas mulheres a seu lado. Uma tinha vinte e poucos anos e tinha um sling no peito. O bebê descansava tranquilamente no aconchego da mãe. A outra mulher era um pouco mais velha e tinha um café em mãos, mas não parecia estar prestes a sair da cafeteria.

As duas estavam prestando atenção à TV. Elas conversavam em voz baixa, mas Avery pode entender com facilidade.

- Meu Deus... você soube dessa história? – a mãe da criança dizia.

- Sim – a outra mulher respondeu. – Parece que as pessoas estão encontrando novas maneiras de machucar umas às outras. Que tipo de mente doente você precisa ter para simplesmente pensar em algo assim?

- Parece que ainda não encontraram o maluco – a mãe disse.

- Provavelmente nem vão encontrar – a outra respondeu. Se fossem pegar esse cara, eles já teriam pelo menos pistas. Senhor... imagine a família desse pobre cara, tendo que ver todas essas notícias.

A atenção de Avery voltou-se então para a barista, que chamou seu nome e a entregou o café no balcão. Avery o pegou e, agora olhando para a TV, permitiu-se assistir ao noticiário pela primeira vez em quase três meses.

Uma morte havia acontecido nos arredores da cidade uma semana antes, em um complexo de apartamentos simples. Não fora uma morte qualquer, e sim um assassinato bizarro. A vítima fora encontrada em seu closet, coberta de aranhas de várias espécies. A polícia estava trabalhando com a hipótese de que o ato fora intencional, já que metade das aranhas eram de espécies que não eram nativas da região. Mesmo com muitas aranhas na cena do crime, apenas duas picadas haviam sido encontrados no corpo, e nenhuma fora venenosa. De acordo com o noticiário, até então, a polícia estava trabalhando com a hipótese de que o homem havia sido morto ou por estrangulamento, ou de ataque cardíaco.

São duas causas bem diferentes para uma morte, Avery pensou ao começar a se virar.

Ela não pode deixar de imaginar se aquele era o quase para o qual Connelly havia lhe chamado três dias antes. Um caso totalmente bizarro e, até então, sem respostas concretas. *É, provavelmente é esse o caso*, ela pensou.

Com seu café em mãos, Avery saiu. Ela tinha o resto da tarde pela frente, mas já sabia onde deveria ir. Gostando da ideia ou não, provavelmente ela ficaria de frente com muitas aranhas.

Avery passou o restante da tarde se familiarizando com o caso. A história em si era tão mórbida que ela não teve dificuldades em encontrar muitas informações. Ao realizar sua pesquisa, encontrou onze fontes confiáveis que contavam a história do que havia acontecido com um homem chamado Alfred Lawnbrook.

O dono do apartamento onde Lawnbrook morava havia entrado na casa querendo cobrar um atraso de duas semanas no aluguel e notara que algo estava errado imediatamente. Ao ler aquilo, Avery não pode deixar de comparar a situação com sua recente experiência com Rose e o dono do apartamento que sua filha alugava e, na verdade, assustou-se muito com isso. Alfred Lawnbrook havia sido encontrado em seu closet. Ele estava parcialmente enrolado em pelo menos três diferentes teias de aranha, com duas picadas diferentes—picadas que, pelo que o noticiário havia dito, não haviam causado muitos danos.

Mesmo sendo impossível ter um número exato, a estimativa era de que entre quinhentas e seiscentas aranhas haviam sido encontradas na cena. Algumas delas eram exóticas e não fazia sentido que elas estivessem em um apartamento em Boston. Uma aracnóloga havia sido chamada para ajudar no caso e encontrado pelo menos três espécies que não eram nativas dos Estados Unidos, muito menos de Massachusetts.

Então foi algo intencional, Avery pensou. Muito. Tão intencional que faz pensar que esse cara vai agir de novo. E se ele vai agir de novo da mesma maneira, tem que ser possível encontrá-lo e pará-lo.

O relatório do legista dizia que Lawnbrook havia morrido de ataque cardíaco, provavelmente pelo medo sentido diante da situação. Claro, já que ninguém havia presenciado a cena do crime, havia muitos outros cenários possíveis. Ninguém poderia ter certeza.

Era, de fato, um caso interessante... e um tanto quanto mórbido. Avery não tinha muito medo, mas aranhas gigantes certamente estavam no topo de sua lista de Coisas Para Ficar Longe. E mesmo que imagens do crime não tivessem sido divulgadas pela mídia (ainda bem!), Avery podia imaginar a cena.

De posse de todas as informações, Avery olhou pela janela por um bom tempo. Depois, foi até a cozinha e moveu-se em silêncio, como se estivesse com medo de ser flagrada. Pegou uma garrafa de whisky pela primeira vez em meses e serviu uma dose a si mesma. Tomou-a rapidamente e pegou seu telefone. Procurou o número de Connelly e apertou em LIGAR.

Ele atendeu ao segundo toque—algo muito rápido para os padrões de Connelly. Avery imaginou que aquilo queria dizer algo, dada toda a situação.

- Black – ele disse. – Eu não esperava que você ligasse.

Avery ignorou as formalidades e disse:

- Então, esse caso pelo qual você me ligou... Era esse envolvendo Alfred Lawnbrook e as aranhas?

- Sim – Connelly respondeu. – A cena já foi analisada, o corpo também, e não temos absolutamente nada.

- Eu vou entrar nessa – ela disse. – Mas só nesse caso. E eu quero fazer isso nas minhas condições. Não quero ninguém atrás de mim só porque passei por momentos difíceis. Pode ser?

- Vou fazer o possível.

Avery suspirou, resignada ao perceber como era bom se sentir útil e como sua vida em breve voltaria a ser como antes.

- Tudo bem – ela disse. – Vejo você no A1 amanhã cedo.

CAPÍTULO SEIS

Avery não sabia ao certo o que esperar quando voltou à sede da polícia pela primeira vez depois de mais de três meses. Talvez algumas borboletas no estômago ou uma onda de nostalgia. Talvez uma sensação de segurança, que a faria pensar em porque ela achou que seria uma boa ideia se demitir.

O que ela não esperava era não sentir nada. Mesmo assim, essa foi a sensação. Ao voltar ao A1 na manhã seguinte, não sentiu nada especial. Parecia quase que ela havia apenas perdido um dia de trabalho e estava voltando para outro dia—um outro dia comum, exatamente como antes.

No entanto, aparentemente, ela era a única no local que estava se sentindo daquele jeito. Ao entrar no prédio e caminhar em direção a sua velha sala, Avery percebeu que a movimentação típica das manhãs ia ficando em silêncio quando ela passava. Era quase como se uma onda de silêncio estivesse lhe seguindo. As recepcionistas ao telefone ficavam quietas, os murmurinhos de conversa eram interrompidos. Todos pareciam estar vendo uma celebridade entrando no prédio. Os olhos se arregalavam e as expressões eram de incredulidade. Avery perguntou-se por um momento se Connelly havia se preocupado em avisar a alguém que ela estava voltando.

Ao caminhar pela parte central do prédio em direção aos fundos, onde ficavam os escritórios e as salas de reunião, tudo pareceu mais natural. Miller, um funcionário de relatórios e pesquisa, acenou para ela. Denson, uma agente mais velha, prestes a se aposentar, sorriu, a cumprimentou e disse:

- É bom ter você de volta.

Avery retribuiu o sorriso, pensando: *Eu não voltei.*

No entanto, logo depois, outro pensamento veio à tona. *Enfim. Minta para si mesma se quiser. Mas tudo parece muito natural. Parece a coisa certa.*

Avery viu Connelly saindo de sua sala no fim do corredor. O homem que havia sido o motivo de várias de suas dores de cabeça ao longo dos anos. Mesmo assim, Avery estava feliz em vê-lo. O sorriso no rosto dele mostrava que a felicidade era mútua. Ele a encontrou no corredor e Avery

pode ver que o capitão do A1—geralmente um durão de mão cheia—estava se segurando para não abraçá-la.

- Como foi entrar aqui de novo? – ele perguntou.

- Estranho – Avery disse. – Estão olhando para mim como se eu fosse uma celebridade ou algo do tipo. Não consegui decifrar se eles querem me matar com os olhos ou me aplaudir.

- Na verdade, eu estava preocupado, achei que eles iam se levantar e te ovacionar quando você entrasse. As pessoas sentem sua falta aqui, Black. Bom... sua e do Ramirez também.

- Agradeço, senhor.

- Bom. Porque eu estou prestes a te mostrar algo que vai te irritar. Olhe... lá no fundo, eu tinha a esperança de que você voltaria algum dia. Mas nós não poderíamos deixar o A1 inteiro parado, esperando esse dia chegar. Então você meio que não tem mais uma sala.

Connelly explicou aquilo a Avery enquanto a levava pelo corredor, na direção de sua antiga sala.

- Isso não é importante – Avery disse. – Quem ficou com aquela sala?

Connelly não respondeu. Ao invés disso, ele deu os últimos passos até a antiga sala de Avery e acenou com a cabeça para ela. Avery aproximou-se da porta e colocou a cabeça para dentro. Seu coração se aqueceu ao ver quem estava ali.

Finley estava sentado à mesa, tomando um gole de uma xícara de café e lendo algo no notebook. Quando ele viu Avery, seu rosto demonstrou várias emoções: susto, felicidade e um pouco de vergonha.

Ele não teve a mesma restrição de Connelly. No mesmo momento, levantou-se e encontrou Avery na porta com um abraço. Ela havia subestimado o quanto sentia falta dele. Mesmo os dois nunca tendo trabalhado de fato juntos, Avery havia gostado de ver Finley, aos poucos, crescendo como agente. Ele era engraçado, leal e tinha um coração genuinamente bom. Avery sempre o vira como um irmão distante no trabalho.

- É bom ter você de volta – Finley disse. – Sentimos sua falta por aqui.

- Eu já disse tudo isso para ela – Connelly disse. – Não vamos fazer ela ouvir tudo de novo no primeiro dia de volta.

Cara, eu não voltei, Avery pensou. Mas seu pensamento pareceu mais falso do que cinco minutos antes.

- Você quer que eu a leve até lá? – Finley perguntou.

- Sim, e logo. O'Malley vai querer conversar com ela depois e eu quero que ela saiba de tudo quando ele chegar aqui. Leve ela lá e conte tudo o que nós sabemos. Tente sair em menos de dez minutos, se você puder.

Finley assentiu, visivelmente feliz com a tarefa que lhe foi dada. Enquanto ele voltava para seu computador, Connelly voltou a falar com Avery.

- Venha comigo – ele disse.

Avery o seguiu pelo corredor, até a grande sala nos fundos. A sala de Connelly não havia mudado muito desde que Avery saíra. Ainda era desarrumada, mas de um jeito bom. Ele abriu a primeira gaveta de sua mesa e pegou duas coisas das quais Avery sentia mais falta do que provavelmente todas as pessoas naquele prédio.

Sua arma e seu distintivo. Ela sorriu ao pegá-los.

- Eu já preenchi os formulários para você – Connelly disse. – São seus. E sobre pagamentos e o tempo que você vai trabalhar, já estou lidando com a papelada também.

Avery realmente não se importava com o pagamento ou com o período que ela deveria ficar no caso. Quando seus dedos tocaram o distintivo e a Glock, ela sentiu algo voltando para o lugar certo em seu coração.

Por mais triste que fosse, o distintivo e a arma eram algo familiar.

Ela se sentia em casa com eles.

O crime havia acontecido seis dias antes e, portanto, a cena já estava vazia quando Avery e Finley chegaram ao local. Eles passaram por baixo da fita amarela e Avery viu Finley destrancar a porta do apartamento de Alfred Lawnbrook com uma chave que estava no envelope no bolso de sua camisa.

- Você tem medo de aranhas? – Finley perguntou quando eles entraram.

- Um pouco – Avery respondeu. – Mas essa informação não sai daqui, pode ser?

Finley assentiu, com um leve sorriso.

- Só pergunto porque mesmo que os aracnólogos tenham vindo e tirado elas daqui, pode ser que tenham sobrado algumas. As mais comuns, nada perigoso.

Finley levou Avery pelo apartamento. Era bem simples, e o design fez Avery pensar que Lawnbrook era ou divorciado, ou solteiro.

- Mas havia algumas que não eram espécies comuns aqui, certo?

- Com certeza – Finley disse. – Pelo menos três espécies. Uma era originária da Índia, eu acho. Eu tenho as anotações detalhadas no meu telefone se você quiser. O especialista em aranhas que analisou o local disse que havia pelo menos duas espécies na cena do crime quando o corpo foi encontrado que devem ter sido encomendadas de um traficante. E que elas devem ter sido difíceis de conseguir.

- Alguma era muito grande? – Avery perguntou.

- Acho que eles falaram que a maior tinha o tamanho de uma bola de golfe. E, para mim, isso já é grande demais.

Eles entraram no quarto e Avery fez o possível para não começar a procurar aranhas nas paredes e no chão. Ela escaneou o local rapidamente e o encontrou muito limpo. A porta do closet estava aberta, o que permitiu que Finley entrasse e acendesse a luz. Ele o fez rapidamente e saiu com a mesma velocidade.

- Lawnbrook estava caído aqui, no canto esquerdo – Finley disse. – Temos as fotos no A1 e tenho certeza que O'Malley vai querer analisá-las com você. Esse cara está fascinado com esse caso.

Avery parou na porta do closet. Além de algumas teias de aranha perdidas, não havia nada para ser visto.

Depois, ela saiu do quarto e começou a caminhar pela apartamento procurando sinais de entrada forçada. Finley a seguiu, mantendo distância e deixando-a trabalhar. Avery procurou por qualquer sinal de algo fora do lugar, mesmo alguma foto na sala, mas não encontrou nada. Ela analisou os livros na pequena prateleira ao lado da TV e não encontrou nada que conectasse Lawnbrook a aranhas.

- Temos algum tipo de conexão entre Lawnbrook e um suposto interesse por aranhas? – Avery perguntou.

- Não. Nada.

- Alguém já falou com a família dele?

- Sim. E acho que O'Malley estava junto. Pelo que eu entendi, eles falaram de Lawnbrook como alguém muito medroso. Odiava montanha russa, filmes de terror, coisas assim. Então a chance dele ser alucinado por aranhas parece ser mesmo zero.

Então, se as aranhas não estavam aqui por causa de Lawnbrook, por que elas estavam aqui? Avery imaginou. E que tipo de pessoa as traria consigo? E por que?

Os dias e mais dias afiando a mente com Sudoku e palavras cruzadas mostraram-se úteis. Ao começar a pensar em perguntas, Avery não parou mais. E sentiu-se muito bem com isso.

- Você sabe se o corpo ainda está com o legista? – ela perguntou.

- Sim, ainda está lá. Os especialistas em aranhas estão estudando o corpo. Encontraram ovos no nariz e no intestino dele durante a autópsia.

Avery não conseguiu esconder o calafrio que sentiu ao ouvir aquilo.

- Você quer dar uma volta lá?

- Eu levo você para qualquer lugar se você topa sair daqui. Eu sei que não tem mais nada aqui, mas—

- Mas parece que as aranhas estão atrás de você – Avery disse, sorrindo.

– Eu sei. Vamos indo.

Mesmo a tarefa comum de ir de um lugar a outro para buscar respostas fez Avery sentir-se muito bem. Não era apenas um movimento, mas sim sua vida de volta. Ela pode sentir as coisas se movendo, pessoas e lugares se movimentando enquanto Finley dirigia em direção ao escritório do legista.

Avery esperava encontrar um aracnólogo por lá, mas decepcionou-se. Ao menos, a mulher que havia feito a autópsia estava lá. E isso era algo bom. Após serem levados até os fundos das salas de análise, Avery e Finley encontraram Cho Yin. Yin era uma asiática pequena e bonita, que parecia mais do que feliz em debater sobre o caso. Assim como O'Malley, ela também parecia achar aquele caso morbidamente fascinante.

Os três encontraram-se na sala de Yin, um pequeno espaço com uma aparência rústica nos fundos do prédio. Avery apresentou-se e não perdeu tempo, indo direto ao ponto. Ela sentia que estava atrasada por ter entrado no caso tão tarde e não queria conversa fiada.

- Acho que minha primeira pergunta tem que ser sobre as picadas – Avery disse. – Pelo que eu entendi, havia apenas duas.

Yin balançou a cabeça e pareceu surpresa.

- Não mesmo. A mídia divulgou essa informação errada, eu acho. Havia três picadas de aranhas que podem ter sido letais. Mas também havia outras, a maioria de aranhas não-venenosas. Havia vinte e dois picadas no total.

- Meu Deus – Avery disse. – E isso seria o suficiente para matar alguém?

- Sim, especialmente as picadas das aranhas venenosas. Havia duas picadas de aranha marrom, de acordo com o especialista que acompanhou o exame. A terceira picada venenosa foi de uma aranha teia de funil. E pelo que eu sei, essa espécie é rara. A família dessa aranha não é nativa dos Estados Unidos.

- E é nativa de onde, então? – Avery perguntou.

- Não sei. Você teria que conversar com o aracnólogo. E sabe, eu tenho que dizer que não posso ter certeza de que o veneno das picadas matou a vítima. Isso é algo no qual eu e o especialista em aranhas discordamos, na verdade.

- Por que? O que você acha que matou ele?

- Bom, os níveis de cortisol do senhor Lawnbrook estavam muito mais altos do que deveriam. Em resumo, ele estava basicamente aterrorizado na hora da morte—mas os níveis que eu vi estão fora da curva. O coração mostrou sinais claros de estresse e trauma. Estou quase certa de que o senhor Lawnbrook sofreu um ataque cardíaco quando estava no closet. Ele estava assustado a esse ponto.

- O corpo ainda está aqui? – Avery perguntou.

- Está. Mas tenho que te dizer... é uma cena terrível.

- Tudo bem – Avery disse.

Ela quase respondeu “*tenho certeza que já vi coisa pior*”, mas então tentou imaginar como alguém morto, que havia sofrido vinte e duas picadas de aranha—sendo três venenosas—estaria. A imagem do que Finley havia contado, sobre ovos terem sido encontrados em suas narinas e intestino, também não era nada animadora. Mesmo assim, Avery sentiu que precisava ver o corpo para procurar sinais ou pistas.

Yin os levou até a sala de análises dos fundos e metodicamente caminhou entre as fileiras de armários. Puxando forte, ela retirou a chapa onde estava o corpo de Alfred Lawnbrook. Ela deu um passo atrás, permitindo que Avery e Finley dessem um passo a frente. Avery aproximou-se do corpo e Finley permaneceu perto da porta, deixando claro que não tinha intenção de chegar mais perto.

Mesmo depois dos cuidados e limpeza do necrotério, o corpo de Lawnbrook assustava. As incisões da autópsia estavam quase que totalmente escondidas pelo inchaço e palidez da pele. No entanto, o corpo não estava nem de perto tão horripilante quanto Avery tinha imaginado.

Uma picada no rosto de Lawnbrook havia causado um inchaço no lado esquerdo, fazendo com que seu olho parecesse estar levemente fora do lugar. A falta de sangue pelo corpo faziam com que o inchaço e a palidez parecessem quase falsos, dando ao corpo inteiro uma aparência de cera. Avery fez o possível para analisar o corpo procurando sinais de abuso físico. E mesmo com a coloração dificultando sua busca, ela estava certa de que não havia nada para ser encontrado.

- Obrigada – Avery disse, afastando-se do corpo.

Cho Yin assentiu e fechou a gaveta.

- Por nada, as temperaturas baixas que nós mantemos aqui e o exame em si alteram a aparência. Ele está muito pior do que quando chegou. Eu posso te mandar umas fotos se você quiser.

- Não, acho que não será necessário. Mas obrigada pelo seu tempo, senhora Yin.

Avery e Finley saíram e, no caminho para o carro, as perguntas continuavam na cabeça de Avery. Ela as organizou de várias maneiras, amando a sensação de ter seu cérebro trabalhando novamente.

Claro, é natural para a maioria das pessoas ter medo de aranhas... especialmente tantas assim. Mas ele estaria com medo o suficiente para sofrer um ataque cardíaco? E se sim... bom, algo em atacar alguém desse jeito parece pessoal. Talvez o assassino conhecia a vítima... o que abre um caminho totalmente diferente.

Isso nos dá claramente dois caminhos: procurar por alguém com um conhecimento amplo sobre aranhas, e alguém que conhecia Lawnbrook e sentia algum rancor por ele.

- Para onde vamos agora? – Finley perguntou ao sentar-se atrás do volante.

Avery não pode deixar de sentir orgulho dele. Finley estava sendo proativo, mas respeitando-a ao mesmo tempo. Ele seria um detetive e tanto mais cedo ou mais tarde.

- Vamos voltar aos A1 – ela respondeu. – Quero sentar com O'Malley e criar um plano concreto antes de continuar.

Finley pareceu feliz ao se afastar do necrotério, e Avery não o culpou. Poucos casos a tiravam do sério, e aquele poderia ser o primeiro a, literalmente, *rastejar* por seu corpo. Mas mesmo aquele nervosismo se transformava em excitação por estar de volta ao trabalho—por poder

novamente seguir pistas e, no fim, encontrar um assassino e fazê-lo pagar pelo que fez.

CAPÍTULO SETE

Ele estava sentado em sua mesa de trabalho e olhou para as fotos na parede. Era estranho saber que aquele homem nas fotos já não estava vivo. As fotos eram as únicas lembranças dele—as fotos e as pequenas marcas no mundo que ele deixara para trás.

Mas aquele era um homem que vivera sua vida com medo. E para ele, viver com medo não era uma opção.

Aquela era uma lição que ele havia aprendido sozinho, especialmente ao comprar aquelas aranhas. Ele nunca tivera medo delas, mas ver as maiores e como elas viviam de verdade... era algo de fato diferente.

Ele estava sentado em seu porão, à pequena mesa, iluminado apenas por um abajur e pela luz do notebook. Havia acabado de assistir à última reportagem sobre Alfred Lawnbrook. As autoridades ainda não tinham ideia de onde procurar, nenhuma pista, nenhum caminho. E isso porque ele havia deixado as aranhas fazerem o trabalho por ele. No fim, não havia colocado um dedo sequer em Lawnbrook.

Atrás dele, algo se mexeu. Ele virou-se e viu a gaiola se mexendo no chão. Havia dois galhos de árvore e muita grama no chão. O esquilo estava incomodado, movendo-se pela gaiola, desesperado, tentando encontrar uma saída.

Ele então foi até a gaiola, abriu a porta e pegou o esquilo, com cuidado, pelo pescoço. O pequenino havia mordido seu dedo da última vez, e ele já havia aprendido a lição.

O esquilo ficou imóvel em sua mão. Ele sentiu o coração do bichinho batendo, batucando como uma bateria. Era para isso que ele tinha o esquilo—para assisti-lo, analisá-lo. Esquilos eram talvez o animal mais medroso do mundo, sempre com medo de algo. E se ele queria entender melhor o medo, não havia criatura melhor para observar.

Ele soltou o esquilo na mesa. Colocou a mão debaixo da área côncava, onde geralmente ficava sua cadeira, e pegou o velho balde. Estava cheio de água até a borda. Devagar, colocou a cola do esquilo lá dentro. O animal teve um espasmo instantâneo, lutando para escapar.

Depois, ele afundou um pouco mais, até que as patas entrassem na água. Os olhos do esquilo se arregalaram e o animal começou a fazer sons estranhos. A criatura estava aterrorizada, lutando por sua vida. Ele estava tão encantado ao assistir ao animal que quase perdeu o foco por um momento. O esquilo mostrou os dentes como só roedores conseguiam e mordeu a mão dele.

Ele gritou e soltou o esquilo na água. O animal tentou nadar, mas não conseguiu.

Ainda segurando sua mão mordida, ele empurrou o esquilo na água. Assistiu-o o tempo inteiro, vendo bolhas se criando na água. Segurou o animal até que ele parasse de se mover.

Quando terminou, empurrou o balde até a parede e olhou sua mão mordida. Havia sangue. Talvez ele precisasse beber algo.

Suspirou e encostou-se na cadeira. Ignorando o sangue escorrendo em sua mão, começou a retirar as fotos de Alfred Lawnbrook. Juntou todas e fez uma pilha ao lado do balde. Quando a parede estava lisa, olhou-a por um momento, sorrindo. Depois, abriu a gaveta de sua mesa e pegou outra pilha de fotos. Colocou-as na mesa, ao lado de um rolo de fita adesiva.

Com sua mão ainda pingando sangue na mesa, começou a colar as novas fotos. Fotos do seu próximo experimento—de sua próxima vítima.

CAPÍTULO OITO

Quando todos lotaram a sala de reuniões, Avery percebeu que aquele era o maior número de pessoas de quem ela se aproximava desde a morte de Ramirez. Claro, havia mais pessoas por exemplo na mercearia que ela vinha frequentando às vezes, mas eram pessoas espalhadas pela loja. Ali, todos estavam em uma mesma sala. Era algo um pouco claustrofóbico, mas assim como quando recebera sua Glock e seu distintivo mais cedo, a sensação era reconfortante.

O'Malley havia a cumprimentado com um aperto de mãos ao tomar a frente na sala. Vê-lo preparando-se para a reunião fez Avery perceber o quanto as coisas haviam mudado no A1 desde que ela saíra. Mesmo que O'Malley já costumasse fazer aquelas reuniões no passado, ele parecia mais estressado agora, o que fez Avery pensar que ele tinha mais casos além daquele para se preocupar naquele momento.

Finley também estava na sala, com outros dois agentes a seu lado. Havia outros dois policiais na sala, um rosto familiar e um outro, mais novo. Uma agente mais jovem estava no fim da mesa, uma mulher que certamente não tinha mais do que vinte e cinco anos. Ela percebeu Avery olhando em volta da sala e acenou levemente.

- Ok, pessoal – O'Malley disse. – Vamos começar assim: estamos felizes em ter a Detetive Black aqui novamente. Ela concordou em nos ajudar nesse caso porque, sinceramente, eu tenho certeza que ela vai ajudar muito. Black, você tem algo para dizer?

Avery balançou a cabeça, ansiosa para começar.

- Vamos começar com o que aconteceu hoje – O'Malley disse. – Próximos passos, ideias, teorias, tudo. Todos nós sabemos o básico, então não vamos perder tempo com isso. Mas tem alguns detalhes que foram confirmados que vale a pena citar. Primeiro e mais importante, recebemos resultados hoje cedo, da nossa busca por assaltos em pet shops na região de Boston ou por compras massivas de aranhas. Não achamos nada. Claro, com o acesso à internet, isso não quer dizer nada. Mas pelo menos podemos riscar isso da nossa lista.

O'Malley fez uma pausa e então continuou:

- Conversamos com a família e não temos pistas. Tudo o que nós sabemos é que Alfred Lawnbrook tinha uma vida muito privada. A mãe dele sugeriu que ele tinha pavor de vermes e era muito medroso. Isso explica porque ele não tinha amigos e morava sozinho. Agora, Detetive Black, você foi a última a ir à cena do crime, já que esteve lá hoje cedo. Você tem algum detalhe para compartilhar?

- Nada importante – Avery disse. – Eu não vi nenhum sinal de entrada forçada, o que apenas confirma os relatórios anteriores. Isso significa que Lawnbrook deixou o assassino entrar. E se o assassino de fato levou as aranhas com ele, isso me faz pensar que os dois eram de certa forma conectados. Talvez Lawnbrook estava esperando uma encomenda. Talvez o assassinado sabia disso e usou esse fato para entrar, levando as aranhas ao invés da encomenda que Lawnbrook estava esperando. Ou talvez Lawnbrook conhecia o assassino. Mas, por enquanto, isso é tudo especulação.

- E é por isso que nós estamos aqui – O'Malley disse. – Todos os álibis do dono do apartamento, da família e do único amigo com quem nós falamos batem. Tem vizinhos com quem ainda precisamos falar, mas eles estão fora do país. O que, pelo meu entendimento, é um álibi. É um casal, já estão há oito dias na Espanha e só voltam semana que vem.

- Viajando pela Espanha por tanto tempo e morando naquele apartamento simples? – a jovem agente perguntou. – Não faz sentido.

- Não faz – O'Malley concordou. – E é por isso que vamos interrogá-los assim que eles voltarem.

- Nós sabemos há quanto tempo Lawnbrook estava morto quando o corpo foi descoberto?

- O relatório do legista diz que algo em torno de cinco dias, não mais do que isso. Agora... vamos tentar resolver isso logo para que eu possa parar de ver fotos de aranhas por todos os lados.

Enquanto O'Malley distribuía as tarefas do dia, Avery voltou a matutar. *De um jeito ou de outro, ela pensou, o assassino teve acesso facilitado. Teve acesso fácil e não teve medo de carregar aranhas venenosas. Talvez seria bom falar com algum especialista em espécies ou um aracnólogo. Se eu conseguir entender melhor as aranhas que ele usou, talvez eu possa descobrir algo sobre o assassino.*

Junto a isso, houve outro pensamento. E esse pareceu ser mais interessante porque, quando surgiu, chamou muito mais sua atenção. *Por*

que essas aranhas? Para ter escolhido aranhas tão específicas, o assassino precisava saber algo sobre a vítima.

Enquanto os agentes levantavam-se para cumprir suas tarefas, a jovem policial aproximou-se de Avery. Ela tinha cabelos morenos curtos e olhos escuros. Seus olhos eram lindos, o que mais chamava a atenção nela. Sua pele era muito branca e contrastava com seu cabelo escuro.

A mulher sorriu de uma maneira quase envergonhada e estendeu a mão.

- Oi – ela disse. – Sou Courtney Kellaway. Cheguei há três semanas, transferida de Nova York.

Avery apertou a mão dela.

- Prazer em te conhecer – ela disse, perguntando-se imediatamente se Connelly havia a trazido com a intenção de substituir Avery.

- Nessas três semanas desde que cheguei eu só ouvi coisas incríveis sobre você – Kellaway disse. – É um prazer finalmente te conhecer.

- Igualmente – Avery disse, levantando-se da cadeira. Fazendo o possível para não parecer rude, ela deu as costas para Kellaway e seguiu para a parte da frente da sala, onde O'Malley estava reunindo seus arquivos.

- Tenho liberdade total nisso, certo? – perguntou a ele.

O'Malley analisou as palavras ditas por Avery e pensou cuidadosamente na resposta.

- Basicamente, sim. Por que? O que foi?

- Eu sei que vocês já falaram com especialistas em aranhas, mas eu gostaria de fazer isso.

- Aracnologia – O'Malley disse com certo nojo. – Eu nem sabia que isso existia até essa loucura toda acontecer. E sim, pode ir em frente nisso.

- Acho que vou ao Museu de Ciência de Boston. Eles tem um jardim de borboletas lá, então deve ter um etimologista na equipe, certo?

- Não tenho ideia – O'Malley disse. – Por que você não descobre? Mas vou pedir para que você faça isso sem Finley. Preciso dele aqui pelo menos uma parte do dia.

Preferindo trabalhar sozinha, Avery fez o possível para não demonstrar sua felicidade com aquela decisão. Imediatamente, pegou seu telefone e saiu da sala. Procurou o número do Museu de Ciência de Boston e começou seu caminho com direção à possível pista.

CAPÍTULO NOVE

Com algumas ligações e minutos de espera sendo transferida entre departamentos, Avery conseguiu uma reunião de emergência com um etimologista. Ela tinha esperança de encontrar um aracnólogo, mas o museu não contava com um em sua equipe. Então, Avery procurou a melhor opção possível e, por fim, acabou ficando feliz e... um pouco assustada.

Donald Johansson era um homem de sessenta anos com um sorriso charmoso e um par de óculos de lentes grossas pendurado no nariz. Quando Avery bateu na porta do escritório, ele respondeu de uma maneira educada, porém parecendo entediado. Avery viu-se então entrando em uma sala onde cada centímetro das paredes era coberto por fotografias de diferentes insetos. Ela viu muitas aranhas entre elas.

- Detetive Black? – Johansson perguntou.

- Sim, sou eu. Obrigada por me encontrar tão rápido.

- Sem problemas. Como você pode imaginar, um homem no meu ramo geralmente não tem tanta demanda. Então é bom se sentir útil. Agora... Fui informado de que você tem uma situação de emergência. Posso deduzir que é sobre essa história terrível que está nos noticiários sobre o homem que foi encontrado morto e coberto por aranhas?

- É isso mesmo – Avery disse. – No entanto, por favor, me desculpe. Eu sei que você é um etimologista, não um aracnólogo. Mesmo assim, você tem bastante conhecimento sobre aranhas?

- Tenho sim. Aranhas e todas as formas de aracnídeos – Johansson disse. – Na verdade, seria muito difícil você encontrar um aracnólogo. No entanto, tem algumas pessoas que tratam das duas áreas juntas. Como etimologista, eu sei praticamente tudo sobre insetos. E mesmo que aranhas não sejam *tecnicamente* insetos—elas são aracnídeos—eu tenho bastante conhecimento sobre elas também.

- Então, o que você pode me dizer sobre a aranha marrom e a teia de funil? Foram as duas espécies mais raras encontradas na cena do crime.

- Bem, a marrom na verdade é bem comum. Não seria difícil encontrar uma, ainda que a dificuldade fosse *coletá-la*, a não ser que você seja alguém muito treinado para isso. A marrom é conhecida por ter uma marca em

forma de violino nas costas. O veneno pode destruir os vasos sanguíneos ao redor da picada, o que pode causar úlceras na pele, mas é só. Já a teia de funil é uma espécie interessante. Elas têm esse nome pelas teias em forma de funil que criam. Acredito que a maioria delas está na Austrália e na América do Sul, ainda que existam relatos de algumas delas na costa oeste dos Estados Unidos. As picadas podem ser fatais e elas têm uma aparência assustadora.

- Então você está dizendo que uma picada de uma teia de funil poderia ter matado a vítima? – Avery perguntou.

- Sim, com certeza. Agora, quanto tempo levaria, eu não sei. Acho que mais de uma ou duas horas, se a vítima não fosse socorrida. Isso é interessante. Mas, você tem talvez uma lista completa das aranhas encontradas lá? Talvez eu pudesse ajudar mais com isso.

- Eu tenho uma lista, mas não sei se está completa.

Avery procurou o e-mail que Finley havia enviado mais cedo até encontrar a mensagem sobre as aranhas. Ela abriu o documento e entregou o telefone a Johansson. Ele analisou a lista, balançando a cabeça algumas vezes.

- Vejo que a viúva negra está na lista. Elas também podem ser mortais, mas a maioria das espécies que vivem na costa leste não são nem de perto tão perigosas quanto as do oeste ou de outros países. Mesmo assim, se uma delas te morder, você vai ficar bem mal. Você *poderia* morrer se o socorro demorasse, eu imagino. Também vejo a aranha lobo. São conhecidas por picar, mas não são fatais. Só que dói muito. Eu já fui picado por uma.

Johansson entregou o telefone de volta e, mesmo ainda demonstrando seu charme, ele parecia um pouco perdido.

- Você parece confuso – Avery disse.

- Não, não estou confuso, é que... bom, distraído, eu acho. Veja... para alguém dessa região conseguir uma teia de funil, essa pessoa tem que ter bons contatos. E eu acho isso estranho porque...

- Por quê?

- Bom, eu tenho algumas ideias sobre esse caso, mas para mim é estranho que o assassino tenha conseguido tantas espécies de aranhas. Se você vai atormentar sua vítima com aranhas, por que não usar apenas tarântulas? Elas estão à venda em quase todo pet shop e são muito fáceis de cuidar e manter. Estão longe de serem caras.

- Então você está dizendo que seria preciso tempo e dedicação para coletar todos esses diferentes tipos de aranhas? – Avery perguntou.

- Sim. Algum tempo e cuidado, sim. Não quero tentar te assustar, mas a qualquer hora, em qualquer lugar, há chances de ter uma aranha de algum tipo muito perto de você. Dentro de casa, fora, qualquer lugar. Quase todas elas não causam danos. Mas alguém que *sabia* quais procurar e como coletá-las... só pode ser alguém com uma motivação muito forte.

- Você sabe como essa pessoa pode ter conseguido uma teia de funil? – Avery perguntou.

- Meu palpite seria a Internet. Todos os tipos de negócio mais obscuros estão online e as pessoas podem comprar os mais variados tipos de bicho. Claro que é ilegal—especialmente quando os animais são perigosos—mas acontece todo dia.

Avery concentrou-se naquilo, mais uma vez surpreendida pela quantidade de coisas obscuras que podiam ser compradas na internet. Ela perguntou-se se deveria pedir a Connolly que designasse alguém para fazer uma investigação online enquanto ela seguia com as buscas no “mundo real”.

Tudo nos leva de volta a alguém com um conhecimento específico sobre Lawnbrook, ela pensou. Alguém que sabia que ele tinha medo de aranhas—talvez até de um certo tipo de aranha—e usou isso para matá-lo. Tenho que conversar com pessoas que ele conhecia, mesmo se isso significar refazer o trabalho de outros agentes e deixá-los irritados.

Avery levantou-se de sua cadeira e apertou a mão de Johansson sobre a mesa.

- Obrigada pelo seu tempo – ela disse. – Foi muito útil e educativo.

E um pouco assustador, pensou.

Quando saiu do escritório, Avery começou a pensar que talvez tivesse mais medo de aranhas do que imaginava. Isso porque, sempre que conversava com alguém sobre aquilo, não conseguia deixar de pensar que havia uma família de aranhas subindo em sua pele. Era uma sensação que ela não pode evitar, mesmo quando entrou no carro e voltou para A1.

CAPÍTULO DEZ

Quando Avery encontrou Connelly no escritório dele, meia hora depois, ele estava em pé ao lado de sua mesa enquanto alguém do departamento de Relações Públicas utilizava sua cadeira. Ele estava ditando algo para uma mulher, que digitava. Pelo que Avery ouviu, eles estavam trabalhando em uma nota sobre o caso para enviar à imprensa.

- Desculpe incomodar – Avery disse, entrando na sala. – Posso falar com você um minuto, senhor?

Connelly pareceu irritado por ter sido interrompido, mas não disse nada. Ele apenas murmurou “me dê um segundo” para a mulher sentada e saiu do escritório.

Connelly e Avery pararam ao lado da parede e algo no jeito que ele intencionalmente focou nela a fez perceber que ele estava mesmo feliz em tê-la de volta. Ela não era só um bônus que estava ali para ajudar em um caso em particular. Ele a valorizava e, depois de ter passado algum tempo sem Avery, talvez ele percebesse mais aquilo.

- Estava me perguntando sobre quem conversou com a família de Lawnbrook – ela disse.

- Miles e Mackey – ele respondeu. – Fizeram um bom trabalho, mas voltaram sem muitas informações úteis.

- Você se importa se eu mesma conversar com os familiares?

- Eu não faria isso. A mãe estava muito emocionada, pelo que eu soube. Além disso, eles fizeram um bom trabalho. Se eu achasse que a família deveria ser interrogada novamente, eu teria mandado alguém.

- E se eu fizer de conta que a visita é um acompanhamento?

- Eu não gostaria que você fizesse isso – Connelly respondeu. – Seria praticamente insultar Miles e Mackey. Além disso, não acho que—

- Perdão, senhor – uma voz tranquila veio de trás de Avery. Ela virou-se e viu a jovem agente da reunião da manhã. Kellaway, pelo que Avery lembrava.

- O que foi? – Connelly perguntou, dessa vez sem conseguir esconder sua irritação.

- Faz cinco dias que ninguém fala com eles – Kellaway disse. – Depois do pior luto, é sabido que os familiares podem ajudar muito. No calor de terem acabado de perder alguém, eles podem não pensar direito. Talvez fosse de fato bom se alguém mais conversasse com eles.

Connelly olhou para Avery e Courtney Kellaway. Parecia que alguém havia lhe xingado e ele não tinha ideia do que responder. Avery precisou esconder seu sorriso. Ela imaginou se alguém tão novo quanto Kellaway já teria, alguma vez, desafiado um superior de um jeito tão audacioso.

Quando os olhos de Connelly voltaram a focar em Avery, ela deixou escapar um sorriso. Também encolheu os ombros, como se dissesse: *Eu te disse. E o que ela falou faz sentido.*

- Se você acha que tem algo para ser descoberto – Connelly disse, olhando diretamente para Avery, - então tudo bem. Faça o que você quiser. Mas não despreze o trabalho dos agentes que foram lá antes. Tenha respeito com o trabalho que eles já fizeram.

- Claro – Avery disse.

- E já que vocês duas parecem pensar igual, eu quero que Kellaway vá junto. Deixa ela ver essa família enlutada e decidir por si mesma se essa foi uma boa ideia.

Avery irritou-se por dentro, mas pode ver que a novidade deixou Kellaway muito feliz. A jovem agente não conseguiu esconder seu entusiasmo.

- Senhor, eu não quero que pareça que nós estamos atacando a família em grupo – Avery disse. – Não quero intimidá-los.

Dessa vez, Connelly deu de ombros.

- Pode ser seu último caso conosco, certo? Vejo que é uma ótima oportunidade para ter uma novata aprendendo com você. Mostre seu jeito, como você faz as coisas, tudo. Agora, se vocês me dão licença...

Então, Connelly voltou para sua sala. Ele fez praticamente uma cena de teatro ao fechar a porta.

Avery virou-se para Kellaway, esperando não demonstrar a irritação em seu rosto. Ela na verdade respeitava muito o fato daquela mulher ter ousado falar de maneira tão audaz com Connelly. Percebeu, então, que deveria dar uma chance àquela jovem agente.

- Kellaway, certo? – Avery disse.

- Isso.

- Você pode buscar os dados do parente mais próximo de Alfred Lawnbrook? Deve ter algum relatório dos agentes Miles e Mackey. Traga até o meu esc—o escritório do Finley—assim que você puder, e vamos sair logo.

- Claro – Kellaway disse. – E ei... desculpe por ter feito você ter que trabalhar comigo. Eu só queria ajudar.

- Sem problemas – Avery disse, já caminhando em direção à sala que um dia fora sua.

E assim, ela tinha uma nova parceira, ainda que não oficialmente. Avery sentiu uma pontada por dentro, uma lembrança da química entra ela e Ramirez. Mas a afastou o quanto pode. Ela não deixaria os fantasmas de seu passado a atormentarem em meio a um caso. Poderia lidar com aquilo depois, em outro momento e de outra maneira, mas por enquanto, estava ocupada em fazer sua vida voltar para um estado familiar.

No entanto, ao entrar em sua antiga sala e perceber que se sentia como uma estranha ali dentro, perguntou-se se seria tão fácil como tinha imaginado.

A verdade é que Avery estava gostando de Kellaway. Ela percebeu isso no momento em que as duas estavam no carro, dirigindo em direção à casa de Phyllis Lawnbrook. Avery raramente sentia algo tão certo sobre alguém logo de cara, mas algo em Kellaway simplesmente a agradou. Ela podia imaginar Kellaway vários anos antes, talvez com a idade de Rose. Provavelmente, ela tinha um *piercing* no nariz. Provavelmente, tinha pelo menos duas tatuagens escondidas sob o uniforme. Na faculdade, provavelmente costumava ouvir músicas comerciais e tinha experimentado alguma droga.

Todas essas eram suposições, claro. Mas havia algo no olhar de Kellaway que trazia tudo aquilo à mente de Avery. E ela geralmente era muito boa em julgar pela aparência.

- Então, por que você veio de Nova York? – Avery perguntou.

- Coisas de família – Kellaway respondeu. – Minha mãe ficou doente. Ela está em uma clínica de longo prazo por aqui agora. Ela só tem a mim, então eu vim para cá.

- Há quanto tempo você estava na polícia em Nova York?

- Um ano e meio – Kellaway disse. – Eu sei... ainda sou novata. Então, por favor, acredite quando eu digo que é um privilégio trabalhar com você.

- Obrigada – Avery disse.

- Não, é sério. Eu ouvi falar de alguns de seus casos mesmo quando estava em Nova York. E aí eu vim para cá e algumas coisas que falam de você—é como trabalhar com uma lenda, sabe?

Os elogios estavam começando a deixar Avery desconfortável. Mesmo assim, ela tentou permanecer calma e educada. Além disso, lembrou-se de como era em seus primeiros anos, querendo aprender tudo das pessoas que estavam em cargos maiores.

- Se você não se importar, queria perguntar – Kellaway disse, - como foi visitar Howard Randall depois de tudo? Eu sei que a mídia falou muita besteira sobre você ter ido atrás dele buscando dicas, mas eu achei aquilo genial.

Avery segurou o volante com mais força e focou na estrada. Ela olhou para o GPS e viu que o caminho ainda levaria oito minutos para ser completado. Se ela permitisse que Kellaway continuasse, seriam longos oito minutos.

- Correndo o risco de parecer uma veterana otária – Avery disse – não vamos falar sobre isso. Eu voltei há menos de um dia e não quero falar dos meus casos antigos. Especialmente aqueles envolvendo Howard Randall.

- Meu Deus, desculpe. Eu não posso nem imaginar como deve ter sido sentar na frente dele e—

- Pare – Avery disse, que uma maneira muito menos educada do que pretendia. Pontadas de raiva surgiram em seu estômago.

Kellaway parou de falar no mesmo momento. Ela assentiu, triste, e então olhou pela janela. Avery arrependeu-se de ter sido ríspida, mas ao mesmo tempo, sentiu que a jovem merecia. Afinal de contas, ela estava ali para ajudar naquele caso e aprender algo para seu futuro—e não para discutir o passado de Avery.

Talvez você nunca vá conseguir fugir do seu passado, Avery disse a si mesma. *Talvez ele vá te seguir até você morrer*. Era um pensamento triste, mas a imagem da carta de Howard a fez pensar que talvez aquilo fosse verdade.

Elas seguiram em silêncio e o pensamento de Avery mais uma vez lembrou-se da encomenda de Howard, e ela perguntou-se, de novo, como Randall havia descoberto onde ela estava morando.

CAPÍTULO ONZE

Quando Avery bateu na porta, Phyllis Lawnbrook atendeu com um prato de lasanha em mãos. Foi algo peculiar à primeira vista, mas Avery entendeu a situação. Phyllis era uma mulher grande, com certeza com mais de quarenta quilos acima do peso. Ela parecia cansada, mas de bom humor.

Após introduções rápidas, Phyllis as convidou par entrar. Ao levá-las até a sala, Avery viu alguns detalhes que lhe fizeram entender porque a mulher havia lhes atendido com um prato na mão. Havia sacos de salgadinho vazios pelo chão e muita louça suja na pia da cozinha. O lugar cheirava a *brownie*. Aparentemente, Phyllis comia compulsivamente.

- Os outros que vieram eram só agentes da polícia – Phyllis disse ao sentar-se no sofá que já estava moldado a seu corpo. – Você disse que é detetive. Isso significa que a morte do meu filho é agora uma prioridade maior do que era há cinco dias?

- Não, senhora – Avery disse. – O caso sempre foi de alta prioridade. Eu fui chamada porque eles queriam uma visão diferente. Até agora nós temos poucas informações sobre quem pode ter feito isso com seu filho. E eu espero poder mudar isso.

- Bem, eu já falei para os outros tudo o que eu sei – Phyllis disse. Ela colocou um pedaço de lasanha generoso na boca e olhou para Avery e Kellaway como se estivesse esperando que elas dissessem algo.

- Você mora sozinha, senhora Lawnbrook? – Avery perguntou.

- Sim. Meu marido teve um ataque cardíaco há quatro anos. E agora eu perdi meu único filho. – ela franziu a testa e então colocou mais um pedaço de lasanha na boca. Depois, tomou um gole do que parecia um chá gelado.

- E com que frequência você via Alfred?

- Pelo menos duas vezes por semana. Ele sempre vinha jantar às sextas. E vinha mais uma vez durante a semana, dependendo do cronograma do trabalho dele.

- Alfred trabalhava em casa, certo? – Avery perguntou.

- Sim. Algo com design de livros sobre mecânica.

- E pelo que eu sei, ele não saía muito. Ele não gostava muito de estar entre outras pessoas, certo?

- Certo. Ele foi assim desde o ensino fundamental, quando as crianças tiravam sarro por causa dos óculos dele. Ele tinha amigos, mas não muitos. Era uma criança que, no ensino médio, ia ao clube de xadrez e ao grupo de debates.

- Você sabe se ele tinha algum amigo recentemente? – Avery perguntou. Ela sabia que Kellaway estava a seu lado, ouvindo tudo com atenção.

- Nenhum amigo próximo – Phyllis disse. – As únicas pessoas de quem eu ouvi ele falar eram aquelas com quem ele trabalhava. Eles tinham chamadas semanais via Skype para discutir algumas coisas, acho que ele gostava desse ‘escritório virtual’. Ele socializava sem ter que estar perto das pessoas.

- Ele chegou a falar mal de alguém com quem ele trabalhava?

- De vez em quando, sim. O chefe dele era duro e às vezes exagerava nos *deadlines*. Mas Alfred nunca teve muita raiva disso, sabe?

- E vocês dois? – Avery perguntou. – Vocês tinham uma relação saudável?

- Acho que sim – Phyllis disse, colocando seu prato vazio na mesinha de café. – Alfred ficou mais fechado ainda quando o pai dele morreu. Então, às vezes ele vinha até mim com problemas que teoricamente ele teria que conversar com o pai dele. Isso nos levou a algumas conversas estranhas, com certeza. Então, sim... nós tínhamos uma relação boa. As únicas discussões que tivemos foram quando ele me pedia para comer melhor.

- E ele tocava nesse assunto por preocupação ou por outro motivo? – Avery perguntou.

- Preocupação, de verdade - ela disse. – Ele tinha medo de perder a mãe. E acredite ou não, eu não fui sempre assim. Eu comecei a comer descontroladamente depois que meu marido morreu. A comida sempre me acalmou.

- Senhora Lawnbrook, tenho outra pergunta... uma pergunta estranha, talvez. Você sabe se Alfred teve algum animal de estimação nos últimos anos?

- Não, ele nunca teve animais. Tivemos um gato aqui quando ele era novo, mas o cachorro de um vizinho invadiu nosso cercado e o devorou na frente do Alfred. Desde então ele se recusou a ter outro animal.

- Então eu imagino que ele nunca teve motivos para frequentar um pet shop?

- Não que eu saiba. Por que a pergunta?

- Por conta das aranhas... estou tentando entender porque elas foram usadas pelo assassino. Você consegue imaginar alguma conexão entre seu filho e aranhas ou insetos?

Antes que Phyllis respondesse, Avery pensou em algo. Um pensamento que a fez sentir-se mal e, pela primeira vez desde a ligação para Connelly no dia anterior, a fez desejar não ter voltado para o trabalho.

Você estava lá e perdeu a chance, ela pensou. Era óbvio, estava bem na sua frente... e você deixou passar.

- Não sei se isso ajuda ou não – Phyllis disse, - mas ele ia bastante ao museu. Aquele museu de ciência. Eles têm um jardim de borboletas lindo, sabia?

- Sim, ouvi falar – Avery disse. – Você por acaso não sabe de alguém que Alfred possa ter conhecido durante as visitas ao museu, sabe?

- Infelizmente não.

- Bom, obrigada pelo seu tempo. Por favor nos ligue se você pensar em algo a mais que possa ajudar a investigação.

Quando elas saíram da casa, Avery mal notou que Kellaway havia ficado quieta o tempo todo. Ela não estava tímida, na verdade.

Simplesmente, estava mostrando a Avery que, por ora, não falaria a não ser que fosse convidada. E, naquele momento, Avery estava bem com aquilo. Ela estava muito ocupada culpando-se por não ter explorado aquele caminho em sua visita ao museu, mais cedo.

No entanto, parecia estranho. Johansson parecia conhecer o caso. E sendo um dos etimologistas do museu, ele provavelmente era uma figura importante no jardim de borboletas. Se Lawnbrook costumava frequentar o local, ele não teria visto Alfred em algum momento?

Provavelmente, ela pensou. Mas ele provavelmente vê centenas de visitantes toda semana. E as fotos de Alfred ainda não estão espalhadas pela mídia.

Mesmo assim, era algo curioso... e trazia a melhor pista que Avery tinha até então.

CAPÍTULO DOZE

De volta ao museu, Avery não perdeu tempo e foi direto à sala de Johansson novamente. No entanto, a encontrou vazia, com as fotos de todos os insetos olhando-a, como se fossem os protetores do etimologista. Vazia, a sala era estranha. Era muito fácil imaginar que todos aqueles insetos nas paredes haviam ganhado vida e devorado Johansson.

- Você conhece esse cara? – Kellaway disse, finalmente quebrando o silêncio. Ela fez uma leve expressão de nojo ao olhar para as fotos.

- Nós conversamos recentemente – Avery respondeu.

Elas saíram da sala de Johansson e usaram um mapa do museu para saber onde ficava o jardim de borboletas. O jardim era uma exibição permanente que ficava ao lado do prédio e tinha vista para o rio Charles. Ao se aproximarem da entrada, Avery e Kellaway descobriram que, naquele momento, havia uma turma de ensino fundamental conhecendo o jardim. Elas ficaram distantes das crianças ao entrarem no local. Avery tentou encontrar algum funcionário para ajudá-las, mas distraiu-se um pouco com o visual do lugar.

De fato, era um lugar muito lindo. A vegetação era bem cuidada e o teto de vidro alto e arqueado dava ao jardim uma sensação de liberdade. Enquanto as crianças estavam a muitos metros de distância conversando e gritando, um homem apareceu ao longe—alguém de meia idade, abaixado e observando uma série de miniaturas de árvores e flores.

- Com licença – Avery disse, mostrando seu distintivo de uma maneira que, após três meses de ausência, acabou sendo mecânica. – Você poderia me informar onde Donald Johansson está? Ele não está na sala dele.

- Não sei – o jardineiro disse. – Mas de vez em quando ele aparece aqui.

- Tem alguém por aqui com quem nós podemos falar sobre um visitante frequente? – Kellaway perguntou.

- Sim. Seria Leslie Vickers. Ela é aquela lá, guiando as crianças pelo jardim. Mas logo ela vai passar a tarefa para uma assistente. Acho que a parte dela está acabando, se vocês quiserem esperar.

Avery e Kellaway agradeceram e novamente encontraram-se seguindo o grupo de alunos. Avery olhou para as crianças e, à frente, viu uma mulher

alta de cerca de quarenta anos. Ela pareceu perceber que havia duas mulheres seguindo as crianças, mas fez o possível para não se distrair.

Três minutos depois, a mulher—aparentemente Leslie Vickers—parou em um local que parecia um pátio em miniatura. As crianças sentaram-se em uma série de bancos e cadeiras, em círculo, prestando atenção enquanto a mulher terminava seu discurso sobre a beleza não só das borboletas, mas de toda a natureza.

Ao terminar, a mulher sorriu para as crianças e afastou-se, enquanto uma assistente mais jovem passou a tomar conta do grupo.

Vickers aproximou-se de Avery e Kellaway com um sorriso hesitante.

- Posso ajudar vocês com algo? – ela perguntou.

- Sou a Detetive Avery Black – Avery disse, novamente mostrando seu distintivo. – E essa é minha parceira, a oficial Kellaway. Esperamos que você possa nos ajudar a descobrir algo sobre um caso de assassinato no qual estamos trabalhando. A vítima aparentemente frequentava o jardim de borboletas bastante.

O rosto de Vickers pareceu murchar. Avery pode ver que ela já sabia de quem as agentes estavam falando.

- Você está falando sobre Alfred Lawnbrook? – ela perguntou.

- Sim – Avery respondeu. – Como você sabe?

Ela encolheu os ombros de uma maneira triste e encostou-se em um móvel de madeira. Acima de sua cabeça, três borboletas saíram voando.

- Alfred vinha muito aqui. Alguns de nós conhecíamos ele. Ele era tímido, mas quando se sentia confortável, não parava de falar.

- Imagino então que você tenha conversado com ele algumas vezes – Avery disse.

- Sim, claro. Pelo menos umas dez ou doze, eu diria. Ele parecia sempre reflexivo. Talvez um pouco triste, também.

- Falando com ele, você pode entender por que ele vinha tanto aqui?

- Ele dizia que gostava da ideia da metamorfose—de como as borboletas evoluíam de pequenas lagartas. Ele gostava da ideia de que algo feio se tornava uma criatura tão bonita. Eu nunca perguntei diretamente, mas imagino que ele teve uma infância conturbada ou algo assim.

- Alguma vez ele mencionou aranhas em suas conversas? – Avery perguntou.

- Eu fico tentando lembrar – Vickers disse. – Desde que eu soube dessa notícia terrível, eu tenho tentado lembrar de alguma pista ou de algum

prenúncio de que isso aconteceria. Mas eu sinceramente não lembro dele falar em aranhas. Se ele falou, certamente não foi muito.

- E sobre outros insetos? – Kellaway perguntou.

- Eu diria que não, mas houve um dia que eu falei de besouros, por algum motivo. Ele pareceu ficar bem desconfortável. Levantou-se e começou a caminhar.

- Alguma indicação de que ele tinha inimigos? – Avery perguntou. – Ou pessoas de quem ele não gostava?

- Não – Vickers respondeu. – Ele nunca mencionou nenhuma namorada, nem amigos. Às vezes ele falava sobre trabalho e sobre a mãe dele. Também sei que o pai dele morreu há um tempo. Mas ele nunca falou mal de ninguém ou disse que tinha medo de alguém em particular.

- Você sabe se tem alguém com quem ele conversava frequentemente?

- Sim. Ele e Donald Johansson conversavam de vez em quando.

- Sério? – Avery perguntou.

- Sim. Eu não diria que eles eram amigos, mas eu sei que eles conversavam bastante. Vi com meus próprios olhos.

Por que Johansson mentiria sobre isso? Avery perguntou-se.

- E você sabe onde posso encontrá-lo? – ela perguntou.

Vickers sorriu e apontou.

- Sim, na verdade, ali vem ele.

Avery e Kellaway viraram-se para trás. Johansson havia acabado de perceber a presença delas e estava congelado no meio do jardim. A expressão no rosto dele ao ver Avery dizia tudo o que ela precisava saber: ele estava escondendo algo.

Como um tubarão quando sente o cheiro de sangue na água, Avery não perdeu tempo. Ela seguiu na direção dele imediatamente, com passos firmes.

- Senhor Johansson, bom te ver novamente – disse.

- Sim, verdade – ele disse. Mas seu tom indicava que ele não estava nenhum pouco feliz.

- Com todo respeito – Avery disse, - não posso deixar de imaginar que você mentiu para mim quando nos falamos mais cedo. Bom, ou ao menos omitiu algo.

Johansson olhou em volta e assentiu.

- Sim, acho que sim.

- Espero que você tenha um excelente motivo – Avery disse. – Do contrário, vou precisar prendê-lo na frente dos seus colegas.

Johansson suspirou e assentiu.

- Poderíamos ir até minha sala novamente? – ele perguntou.

Na verdade, Avery preferiria ficar no jardim de borboletas ao invés de ir novamente até aquela sala cheia de fotos de insetos na parede. Mesmo assim, ela concordou:

- Vamos lá.

Ele as levou para fora do jardim com direção ao segundo andar do museu. Avery olhou o jardim pela última vez, e depois para Kellaway, que estava tentando esconder seu olhar confuso. Avery não se preocupou muito com aquilo. Ela sabia que Kellaway entenderia tudo em alguns minutos.

- Sim, eu conhecia Alfred Lawnbrook das visitas frequentes que ele fazia ao jardim de borboletas – Johansson disse ao sentar-se. – Ele era um jovem isolado que claramente tinha muitos problemas sociais, e por isso eu e outros funcionários costumávamos tentar conversar com ele.

- E por que você não me contou isso quando eu estive aqui há duas horas? – Avery disse. – Você teria me feito economizar muito tempo e trabalho.

- Porque eu estava tentando proteger alguém de quem eu gosto muito.

- Você está me dizendo que conhecia Lawnbrook além das conversas no museu?

- Não – Johansson disse. Avery pode ver que havia lágrimas nos olhos dele, uma indicação clara de que uma revelação importante estava por vir. – Mas eu conheço alguém que conhecia ele muito bem. Um ex-funcionário do museu chamado Stefon Scott. Ele foi demitido mês passado. Conheço bem Stefon porque fui o mentor dele quando ele entrou no museu.

- E qual é a ligação dele com Alfred Lawnbrook? – Avery perguntou.

- Depende para quem você perguntar – Johansson disse. – Alguns diriam que eles tinham uma amizade muito forte. Mas eu sei a verdade... e descobri sem querer. A verdade é que Alfred e Stefon se conheceram no jardim de borboletas há cerca de um ano e se deram muito bem. Eles desenvolveram uma relação romântica que tentavam esconder. Esconderam bem, exceto pelo dia em que eu ouvi Stefon falando com Alfred no

telefone. Escutei o suficiente para entender, então Stefon confessou para mim. Me contou que estava feliz, mas que era estranho, também. Ele não sabia que era gay até que o momento em que Alfred apareceu na vida dele, pelo jeito. Mas ele também me pediu segredo. E já que ele tinha se tornado como um segundo filho para mim aqui no museu, eu decidi manter essa promessa quando você esteve aqui mais cedo. Peço desculpas pelo inconveniente.

Deixando de lado a irritação por ter sido enganada, Avery seguiu seu trabalho.

- Você disse que o senhor Scott foi demitido no mês passado. Por que?

Neste momento, Johansson já não estava conseguindo olhar para Avery. Ela podia ver a confusão na expressão dele—a luta entre saber que precisava contar a verdade e manter a promessa feita a um amigo. Por fim, ainda sem olhar para Avery ou Kellaway, ele respondeu. Sua voz estava embargada e ele tentou segurar o choro.

- Eu conheço Stefon muito bem – ele disse. – Posso te dizer, do fundo do meu coração, que ele não seria capaz de fazer o que fizeram com Alfred Lawnbrook.

- O que ele fez? – Kellaway perguntou. – Por que ele foi demitido?

- Ele era obcecado por aranhas... tanto que começou a levar algumas para casa. Quando o museu descobriu, multaram e demitiram ele. Nós achamos que ele não chegou a devolver todas.

Avery levantou-se e bateu com a mão na mesa.

- Você conhecia alguém obcecado por aranhas e envolvido com Alfred Lawnbrook... e você achou que essa informação não deveria ser compartilhada quando eu estive aqui há duas horas?

- Desculpe, eu—

- Agente Kellaway, algeme esse cara e leia os direitos dele.

- Mas eu— Johansson tentou falar.

- Agora você quer falar, claro – Avery disse, virando-se enquanto Kellaway fazia o que lhe fora pedido.

Avery pegou seu telefone e ligou para Connelly. Ela imaginou que, se conseguisse o endereço de Stefon Scott, o caso poderia ser resolvido dentro de uma hora. Os gritos de Johansson atrás dela enquanto Kellaway o algemava só serviram para fortalecer essa sensação.

CAPÍTULO TREZE

Avery estacionou em frente à casa de um andar de Stefon Scott quarenta minutos depois. Ele morava em uma das pequenas casas de tijolos na região de Bay Village. Quando ligou para o A1 para pedir o endereço e informações sobre Scott, Avery também havia ficado sabendo que ele seguia desempregado, sem ter conseguido um trabalho desde que fora demitido do museu.

O timing é quase perfeito, ela pensou ao subir as escadas com Kellaway até a porta frontal. Ele foi demitido há um mês por roubar aranhas... e Lawnbrook foi morto com aranhas há pouco mais de uma semana. A sequência dos fatos é quase perfeita demais para ser verdade.

A porta não foi aberta por Stefon Scott, mas sim por uma mulher vestida com uma camiseta preta de banda e calça de moletom. Seu cabelo era vermelho, quase neon, e ela tinha um *piercing* no nariz e outro na boca. A tatuagem de uma aranha enorme decorava seu antebraço.

- Estamos procurando Stefon Scott – Avery disse.

A mulher—de aparentemente vinte e dois anos, no máximo—virou os olhos.

- Quem são vocês?

- Detetive Avery Black e Oficial Courtney Kellaway. Ele está em casa?

A garota assentiu e deu um passo atrás.

- O que vocês querem? – ela perguntou.

- Para o seu bem – Avery disse, - espero que não seja da sua conta.

Onde ele está?

- Ainda está dormindo – a garota disse.

- São três da tarde – Kellaway pontuou.

- Ficamos acordado até muito tarde – a garota disse. – E Stefon anda depressivo desde que perdeu o emprego. Ele dorme muito.

- Você precisa acordá-lo – Avery disse, calma.

- Ok, tudo bem. Sentem-se ali na sala – a garota disse ao fechar a porta.

Enquanto a garota seguiu por um pequeno corredor nos fundos da casa, Avery e Kellaway foram até a sala. O cômodo ficava logo após o pequeno hall, e apesar de não estar destruído, precisava de uma reforma. Havia livros

espalhados por todos os lados, assim como folhas impressas na mesa de café. Avery olhou algumas das folhas. Algumas eram tablaturas de violão; outras pareciam ser o começo de artigos sobre aranhas que Stefon tinha tentado escrever.

- Detetive Black – Kellaway disse.

Avery olhou para o outro lado da sala, onde Kellaway estava observando algo ao lado do sofá. Ao juntar-se a Kellaway, ela viu um vidro enorme, quase que totalmente coberto por um lençol preto. Kellaway puxou vagarosamente a parte do lençol que estava de frente para elas.

Havia três aranhas dentro do vidro. Avery não era especialista em aranhas, mas imaginou que fossem tarântulas—se não fossem tarântulas, eram de uma espécie parecida. Duas das aranhas estavam imóveis, enquanto a terceira moveu-se ao perceber o repentino movimento no lençol.

Atrás delas, Stefon Scott entrou vagarosamente na sala, claramente ainda afetado pelo sono.

- São tarântulas-lobo – ele disse. – Também conhecidas como tarântulas *lycosa*.

- Por que você tem isso em casa? – Avery perguntou.

Ele encolheu os ombros de uma maneira que Avery não sabia porque, mas a irritou.

- Eu gosto de aranhas. Tenho mais algumas no quarto. Tive pelo menos duas de estimação desde os meus doze anos.

Scott sentou-se no sofá e olhou para as agentes. Avery pode perceber que ele estava ciente de que a situação provavelmente ficaria tensa. Ele estava fazendo o possível para convencê-las de que não estava preocupado com a visita.

- Soubemos do seu interesse em aranhas através de Donald Johansson – Avery disse.

Stefon assentiu devagar, olhando para o vidro.

- Se vocês estão aqui comigo agora - ele disse, - eu imagino que não é só isso que vocês sabem sobre mim.

- Exatamente – Avery disse. – Ele nos contou sobre sua relação com Alfred Lawnbrook. Posso imaginar que você soube do que aconteceu com ele.

- Sim – ele disse. – Então imagino que vocês estejam aqui para descobrir por que eu e ele estávamos juntos, certo? Eu não era... não...

merda. Eu nem sei. Digo, nós não tínhamos nada concreto, sabe. Era só... algo físico.

- Certo, então quem é a garota que atendeu a porta? – Kellaway perguntou.

- Uma menina com quem eu ando saindo nas últimas semanas. Conheci ela na internet... num fórum de amantes de aracnídeos.

- Foi assim que você conheceu Alfred? – Avery perguntou. Ela sabia que eles não tinham se conhecido pela internet, de acordo com as informações de Johansson, mas queria ver o que Stefon responderia.

- Não. Conheci ele no jardim de borboletas no museu, quando ainda trabalhava lá. Conversamos algumas vezes e eu soube que ele tinha pavor de aranhas. Tipo, *pavor*. Achei aquilo interessante. Conversamos um pouco mais, uma coisa levou a outra e, uma semana depois, ele veio passar a noite aqui.

- Você disse que vocês não estavam mais saindo quando ele morreu – Avery disse. – O que aconteceu?

- Era uma relação de amor e ódio. Ele odiava minhas aranhas, me achava estranho. Eu o assustava, mas acho que algo no medo dele me atraía. Acho que talvez ele queria se livrar do medo ou explorá-lo. Ou... não quero falar mal de alguém que já se foi, mas eu estava começando a imaginar se o medo dele de aranhas estava ajudando na nossa relação. Eu acho que saber que havia aranhas no quarto quando nós íamos para a cama fazia ele ficar excitado. Não sei.

- E você foi demitido do museu por roubar aranhas, certo?

- Sim. Não foi meu melhor momento.

Avery estava incomodada com o papo furado. Ela já havia sido enganada por Johansson e não pretendia deixar Stefon Scott fazer o mesmo.

- Você parece bem calmo e relaxado – Avery disse. – Você sinceramente não sabe por que nós estamos aqui?

- Para coletar informações sobre o que aconteceu com Alfred, eu imagino. Mas como eu disse... já não via ele há um tempo.

- Você não pode ser tão ingênuo – Avery disse. – Você tem um fascínio por aranhas. Você roubou aranhas do museu. Você teve uma relação sexual com um homem recentemente assassinado que foi torturado com aranhas...

- Espere aí – Stefon disse. – Espere. Você acha que *eu* matei ele?

- Os sinais apontam para isso – Avery disse. – Analise a situação do nosso ponto de vista. Parece algo muito simples. Vou pedir que você vá

comigo até à polícia para um interrogatório.

- Então só porque eu *roubei* algo do trabalho, você acha que eu sou capaz de matar a sangue frio?

- Não estou afirmando isso no momento. Só preciso que você venha conosco. Você pode vir por vontade própria ou tornar tudo mais difícil do que tem que ser.

- Primeiro – Stefon disse, levantando-se. – Eu jamais machucaria Alfred de propósito. Ele tinha problemas emocionais, e acho que foi por isso que ele se envolveu em uma relação gay, mesmo nunca tendo tido uma heterossexual—mesmo ele jurando ser heterossexual. Ele só queria companhia. Era um cara do bem. Eu nunca o machucaria. Segundo... não tem como ter prova de que eu fiz isso. E sem provas... sério, o que você pode fazer?

- Muita coisa, na verdade – Avery respondeu.

De repente, Kellaway deu um passo à frente.

- Mãos nas costas – ela disse.

- Vá se foder.

- Foi a pior resposta que você poderia ter dado – Avery disse. Ela juntou-se a Kellaway e, juntas, elas arrastaram Stefon para o chão. Ele tentou reagir por alguns segundos, antes de desistir completamente. Quando já estava algemado e novamente em pé, ele começou a chorar.

- Clarissa! – Stefon gritou. – Clarissa... estão me levando! Ligue para alguém, peça ajuda! E dê comida para as aranhas!

Algo no último comentário pareceu hilário para Avery, mas ela manteve sua compostura. Ela e Kellaway levaram Stefon até a porta da frente e então para o carro. Ao fechar a porta do carro, Avery viu a mulher que havia aberto a porta da casa—Clarissa, ao que parecia—correndo em direção a eles. Algo no fato de fechar a porta e deixar aquela mulher sozinha com as aranhas pareceu errado. A sensação era de estar trancando aquela mulher em sua própria tumba, e Avery não pode arrancar as imagens de Alfred Lawnbrook de sua mente.

A imagem a seguiu no caminho até a sede da polícia, enquanto Stefon Scott gritava e chorava no banco de trás.

CAPÍTULO QUATORZE

Ao chegar à sede do A1, Avery percebeu uma movimentação intensa no estacionamento e em volta do prédio. Uma raiva repentina tomou conta de seu corpo, mas ela tentou se controlar.

- Que? – Kellaway perguntou. – O que é isso?

- A imprensa – Avery disse. – Eles souberam do caso. E isso vai dificultar as coisas daqui para frente.

- Ah – Kellaway disse, olhando atentamente para a movimentação enquanto Avery estacionava o carro.

Havia três vans da imprensa paradas em frente ao prédio. Muitas pessoas estavam paradas na calçada que levava às portas frontais, repórteres e cinegrafistas apenas esperando a chance de conseguirem algo para os jornais das seis. Outra van chegou ao estacionamento pelo lado oposto, estacionando próximo às outras.

De alguma maneira, a mídia sabe que eu estou nesse caso, Avery pensou. Não que ela achasse que merecia atenção, mas sabia como a imprensa funcionava. Detetive Vítima Retorna ao Trabalho no Caso Sinistro das Aranhas. Seria isso ou Detetive obcecada por Howard Randall Volta à Ativa em caso Bizarro.

Algo nesse sentido. E ela nem os culpava. Se algo a mais acontecesse, a notícia estaria com certeza na capa dos jornais.

Avery pensou em entrar pelos fundos do prédio, mas a ideia não ajudou muito. Havia uma equipe da mídia por lá também. E no momento em que estacionou o carro e saiu com Stefon Scott, muitas pessoas começaram a correr em volta do prédio. Enquanto caminhava rapidamente com Kellaway em direção ao prédio e carregando Stefon, Avery viu as câmeras sendo ligadas e cerca de oito pessoas falando ao mesmo tempo. Ela abaixou a cabeça e respirou fundo, recusando-se a entrar em desespero.

“Detetive Black, por que você entrou neste caso?”

“Você voltou em respeito à memória do Detetive Ramirez?”

“Por que esse homem está sendo preso, Detetive? Ele é suspeito no caso?”

“Você acha que Howard Randall está morto mesmo sem o corpo dele ter sido encontrado?”

“Alguma pista no caso das aranhas?”

Com muito esforço, Avery alcançou a porta. Ela carregou Stefon Scott consigo, mas Kellaway desapareceu de vista. Avery procurou em meio à multidão e viu sua parceira perdida em meio aos repórteres. Ela parecia assustada e sem saber o que fazer. Avery, no entanto, não se irritou, e sim sentiu pena de Kellaway. Os profissionais da mídia poderiam ser verdadeiros urubus que sentiam o cheiro de sangue de muito longe.

Avery empurrou Stefon em direção ao primeiro agente que viu no corredor e então voltou até a porta, saindo. Ela precisou esbarrar em um cinegrafista e quase derrubou uma repórter para alcançar Kellaway. Felizmente, a oficial não estava dando nenhuma informação mas, mesmo assim, os repórteres estavam conseguindo confundi-la.

“Como você se tornou parceira da Detetive Black?”

“Há quanto tempo você está na polícia?”

“Esse homem algemado é o assassino?”

“Você pode dizer seu nome, por favor?”

Avery segurou o braço de Kellaway e caminhou em meio à multidão. Alguns pareceram ficar irritados, especialmente quando ela esbarrou na mesma repórter em quem havia esbarrado na saída. Ela conseguiu entrar e levar Kellaway consigo e respirou aliviada quando as portas se fecharam.

- Perdão – Kellaway disse. – Eu não tinha ideia de que poderia ser assim... que porra é essa?

- Tudo bem – Avery disse. – Você foi bem. Eles podem ser monstros se você deixar. Não se cobre tanto. Apenas deixe para lá e foque novamente.

- Ei, Detetive Black?

Avery olhou para trás e viu o agente para quem ela tinha praticamente empurrado Stefon Scott. Ele parecia confuso, segurando um homem que havia finalmente parado de chorar.

- Desculpe – Avery disse. – Você pode levá-lo à sala de interrogatórios?

O agente assentiu e seguiu pelo corredor. Avery o seguiu, em direção ao escritório de Connelly. Kellaway a seguiu e as duas encontraram a sala vazia.

- Telefone agora e chame Connelly e O'Malley – Avery disse. – Conte para eles quem está aqui e o que ele fez. Diga que eu pretendo começar o interrogatório em quinze minutos, se eles quiserem participar.

Kellaway fez o que lhe foi pedido mas, ao ligar para o primeiro número, ficou claro que ela estava achando tudo pouco ortodoxo. E Avery concordava. Ela certamente deveria esperar a chegada de todos os interessados antes de começar o interrogatório. Mas ela havia entrado no caso tarde demais, e sentia que precisava recuperar o tempo perdido.

Ela olhou para o fundo do corredor onde, através de uma porta de vidro, ainda podia ver a imprensa lá fora, como um ninho de vespas. Aquele caso era muito bom—muito bizarro, e eles não poderiam deixar de aproveitar. Avery entendeu aquilo, e começou a se perguntar se o nível de absurdo e a natureza do caso poderiam estar, de certa forma, relacionados com os motivos do assassino.

Com aquele pensamento em mente, ela caminhou em direção à sala de interrogatórios. Pensou nas aranhas no vidro na casa de Stefon e na maneira como ele havia reagido à mera insinuação de que havia matado Lawnbrook. Deixou as ideias entrarem em sua mente enquanto esperava por O'Malley e Connelly.

Avery não sabia se era pela emoção dos acontecimentos ou pela sensação familiar de estar de volta ao trabalho—mas encontrou-se caminhando de um lado para o outro, inquieta. Perguntou-se, então, se ela própria não seria também uma vespa, voando em volta do ninho, pronta para atacar.

Stefon não estava mais chorando quando Avery juntou-se a ele na sala de interrogatórios. Por fim, ela o fez esperar por quase uma hora. Não apenas para dar a O'Malley a Connelly tempo para chegar, mas também para deixar Stefon pensar nos acontecimentos daquela tarde. Ela o assistiu através de um monitor na sala ao lado, vendo a expressão daquele homem mostrar vários sentimentos. Ele parecia pensativo, depois triste, melancólico, depois assustado.

Agora, sentada em frente a ele, Avery esperou um momento para que ele se acostumasse com sua companhia. Ela tinha o derrotado tanto nas palavras quanto nas habilidades físicas em sua casa, e ele precisava ser lembrado daquilo através do silêncio. Avery sabia que O'Malley, Connelly e Kellaway estavam vendo tudo no mesmo monitor que ela observara cinco

minutos antes. Pensou em Kellaway e em como o rumo daquele interrogatório poderia ensinar algo para sua nova parceira.

- Você consegue lembrar de todos os lugares onde você esteve na última semana ou nos últimos dez dias? – Avery perguntou. Seu tom de voz era gentil e tranquilo, claramente nada do que Stefon estava esperando.

- Não fiz muitas coisas – ele disse. – Passei a maior parte do tempo em casa, com Clarissa.

- E há quanto tempo ela estava na sua casa?

- Hoje faz três dias que ela começou a *ficar* lá. Mas ela já tinha vindo algumas vezes antes.

- Quando foi a primeira vez? – Avery perguntou.

- Três semanas atrás, talvez?

- Você ainda estava envolvido fisicamente com Alfred Lawnbrook até então?

- Essa pergunta é pessoal.

- Sim, eu sei. Mas Alfred Lawnbrook está morto, então não acho que isso vá prejudicar você ou ele. Então... você estava envolvido com Alfred quando começou a ver Clarissa?

- Não, na verdade – Stefon disse, desviando o olhar de um jeito envergonhado. – Digo, nós tínhamos nos visto alguns dias antes de eu convidar Clarissa para ir lá em casa. Mas como eu disse... não havia um relacionamento com Alfred. Só divertimento.

- E ele sabia disso?

- Sim. Nós dois queríamos que fosse assim.

- Antes da estadia de três dias, quando foi a última vez que Clarissa tinha te encontrado?

Stefon pensou por um instante antes de responder.

- Dois dias antes. Passamos o dia juntos. Almoçamos, voltamos para minha casa e fizemos nossas coisas. Jantamos. Ela foi embora perto da meia-noite.

- Ela disse que vocês ficavam acordados até tarde. O que vocês faziam na madrugada?

- Não vou dar detalhes, mas... praticamente só sexo. Ela vai te dizer a mesma coisa. Nós dois somos... não sei. Loucos, eu acho.

- Loucos no mesmo sentido de você achar que Alfred ficava com tesão por saber que havia aranhas no quarto, mesmo sabendo que ele tinha pavor delas?

- Tipo isso.

- Bom, vamos falar com Clarissa para checar seus álibis. Se pudermos determinar onde você estava no período de vinte e quatro horas da morte de Alfred, você será liberado. Mas vai ter que ser algo preciso. Você tem que entender como o cenário parece ruim para você, ok?

- Sim – ele respondeu. – Mas eu juro... não fui eu. Sabe... mesmo se você não encontrar um álibi com Clarissa, pode ter algo no meu computador. Vocês podem analisar *log-ins* e *log-outs*, certo?

- Podemos. Por que a pergunta?

- O fórum onde eu conheci a Clarissa... eu vivo lá. Eu ando tentando fazer algumas conexões para escrever alguns artigos. Sobre aranhas e coisas assim. Algumas revistas online obscuras pagam bem por esse tipo de texto.

Avery lembrou-se de ter visto o começo de alguns artigos na mesa da casa de Stefon. Não era um álibi, mas algo a ser levado em conta.

- Vamos investigar isso – Avery disse. – Enquanto isso... você lembra de algo que Alfred disse que pode ter feito você pensar que ele tinha inimigos? Alguém que não gostava nada dele?

- Não. Ele era um cara quieto. Digo, ele tinha medo do que a mãe dele iria pensar se descobrisse que ele estava em um relacionamento gay, mas não... nenhum inimigo.

- E você sabe de mais alguém que sabia do medo intenso dele de aranhas? – Avery perguntou.

Mais uma vez, Stefon pensou na resposta antes de balançar a cabeça devagar.

- Não que eu saiba. Ele parecia ter vergonha disso. Então, acho que ele não contava para ninguém.

- E você contou para alguém sobre esse medo dele?

- Para Clarissa. Mas isso foi logo depois de eu descobrir que ele tinha morrido. Eu e ela brigamos por causa disso. Ela disse que esse seria um bom jeito de morrer e eu achei muito rude da parte dela.

Avery assentiu, relaxando um pouco. Ela tinha certeza de que Stefon Scott não tinha nenhuma relação com a morte de Alfred Lawnbrook. Mesmo que as pistas apontassem para ele, seu comportamento e sua vontade de que a polícia investigasse seu computador mostravam o contrário.

- Vamos precisar que você fique aqui até que seus álibis sejam validados – Avery disse, levantando-se. – Enquanto isso, sugiro que você faça o

possível para ser educado com todos que lhe fizerem perguntas. Entendido?

Ele assentiu, com dificuldades de olhar para ela.

- Sabe – ele disse, - tem uma coisa sobre Alfred que eu achava meio estranho... mas só lembrei disso agora.

- O que é? – ela perguntou.

- Ele estava aberto à possibilidade de encarar o medo de aranhas. Acho que esse é de fato o único motivo pelo qual ele continuava me visitando. Ele queria se livrar daquele medo. E eu sei que eu não o matei, mesmo que você ainda não esteja convencida. Mas... se ele queria se livrar desse medo tanto assim, eu não posso ser o único para quem ele tenha falado disso, certo? Algo mais deve saber. Alguém em quem ele confiava.

Era um bom ponto. Avery já havia pensado naquilo, mas as palavras de Stefon trouxeram um outro ponto de vista.

Ele queria se livrar do medo de aranhas.

Avery sentiu que aquilo significava algo, mas não tinha certeza do que. Mas ela achava que Stefon estava certo: se Alfred queria se livrar do medo, provavelmente ele havia contado a mais alguém. E se não fora sua mãe, então quem?

Era uma boa pergunta... uma pergunta para a qual ela precisava encontrar uma resposta logo.

CAPÍTULO QUINZE

Abby Costello viu sua mente viajando em estranhas direções enquanto seu corpo balançava e tremia. Fã convicta de filmes, ela já havia visto várias histórias onde alguém era sequestrado e colocado no porta-malas de um carro. Sempre achava aquilo surreal—já que um adulto não caberia ali dentro.

Era irônico, então, que agora ela estivesse justamente naquela situação. Mas *irônico* não era a melhor palavra, e sim *aterrorizante*.

Era uma boa definição, com certeza. Ela estava vendada e tinha algo amarrado em sua boca. Tinha certeza de que era uma mordaca. De fato, estava em um porta-malas, e tirando a dor nos joelhos, havia descoberto que era verdade: cabia um adulto ali.

Ela não tinha certeza de como havia chegado ali. Estivera animada quando seu paquera havia perguntado se ela gostaria de experimentar algo diferente. E quando ele puxara a mordaca e a venda, sua mente havia pensado duas coisas: primeiro, ficado animada e um pouco excitada; depois, desconfortável e com medo.

Abby sabia que era uma mulher bonita. Ela sabia desde o ensino médio, quando três caras haviam lhe convidado para a formatura, algo que havia sido reforçado na faculdade, quando duas brigas em festas haviam ocorrido por conta dela. Ela nunca tivera problemas em conquistar paqueras ou em chamar a atenção dos homens. Portanto, sempre tivera controle total de sua vida sexual. Poderia transar quando quisesse e dispensar quem quisesse, sabendo que encontraria um parceiro sempre que precisasse.

Ela tinha sentido uma ligeira vontade ao encontrar sua paquera naquela noite. Sabia que, provavelmente, dormiria com ele. Ele era querido e a tratara como uma rainha. Mas agora ela estava amordaçada e vendada no porta-malas dele. Agora, ela estava inalando a fumaça do carro que invadia o porta-malas.

Tudo ficou ainda mais assustador quando o carro parou. Ela imaginou que ele havia dirigido por cerca de meia hora. Tentou rolar, esperando conseguir escapar quando ele abrisse o porta-malas. Mas, quando ele o

abriu, segundos depois de desligar o carro, ela sentiu o ar frio e não teve nem ideia de onde estava.

Tentou falar com ele, e perguntar “*Onde estamos e por que você está fazendo isso?*”. Mas só conseguiu soltar um ruído abafado com a mordada na boca.

Abby sentiu a mão dele pegar seu pulso, que estava amarrado em suas costas com fitas que, uma hora antes, ela pensara que fariam parte da fantasia. Ele a puxou com facilidade, mas não com as mãos gentis que ela havia permitido que acariciassem seus seios minutos antes. Ele estava mais bruto agora, sem interesse nenhum nas partes íntimas dela.

- Estamos aqui – ele disse ao ajudá-la a se levantar.

Ela sentiu o amortecedor do carro pressionando suas pernas. Sem poder ver, podia apenas sentir e escutar para tentar imaginar onde eles estavam. Nenhum dos dois sentidos ajudou muito. A noite estava silenciosa e seu nariz ainda estava sentindo o cheiro da fumaça do porta-malas.

- Venha – ele disse no ouvido dela.

Abby tentou escapar, correndo. Ele a puxou de volta, com força.

- Tente de novo e eu quebro seu braço – ele disse. Sua voz parecia calma.

Ela começou a soluçar sob a mordada, emitindo um som que parecia um miado. Estava tremendo quando ele a levou pela escuridão. Três passos, seis, depois dez, vinte. Ela tinha certeza de que estava caminhando sobre um gramado e, depois, sobre terra batida.

Então, Abby ouviu madeira sob seus pés. Alguns passos depois, a madeira pareceu se movimentar, como se estivesse balançando.

Não, ela tentou dizer, mas conseguiu apenas gemer com a mordada na boca.

Apenas pensar em água já fez seus pulmões doerem. O pânico tomou conta dela e, de repente, ficou muito difícil respirar.

Deus, não. Por favor...

Ela congelou e tentou lutar contra ele. Se ele quebrasse seu braço, ela não ligaria. Ela precisava fugir. Seu sangue estava borbulhando de medo e o terror tomou conta de seu corpo inteiro.

Uma doca—estou em uma doca. Tem água, muita água... Mas onde? Deus...

Mesmo assim, ela lutou para respirar. O medo tomou conta de seus pulmões. Não havia nenhum pinga de água em seu corpo e, mesmo assim,

ela sentia que estava encharcada.

Ele não quebrou o braço dela. Ao invés disso, desferiu um soco nas costas, diretamente no rim. Ela curvou-se e caiu, e sem dar tempo para que ela se recuperasse, ele começou a arrastá-la. Seus joelhos arranharam-se na madeira—a madeira da doca do pequeno píer, ela imaginou. Mesmo sendo arrastada, Abby podia ouvir a água.

A água... esperando por ela. Esperando para engoli-la por completo. Ela estremeceu e tentou gritar, mesmo amordaçada. Desejou que ele apenas a matasse. Atirasse. Esfaqueasse. Destruísse seu cérebro... tudo, menos água.

Milagrosamente, ele removeu a venda naquele momento. Ela viu que seus outros sentidos tinham entendido bem a situação. Estava à beira de um pequeno píer, a centímetros de uma imensidão de água. A noite ainda não havia caído totalmente, e a luz do anoitecer na água seria linda... se não fosse a água. A água escura, mortal.

Ao olhar para a água, Abby estremeceu por dentro. Seu peito apertou e ela começou a soluçar.

- Eu sei que você está com medo – ele disse, por trás dela. – E tudo bem. Não tem nada errado em ter medo.

Abby pode ver as luzes da rua ao longe, provavelmente recém acesas. Ela perguntou-se se conseguiria fazer barulho o suficiente sob a mordaca para ser ouvida por alguém. Imaginou onde eles estavam. Qual lugar da cidade teria tanta água? Certamente, não era o porto. Tudo estava muito bonito... muito quieto.

Seus pensamentos foram interrompidos quando ela sentiu as mãos dele em seu pescoço. Tentou lutar, mas dessa vez levou uma joelhada forte nas costas. Caiu novamente e, dessa vez, seus joelhos ficaram a poucos centímetros da água. Tossiu, com seu coração disparado no peito e—

Foi o quando o pé dele acertou suas costas. Ela caiu do píer dando meia-volta. Ao escutar e sentir a água engolindo seu corpo, tentou gritar. Mas a mordaca não a permitiu e a pressão da água tornou a tarefa impossível. Bateu as pernas e tentou nadar, percebendo que suas mãos ainda estavam amarradas. Voltou a bater as pernas, sabendo que a superfície não estava tão longe. Ela sabia nadar, mas estava completamente em pânico.

Abby conseguiu colocar a cabeça para fora da água uma vez. Viu seu paquera, o homem que ela havia pensado que era querido e gentil, sentado na doca, assistindo tudo. Ele sorriu, com seus olhos ardentes e intensos.

O rosto dele foi a última coisa que ela viu. O pânico e o medo tomaram conta de seus pensamentos.

Quando afundou pela segunda vez, Abby nunca mais conseguiu voltar.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Às sete e meia da noite, a intuição de Avery se comprovou. Stefon não tinha apenas um, mas sim dois álibis sólidos para provar onde estava durante o possível horário da morte de Alfred Lawnbrook. Uma série de arquivos em vídeo que haviam sido salvos no computador dele e editados tinham a data exata de quando—baseado nas informações dos legistas—Lawnbrook fora assassinado. Os vídeos, é claro, eram sobre aranhas e mostravam as três tarântulas lobo que viviam no vidro da sala de Scott.

O segundo álibi vinha de Clarissa, que havia entregue seu iPhone para mostrar uma série de mensagens trocadas com Stefon naquele mesmo período. Mesmo que as mensagens pudessem ter sido enviadas de qualquer lugar, havia também duas ligações, provas mais cabais.

Stefon foi solto e saiu tranquilo. Avery quase sentiu a necessidade de pedir desculpas a ele, mas não o fez. Ela não teria feito aquilo três meses antes e, na verdade, não entendeu porque sentiu que precisava fazê-lo agora. Talvez os três meses longe haviam lhe deixado menos durona.

A liberação de Stefon levou Avery novamente à estaca zero. Ela tinha agora apenas teorias e perguntas vagas, nada que pudesse evoluir. Estava sentada em sua antiga sala com Kellaway, Finley e O'Malley. O local estava lotado, mas Finley parecia feliz em ter sua sala utilizada daquela maneira. Kellaway, enquanto isso, parecia estar apreciando fazer parte de um caso tão importante. Ainda assim, ela parecia calma e nada traumatizada com a cena com os repórteres mais cedo.

Pouco a pouco, Avery estava gostando mais dela.

- E drogas? – Kellaway perguntou enquanto eles tentavam pensar em novas possibilidades.

- O que tem? – O'Malley perguntou.

- Havia alguma droga no corpo de Lawnbrook? – ela perguntou.

- O relatório toxicológico diz que não – O'Malley respondeu.

- Mas talvez haja algo de interessante aí – Avery disse. – Stefon diz que Lawnbrook queria se livrar do seu medo de aranhas. Ele também insinuou que fazer sexo no quarto onde havia aranhas poderia ser uma tentativa de ajudar com esse medo. Também descobri que aparentemente existe uma

pequena comunidade online de pessoas obcecadas por aranhas. Isso me faz pensar... se Lawnbrook estava disposto a confidenciar seu segredo para Stefon e fazer o que fosse preciso para superar esse medo, talvez ele tenha buscado outras maneiras, também. Talvez ele conhecia o assassino. Talvez Lawnbrook o conheceu online e a interação com as aranhas foi intencional. Talvez tudo só saiu do controle.

- Com certeza vale a pena investigar isso – O'Malley disse.

- Sim, mas tinha muita aranha lá – Finley disse. – Eu acho que ele não pegaria tão pesado se estivesse querendo se livrar desse medo.

Avery assentiu. Era um bom ponto. Ainda assim, a ideia da exposição às aranhas ser intencional fazia sentido—especialmente se Stefon estivesse certo sobre o quanto Lawnbrook queria se livrar daquele medo.

- E se foi o próprio Lawnbrook? – Kellaway sugeriu. – E se ele coletou as aranhas pouco a pouco—para se livrar do medo ou para impressionar Stefon?

- É possível – O'Malley disse. – Finley, podemos colocar alguém nisso? Alguém para investigar na internet e encontrar essas comunidades estranhas. Veja se você consegue encontrar alguma conexão com Lawnbrook.

- Vou colocar alguém nisso – Finley disse, levantando-se.

- E eu vou voltar para casa – Avery disse. – Fazer umas pesquisas sozinha. – ela assentiu para Kellaway e então saiu da sala. Deu cinco passos e então ouviu a voz de Kellaway vindo de trás.

- Detetive Black – Kellaway chamou. – Posso pedir um favor?

- O que é?

- Meu carro estragou há três dias. Estou pegando ônibus para vir trabalhar e imaginei se você poderia me dar uma carona.

- Claro – Avery disse, percebendo o quão envergonhada Kellaway estava por pedir aquele favor. – E ei – Avery acrescentou, - deixe essa de Detetive Black para lá. Se vamos trabalhar juntas, você pode me chamar de Avery.

Kellaway pareceu ganhar o dia ao ouvir aquilo, sem conseguir conter seu sorriso. Avery também sorriu, encontrando algum conforto no fato de que pelo menos poderia fazer *alguém* feliz.

- Eu acho que preciso te pedir desculpas – Avery disse. Aquelas palavras nunca eram fáceis de dizer, nem mesmo nas conversas com Rose. Mas dados os acontecimentos de sua vida nos últimos três meses, ela sabia que precisava mudar alguns aspectos de seu comportamento.

- Pelo que? – Kellaway disse.

- Por ter sido rude quando você fez aquelas perguntas sobre Howard Randall.

Kellaway pensou por um instante enquanto olhava pela janela da porta do carona. O pedido de desculpas pareceu surpreendê-la, deixando-a sem reação por um momento. Por fim, ela disse:

- Você não tem que pedir desculpas. Eu fiquei animada demais. Digo... não me entenda mal. Eu vi algumas coisas bizarras em Nova York, mas essa conexão toda com Howard Randall e todo seu histórico de casos me deixaram assim.

- Não vale a pena ficar assim por mim – Avery disse. – Acredite.

- As história que eu ouvi sobre você dizem o contrário. Me espanta ver tantos homens durões falando tão bem de você.

- Durões? – Avery perguntou, rindo. – Tipo quem?

Kellaway encolheu os ombros.

- A maioria deles. Você sabe do que eu estou falando. Eles tentam fazer uma cena, parecer mais durões do que são na verdade. Eu sou jovem, sou nova aqui. Eles querem dificultar as coisas para mim.

- Espero que não dificultem tanto. A ponto de você precisar reportá-los.

- Ah, não... Não chega a tanto.

- A maioria dos caras no A1 são menininhas – Avery disse. – Você só precisa se impor. E até agora, não acho que isso tenha sido um problema para você.

- Nunca foi – Kellaway disse. – Na verdade estou mais preocupada com o que *você* pensa de mim, sendo sincera.

- Não fique.

- Bom... você teve que lidar comigo no seu primeiro dia após o retorno, e eu ainda não sei nem exatamente porque você saiu.

Avery percebeu que aquele era um jeito sutil de Kellaway para perguntar sobre os últimos meses. Ela não se incomodou. Na verdade, para sua própria surpresa, ficou feliz. Seria bom conversar com alguém – além da psicóloga – sobre aquilo, especialmente alguém que sabia tão pouco sobre sua vida pessoal.

- Eu saí porque tudo parecia estar dando errado ao mesmo tempo – ela disse. – Meu ex-marido morreu, assassinado por um homem que eu estava caçando... tudo isso enquanto minha filha também era atormentada. E então Ramirez morreu—e eu não sei o quanto você sabe sobre ele, mas...

- Vocês tinham algo, certo? – Kellaway perguntou.

- Sim. Era mais sério do que eu admitia para mim mesma. Eu não percebi o quanto ele significava para mim até ele ficar à beira da morte. Ele tinha comprado uma aliança... estava pronto para me pedir em casamento.

Kellaway assentiu solenemente, talvez percebendo que havia tocado num assunto para o qual não estava preparada.

- Bem, - ela disse em voz baixa, - e como está sua filha depois de tudo isso? Pelo menos você ainda tem a ela.

Avery tentou criar uma risada falsa, mas não conseguiu.

- Você acha isso, mas... não. Rose está mais distante do que nunca. Ela me culpa pela morte do pai dela. E diz que minha carreira sempre a prejudicou. E eu acho que ela está certa.

Era estranho conversar com Kellaway sobre Rose. Afinal de contas, Kellaway devia ser apenas cinco ou seis anos mais velha que sua filha... era quase como conversar com a própria Rose.

- Então... se você não se importar... posso perguntar por que você voltou? – Kellaway perguntou.

Avery sabia a resposta. Era uma resposta fácil, mas que de certa forma era difícil de dizer.

- Porque o trabalho é a única coisa que faz sentido para mim – ela disse. – Eu tentei dizer a mim mesma que não sentia falta daqui, mas eu sinto. Só sei disso. E, na verdade, acho que Ramirez se decepcionaria se eu não conseguisse seguir em frente.

De certa forma, a conversa fez com que o caminho passasse mais rápido. Orientada por Kellaway, Avery fez a última curva, que as levou a um bonito complexo de apartamentos, a cerca de vinte minutos da sede do A1. Kellaway parou por um momento antes de abrir a porta. Ela olhou para Avery, pensativa.

- Sabe... não é a mesma coisa – ela disse a Avery, - mas meus pais se divorciaram quando eu tinha doze anos. Depois meu pai morreu, num acidente de carro, quando eu tinha quinze anos. Eu odiava minha mãe. Sendo sincera, eu ainda não a perdooi completamente. Mas eu superei, especialmente agora que ela não está bem. Eu conversei com ela e nos

reconnectamos na medida do possível. Então, sobre sua filha... dê um tempo para ela. Ela vai te procurar.

- Espero que sim – Avery disse... sem muitas esperanças.

Kellaway saiu do carro e fechou a porta. Avery a viu caminhar, fazendo o possível para que aquela conversa inesperada não reavivasse sua dor. Ela saiu do carro antes que pudesse ser afetada por aquele pensamento, ainda que sem conseguir deixar de pensar em Rose.

Dê um tempo para ela. Ela vai te procurar.

Era um pensamento positivo, um tanto quanto encorajador. Mas Avery duvidava seriamente de que aquilo se tornaria verdade.

CAPÍTULO DEZESSETE

Avery passou uma boa parte da noite em frente a seu notebook. Ela estava tentando definir em que tipo de lugar alguém poderia comprar uma aranha teia de funil. Havia um número considerável de locais, sendo que alguns pareciam totalmente ilegais, mesmo com a aparência profissional. Depois, permitiu-se pesquisar um pouco mais a fundo sobre Stefon Scott— não porque acreditasse que ele seguia sendo suspeito, mas porque ele parecia ser uma espécie de personagem central nas pequenas comunidades online das quais ele mesmo havia falado.

Ela leu algumas das publicações de Stefon em um dos fóruns sobre aracnídeos, tendo encontrado as informações de usuário dele em um artigo que havia sido linkado no site do Museu de Ciência de Boston—um texto que, Avery sabia, só não tinha sido deletado ainda porque ninguém havia tido essa ideia. Ela também descobriu nos fóruns que comprar uma aranha venenosa que não era considerada “local” era geralmente considerado algo ilegal e imoral.

Ao olhar novamente os arquivos do caso Lawnbrook, Avery percebeu algo peculiar pela primeira vez. Quem havia levado aquelas aranhas até o apartamento de Lawnbrook não tinha se incomodado em coletá-las depois. Se a pessoa fosse uma amante de aranhas, seria improvável que simplesmente deixaria os animais ali. Além disso, havia o fato de que Stefon alegava que Lawnbrook queria se desfazer de seu medo.

Então talvez as aranhas não sejam o foco aqui, ela pensou. Talvez o medo dele é o que precisa ser explorado nesse caso. Talvez o medo dele tenha sido o motivo...

Parecia estranho, mas certamente valeria a pena investigar.

No entanto, pensar desde aquele ponto de vista era mais difícil do que Avery gostaria de admitir. Na verdade, desde sua conversa com Kellaway, suas atenções estavam mais voltadas para Rose. Por isso havia sido tão difícil para ela prestar atenção em tudo o que tinha lido nos fóruns ou nos arquivos do caso Lawnbrook.

Ela olhou o telefone e viu que já eram 9:20. Tinha certeza de que Rose estava no trabalho, ganhando as gorjetas altas que ela mencionara. Mesmo

assim, Avery tentou telefonar. Ouviu apenas um toque antes que a ligação fosse parar na caixa de mensagens. Brincou com a ideia de enviar uma mensagem de texto, mas decidiu que não deveria. Percebeu que deveria partir de Rose a decisão de se reconciliar. Ela deveria dar o próximo passo.

Mas sua vida pessoal nunca fora tão diferente de sua carreira. Avery não acreditava que a paciência fosse uma arma para resolver problemas. Ela sabia que Rose era uma mestre no silêncio e tinha medo de quanto tempo sua filha conseguiria se manter a distância.

- Merda – Avery disse a si mesma na casa vazia.

Ela largou o telefone e fechou seu notebook. Seu primeiro dia de volta ao trabalho havia sido exaustivo. Ela não se lembrava da última vez em que havia se deitado antes das onze, mas o fez naquela noite. Da mesma maneira, não se lembrava também da última vez em que havia deixado o celular no criado-mudo ao lado da cama na hora de dormir—mas também o fez pela primeira vez em três meses.

Ela estava de volta ao trabalho... à ativa. E mesmo com certa pressão naquilo, foi esse fato que a ajudou a pegar no sono rapidamente, como não acontecia desde a morte de Ramirez. Agora, ao invés de pensar no que ela havia feito de errado no caso que terminara com a morte dele, Avery podia pensar no que ela poderia fazer de certo no caso atual.

Aranhas subiam em seus braços. Uma havia chegado a seu ombro e vinha em direção ao pescoço. Ela abriu a boca para gritar e outra—do tamanho de uma moeda—entrou em sua língua.

Foi aquela, dentro de sua boca, que fez o subconsciente de Avery perceber que aquele era apenas um pesadelo. Um pesadelo muito ruim.

As aranhas vinham de todos os lados—de teias no teto, de baixo da cama, de seu cabelo, de suas roupas. Ela pulou, percebendo que não estava na cama, e sim em uma das gavetas no necrotério. Alfred Lawnbrook estava deitado a seu lado. Ele estava morto, mas sua cabeça se movia. Quando ele olhou na direção de Avery, sorriu. Várias aranhas pequenas saíram de seus dentes.

Então, ele falou. O som de sua voz parecia o de uma ponte móvel se levantando.

- Quem é você, Avery? – ele perguntou, imitando a carta de Howard Randall.

Ele abriu a boca e ela pode ver a perna de uma aranha enorme saindo dali. Lawnbrook fez um barulho estranho quando a perna saiu de sua boca. Era gigante e cabeluda, facilmente do tamanho de uma garra de lagosta. O corpo da aranha começou a aparecer aos poucos, saindo da boca de Alfred, brilhando.

O sonho terminou com aquela cena absurda e Avery sentou-se na cama —dessa vez em sua cama de verdade. Não havia uma gaveta de necrotério nem um defunto sorrindo a seu lado.

Ela tossiu, e sem perceber, balançou os braços e os ombros para se livrar das aranhas. Saiu da cama, sentindo que havia aracnídeos no edredom. Respirou fundo e foi até o banheiro, querendo um copo de água.

Foi quando percebeu que não fora só o sonho que havia acordado. Seu telefone estava tocando. Ela havia o deixado propositalmente ao lado da cama, pois sabia que poderia receber uma ligação. No entanto, seus hábitos dos últimos três meses haviam feito com que ela desligasse o alarme ao se deitar.

Avery correu e pegou o telefone nas mãos, ainda sentindo que aranhas estavam escalando seu corpo. Ela viu o número de Finley na tela, bem como o horário no canto direito: 3:07 da manhã.

- Ei, Finley – disse.

- Bem-vinda de volta ao trabalho – ele respondeu. – Saudades de levantar de madrugada?

- O que aconteceu? – Avery perguntou.

- Encontramos um corpo – ele disse. – Parece que não tem a ver com Lawnbrook, mas mesmo assim é assustador. Quer entrar no caso?

Avery pensou por uns instante antes de responder:

- Qual o endereço?

CAPÍTULO DEZOITO

À distância, os holofotes à beira da pequena enseada no lado oeste da lagoa Jamaica pareciam fazer parte de um filme de ficção científica—como se vários OVNI's tivessem posado na água, esperando para invadir o local. Havia algumas viaturas estacionadas a cerca de quinze metros da água e algumas pessoas reunidas em volta da cena.

Avery estacionou atrás de uma viatura e encontrou Finley imediatamente. Ele estava parado perto da água, ao lado de um pequeno píer que se estendia pela lagoa por cerca de seis metros. O píer parecia frágil, do tipo que havia sido utilizado há muitos anos e, agora, estava abandonado e sem cuidados.

Finley e outros três agentes estavam em volta de um corpo que havia sido colocado deitado em uma lona plástica. Era uma mulher de vinte e poucos anos—perto da idade de Rose, pelo que Avery pode ver. Suas mãos estavam amarradas atrás das costas e havia algo no pescoço dela, algum tipo de pano.

- Já sabemos quem é? – Avery perguntou.

- Ainda não, mas vamos saber em breve – Finley disse. – Tinha um cartão de débito no bolso dela. Teremos as informações a qualquer instante.

Avery aproximou-se do corpo para enxergar melhor. Os holofotes iluminavam um pouco, mas Finley ajudou mirando uma lanterna no local. Avery analisou, fazendo o possível para afastar as imagens de Rose de sua mente.

A garota era muito bonita e com certeza não pesava mais do que cinquenta quilos. Ela era loira e seu cabelo ia a até um pouco abaixo dos ombros. Seus olhos azuis estavam arregalados, como se observassem o céu escuro. Ela estava completamente vestida, com uma blusa de manga longa e um par de jeans apertados. Suas mãos haviam sido amarradas com uma corda simples, grossa, porém bem apertada. O pano em volta do pescoço tinha o mesmo nós da corda, mas estava mais solto. Não havia sido utilizado para estrangulá-la, mas mesmo assim parecia assustador.

- Esse pano no pescoço – Avery disse. – Eu aposto que foi usado como venda. O assassino não queria que ela soubesse onde eles estavam indo.

- Não tem nenhum hematoma visível – Finley disse. – Nenhum arranhão, sem corte. Nenhum sinal de luta pelo que eu vejo e—

Outro agente se aproximou, caminhando rapidamente vindo da direção das viaturas estacionadas.

- Já sabemos de quem é o cartão – ele disse. – A vítima é Abby Costello. Vinte e dois anos, funcionária de uma contabilidade aqui em Boston.

- Você tem o endereço dela? – Avery perguntou.

- Sim. Temos três agentes indo para lá agora – o tira disse.

Finley olhou para Avery com um olhar suspeito.

- No que você está pensando? – ele perguntou.

- Os olhos dela – Avery disse. – Estão arregalados. Ela estava assustada quando morreu, eu acho. Muito assustada.

- Ok, sim. E o que tem de tão estranho nisso?

- Nada, à primeira vista. Mas se ela foi morta antes de ser jogada na água, acho que não haveria essa expressão de medo no rosto dela. Além disso... não vejo nenhuma indicação de golpe antes dela ter sido jogada na água.

- Então você acha que o assassino a vendou, a trouxe até esse píer aleatório, amarrou as mãos dela e jogou ela na água?

- Sim. Acho que a causa da morte vai ser afogamento. O corpo não foi jogado numa tentativa apenas de ser escondido.

- Bom, a ambulância está a caminho – Finley disse. – O legista vai conseguir ver isso bem rápido, eu acho.

Avery se levantou e caminhou até o píer. A princípio, a morte de Abby Costello não tinha nenhuma similaridade com a de Alfred Lawnbrook. Ainda assim, ela não descartou uma conexão. Talvez as aranhas ainda estivessem em sua mente por conta do pesadelo... mas ela sentia que havia alguma ligação ali.

Ou talvez você está tentando transformar um caso que já está difícil em algo ainda maior, ela pensou. Talvez você esteja querendo criar um caso incrível para você depois de ficar três meses afastada.

- Quem encontrou o corpo? – Avery perguntou.

- Um cara que estava passeando com o cachorro – Finley disse. – Foi o que ele disse. Quando os primeiros tiras chegaram aqui, eles disseram que sentiram cheio de maconha. O cara disse que viu algo que se parecia com

plantas estranhas boiando. Difícil de dizer, porque estava muito escuro. Ele chegou mais perto do píer e viu que não eram plantas, e sim cabelos loiros.

- Há quanto tempo o corpo foi tirado da água? – Avery perguntou.

- Quarenta minutos. Ela estava aqui só cinco ou dez minutos quando eu te liguei.

Avery olhou em volta da cena. Ela sabia que havia partes da lagoa Jamaica que comumente atraíam multidões, especialmente aos finais de semana. Mas aquela pequena enseada não era o caminho mais conhecido, e era mais frequentada por adolescentes que iam até lá para se beijar ou fumar maconha. A chance de encontrar uma testemunha que tivesse visto o crime era quase nula.

- O cartão era a única coisa com ela? – Avery perguntou.

- Sim – Finley disse. – Não tinha dinheiro, nem telefone... o que eu achei estranho. Uma garota bonita nessa altura da vida... supostamente ela deveria andar grudada no telefone, certo?

- O assassino provavelmente levou – Avery disse. – Ou está no fundo da lagoa.

Ela olhou novamente para Abby Costello, tentando determinar quanto tempo o corpo havia ficado na água. Suas roupas estavam encharcadas, e seu cabelo era um emaranhado. Avery abaixou-se novamente perto do corpo e viu que os dedos de Abby estavam murchos, como geralmente ficam quando alguém fica por muito tempo na banheira. Os dedos de Abby, no entanto, estavam *muito* enrugados. A palma de suas mãos estavam totalmente pálidas.

- Eu diria que o corpo estava na água há pelo menos duas horas – Avery disse. – Talvez o perito possa nos dizer. E com essa janela de tempo, duvido que seja útil cercar a área. Espero que possamos encontrar alguma digital no corpo ou na venda.

Ao longe, ela pode ver as luzes da ambulância. Mais uma vez, olhou para a água, imaginando que tipo de segredos estariam guardados ali.

Passados mais quinze minutos, os policiais que haviam ido ao apartamento de Abby ligaram novamente. Eles tinham dado a notícia à colega de quarto dela, outra mulher de vinte e poucos anos. Ela ficara devastada com a notícia, e a única informação útil que conseguira entregar

era que Abby havia saído para um encontro naquela noite. Ela não sabia o nome do homem, já que Abby, segunda ela, falava muito pouco sobre sua vida amorosa.

Nas buscas no quarto de Abby, a polícia havia encontrado uma caixa de uma loja online. A caixa havia sido aberta e continha um smartphone novo. O telefone havia sido carregado, mas ainda não estava configurado. O recibo do pacote indicava que o celular havia sido entregue naquele dia—talvez algumas horas antes de Abby Costello ter sido jogada na lagoa Jamaica.

Eram essas as informações que Avery, Kellaway e Finley estavam debatendo na sala de reuniões do A1, vinte minutos depois do corpo de Abby ter sido retirado da cena do crime. Eram quatro e meia da manhã, o café estava fervendo, e o dia de Avery estava começando.

- Na verdade isso pode ser bom para nós – Avery disse, servindo uma xícara de café.

- Ela não ter telefone? – Finley perguntou. – Como?

- Porque se ela comprou um telefone novo, significa que o contrato do telefone velho provavelmente estava ativo. Quantas vezes você já comprou um telefone novo e simplesmente jogou o seu velho fora?

- Nunca – Kellaway disse. – Sempre uso para escutar música.

- E quando Rose era mais nova – Avery disse, - eu ficava com os meus celulares velhos para ela poder jogar. Mas enfim... se Abby Costello havia acabado de receber um telefone novo, o velho provavelmente está em algum lugar e não no fundo da lagoa, como eu temia.

- Mas os caras não encontraram o telefone antigo no apartamento – Finley disse.

- Então temos que entrar em contato com a companhia – Avery disse. – Mesmo que eles não possam localizar o telefone em si, eles provavelmente têm registros de ligações e mensagens que podemos usar para encontrar o assassino.

- Tem aquelas eco-caixas também – Kellaway disse. – Aquelas coisinhas que parecem caixas de reciclagem onde você pode se desfazer do seu telefone velho. É uma iniciativa de reciclagem, algo assim.

- Boa lembrança – Avery disse. – Precisamos colocar alguém nessas tarefas assim que as lojas de telefonia abrirem.

- E o que fazemos até lá? – Finley perguntou.

- Faça o que O'Malley e Connelly pediram para você fazer por aqui – Avery disse, com uma ponta de orgulho em sua voz. O sorriso de Finley aqueceu seu coração. – Eu e Kellaway vamos começar falando com a colega de quarto e com a família dela. Por favor, se você puder, redirecione as ligações da perícia para mim.

- Você não está mais preocupada com o caso das aranhas? – Finley perguntou.

- Estou – ela disse. – Mas tenho uma intuição...

- De que os casos estão ligados? – Finley perguntou. – Sério?

- Vou imaginar que estão, até que eu possa provar o contrário.

Finley encolheu os ombros e levantou-se para pegar sua xícara de café.

- Ei... se você quer se entupir de trabalho no seu segundo dia depois do retorno, tudo bem. Mas enfim.... é bom ter você de volta.

Avery não respondeu, principalmente porque não sabia se estava *realmente* de volta. Parecia que sim, mas poderia ser apenas uma sensação. De qualquer modo, ao deixar a sala com Kellaway, ela estava completamente tomada pela sensação única de ter dois assassinatos para resolver.

CAPÍTULO DEZENOVE

A colega de quarto de Abby Costello estava chorando muito quando Avery e Kellaway chegaram ao apartamento. Ela também era uma loira bonita, mas mal conseguia ficar parada no sofá. Seu nome era Amy Dupree, e antes mesmo que Avery pudesse fazer qualquer pergunta, ela já pode imaginar várias coisas sobre as duas garotas, simplesmente olhando em volta.

As fotos de Abby e Amy na sala mostravam as duas sorrindo para a câmera com festas acontecendo ao fundo. Uma das fotos mostrava letras gregas que formavam as palavras “Sigma Sigma Sigma—Tri Sig”.

Irmãs de fraternidade da faculdade, Avery pensou. Ao menos, aquilo ajudou-a a entender porque Amy estava tão devastada com a notícia da morte de Abby.

Talvez por conta da similaridade de idade entre elas, Kellaway tomou a frente e acalmou Amy o suficiente para que elas pudessem fazer algumas perguntas. Amy ainda estava soluçando e chorando, mas pelo menos conseguiu formar frases inteiras.

- Você disse aos primeiros policiais que vieram aqui que Abby tinha um encontro essa noite – Kellaway disse. – Mas você não sabia o nome de rapaz... que Abby mantinha a vida amorosa em segredo. Certo?

- Sim. Ela sempre foi assim. Abby não era do tipo que gostava de relacionamentos, sabe? Ela saía com um cara algumas semanas, talvez meses dependendo do cara, e depois terminava. Ela teve um relacionamento sério na faculdade, que acabou com o cara a traindo. Teve uma vez que ela achou que estava grávida, também. E desde então, ela sempre guardou tudo em segredo sobre os caras com quem ela saía.

- Ela disse alguma coisa sobre esse encontro de hoje? – Avery disse.

- Não. Ela não me disse o nome dele, como ele era... nada disso. Só disse que ele era querido e mais velho.

- Mais velho quanto?

- Acho que não tinha mais do que quarenta. Abby tinha uma queda por caras mais velhos, mas jurava que nunca tinha se envolvido com alguém com mais de quarenta.

- Você tem ideia de há quanto tempo ela estava saindo com ele?

- Acho que duas ou três semanas. Não tenho certeza.

- E o telefone novo que ela comprou? – Avery perguntou. – Você sabe por que ela comprou?

- Sim, o velho estava com a tela quebrada. Ainda funcionava, mas a tela a incomodava. Ela ligou para a empresa e eles trocaram.

- Você sabe o que ela fez com o velho? – Avery perguntou.

- Não tenho ideia.

Avery olhou em volta e para as fotos novamente. As duas garotas loiras e sorridentes pareciam ter saído de um livro de histórias.

- E a lagoa Jamaica? – Avery perguntou. – Você sabe se ela tinha alguma ligação com aquele lugar? Já tinha ouvido ela falar de lá?

- Jesus, não – Amy disse consternada, prestes a chorar novamente. – Acho que essa foi a pior parte de saber que ela morreu... *como* ela morreu. Abby tinha medo de água. Digo, ela só entrava na piscina se tivesse um lado raso. Mas muita água, a céu aberto, assustava ela demais.

- Você sabe por que?

- Ela quase se afogou quando era criança. Com dez anos, por aí, eu acho. A família dela alugou uma casa em frente a um lago em Virginia. Ela estava tentando aprender *wakeboard* e aconteceu algo com a corda. Ela ficou debaixo d'água por um tempo, o colete salva-vidas estava muito solto. A cabeça dela ficou presa no colete, eu acho. Enfim... ela tinha medo de água. Nós viajamos para a praia no último ano da faculdade, nós e mais cinco amigas. Ela não entrou no mar—sempre na areia, o mais longe possível da água.

- Então, se esse cara com quem ela saiu tivesse sugerido ver o luar na lagoa Jamaica, ela não teria aceitado? – Kellaway perguntou.

- Duvido muito – Amy disse.

Avery pensou naquilo por um momento e então seguiu para a porta.

- Amy, muito obrigada pelo seu tempo e ajuda. Se você lembrar de algo a mais que possa nos ajudar, por favor nos telefone.

- Você tem alguém com quem ficar nos próximos dias? – Kellaway perguntou.

Amy assentiu.

- Meu irmão está a caminho. Ele vai chegar em uma hora, por aí. Mas estou bem... vou ficar bem até ele chegar.

Avery odiava deixar uma mulher sofrendo sozinha, mas precisava passar em mais lugares antes que a noite terminasse. Ela e Kellaway saíram, fecharam a porta e desceram as escadas, a tempo de ouvir novamente o choro de Amy Dupree.

- A água – Kellaway disse quando as duas entraram no carro. – É como as aranhas, não é?

- Você diz o medo da água? Sim... pode ser. Mas não podemos tirar conclusões precipitadas. Tem muito mais coisa para descobrir.

Era uma resposta tosca, apenas algo para ajudar Kellaway a manter os pés no chão. Porque até onde Avery sabia, dois casos em sequência onde o medo da vítima havia sido usado no crime apontavam claramente para um assassino em comum. Mas ela sabia que precisava de mais informações antes de poder apresentar sua teoria aos agentes do A1.

Era isso o que ela queria encontrar quando saiu com o carro pelo trânsito da manhã. Ainda não eram nem seis da manhã, e ela já estava a caminho para conversar com a segunda pessoa de luto do dia.

A mãe de Abby Costello morava em Virginia, ironicamente ao lado do lago onde Abby havia quase se afogado quando criança. Seu pai, no entanto, morava com sua segunda esposa no sul de Boston. Quando Avery e Kellaway chegaram, Larry Costello já havia sido informado da morte de sua filha pelos mesmos policiais que haviam visitado Amy.

Larry Costello estava encostado no balcão da cozinha enquanto Kellaway e Avery faziam o possível para conduzir uma linha racional de perguntas. Larry estava de luto à sua maneira: lavando a louça, esfregando o balcão, ocupando-se tentando preparar algo para o café da manhã. Ele chorou o tempo todo enquanto movia-se pela cozinha, mas mesmo assim conseguiu dar respostas coerentes à maioria das perguntas.

- Odeio dizer isso – Larry disse – mas Amy está certa. Abby nunca foi de me falar muito sobre os caras com quem ela saía. Ela me contou algumas coisas no ensino médio, mas só por causa das festas de formaturas, dos limites que dávamos para ela chegar em casa, coisas assim.

- Você acha que ela pode ter falado algo sobre esse homem com a mãe dela? – Avery perguntou.

- Duvido muito. Elas tinham uma relação bem estranha. Conversavam no telefone talvez uma vez por mês e viam uma a outra só na época de festas. Era um “não-estou-nem-aí” mútuo. Senhor... alguém precisa contar para ela. Eu tenho que ligar, não tenho?

- Alguém da polícia pode fazer isso se você quiser – Avery disse.

- Não, eu ligo – Larry disse. – Ela vai lidar melhor com a notícia se eu contar. Eu... quando eu posso ver Abby? O corpo, eu digo.

Ele deixou escapar um gemido de dor ao mencionar *o corpo*, mas logo se recompôs ao quebrar ovos em uma frigideira. Sua esposa veio do quarto ao ouvir o barulho, viu que tudo estava bem, e voltou para o quarto.

- Ela não está lidando bem com isso – Larry disse. – Ela e Abby tinham começado a se tornar amigas. Demorou um tempo para Abby aceitá-la, mas tudo finalmente estava se encaixando. Enfim... posso vê-la?

- Pode – Avery disse. – Claro, a autópsia precisa ser feita, mas depois disso você pode visitar. Alguém vai entrar em contato com você para falar disso.

- Tem algo sobre sua filha que você possa nos contar que ajudaria no caso? – Kellaway perguntou.

- Não. Posso soar como aquele típico pai ingênuo, mas nunca percebi problemas no comportamento dela. Concorro com o que Amy te disse: Abby odiava água. Ela tinha pavor total de muita água. Não posso acreditar que ela teve que passar por isso. Imagino que Amy tenha te contado sobre o quase-afogamento dela.

- Contou – Avery disse.

Seu telefone tocou nesse momento. Ela o pegou imediatamente, esperando que fosse o legista. Então, olhou para Kellaway, tentando indicar que ela deveria seguir com as perguntas.

- Desculpe, preciso atender – Avery disse, saindo da cozinha e indo até a sala. Ela atendeu a ligação ao quarto toque, tentando manter a voz baixa.

- Detetive Black falando.

- Ei, Detetive Black. É Cho Yin, legista. Fui instruída a ligar direto para você com os resultados sobre Abby Costello.

- Sim. Qual o resultado?

- Ela definitivamente se afogou. Os resultados preliminares não mostram sinal de força ou abuso sexual. Claro, vamos considerar como assassinato, já que as mãos dela estavam amarradas.

- Sim. Definitivamente não foi um suicídio. A venda também prova isso, eu acho.

- Tem mais uma coisa que você pode achar interessante – Yin disse. – Se você lembrar, quando nós discutimos o caso Lawnbrook, eu disse que o corpo tinha níveis extremos de cortisol na hora da morte, por conta do medo.

- Sim, eu lembro.

- Encontrei níveis similares em Abby Costello. Não eram tão altos quanto os de Lawnbrook, mas ela com certeza estava com medo.

- Claro que sim – Avery disse. – Ela estava vendada e foi jogada do píer.

Claro, agora que sabia que Abby tinha medo de água, foi fácil para Avery criar aquela conexão. Ela queria apenas discutir os fatos com Yin para tentar entender o que sua intuição estava dizendo.

- Sim, mas os níveis que eu estou vendo são maiores do que os níveis esperados para pessoas que passam por situações onde são caçadas ou perseguidas. O medo de Abby não é algo típico de casos de assassinato.

- Então você diria que ela estava com medo do que... da água?

- Possivelmente – Yin disse.

- Obrigado por ligar – Avery disse. – Por favor me diga se você descobrir algo a mais.

Com isso, Avery guardou o telefone no bolso e voltou à cozinha. Kellaway ainda estava conversando com Larry, perguntando a ele sobre possíveis namorados que Abby tivera na faculdade. Ele estava dizendo que havia ficado sabendo de alguns, mas que nada tinha sido sério. Ele nunca chegara a conhecer nenhum, nem sequer saber seus nomes.

- Senhor Costello, a legista acabou de telefonar. Eles terminaram a autópsia preliminar. Você pode vê-la se quiser.

Larry assentiu enquanto colocava queijo nos ovos que havia quebrado na frigideira. Então ele parou, ainda com o queijo em mãos, e pareceu se perder. Sua expressão se fechou de uma maneira que fez Avery sentir pena, e ele se ajoelhou na cozinha. Ele voltou a chorar e dessa vez sua esposa apareceu correndo. Ela havia ficado longe durante a conversa, mas aquilo já era demais.

Avery e Kellaway deram um passo atrás, dando aos dois certa privacidade. Avery não queria ir embora sem se despedir oficialmente, especialmente por conta da situação de luto. Então, as duas agentes caminharam até a sala enquanto um pai chorava a morte de sua filha.

É por isso, ela pensou. É por isso que eu sempre fiz isso e por isso que eu voltei. Para trazer justiça a esse tipo de dor. Para pegar assassinos que tiram a vida das pessoas, não só das vítimas, mas de quem as ama também.

Com aquilo em mente, Avery teve certeza que pegaria o assassino. Uma certeza que veio de dentro, como um fogo queimando-a de dentro para fora.

CAPÍTULO VINTE

Sem nunca ter aprendido a esperar quieta enquanto outros trabalhavam em busca de respostas, Avery voltou à sede do A1. Ela já havia formulado um plano de ataque em sua mente, e a maior parte dos passos envolviam sua velha capacidade de pesquisar e encontrar informações. Decidiu que faria isso enquanto esperava pelos resultados dos peritos e por um relatório final dos legistas.

Sem um escritório para chamar de seu, Avery pegou um notebook emprestado e sentou-se em uma das salas de reunião menores. Kellaway juntou-se a ela e, com café e biscoitos na mesa, as duas começaram a trabalhar. Avery percebeu que Kellaway acatava imediatamente suas instruções e nunca reclamava. Ela estava realmente feliz por poder ajudar, mesmo quando suas tarefas eram encontrar coisas simples ou fazer pesquisas no Google.

A primeira tarefa das agentes foi procurar por Alfred Lawnbrook e Abby Costello nos bancos de dados. Com exceção de duas multas de velocidade no nome de Alfred, os dois não deviam nada. Kellaway então ligou para Amy Dupree e perguntou sobre hobbies e outros interesses de Abby. A única resposta foi cozinhar e ler—nada que pudesse ajudar muito.

As buscas não trouxeram resultados concretos até que Avery decidisse ligar para Phyllis Lawnbrook. Ela atendeu quase que imediatamente, ainda parecendo em choque. Após os cumprimentos, Avery fez uma pergunta que julgava ser importante.

- Senhora Lawnbrook, gostaria de saber se você se lembra do que deu início ao medo de Alfred por aranhas. Por acaso houve algo na infância dele que pode ter o assustado?

- Não que eu lembre – ela disse. – Eu acho que foi algo natural, sabe? Sempre imaginei que ele pegou isso do pai... o pai dele tinha muito medo de louva-deus. Mesmo sendo um adulto, ele gritava como criança quando via um.

- Você lembra com que idade Alfred começou a demonstrar o medo de aranhas? – Avery perguntou.

- Não tenho certeza. Oito, talvez? Pode ter sido por aí, quem sabe dez. Não sei ao certo.

Avery agradeceu e encerrou a ligação, olhando pensativa para sua xícara de café.

- Você teve alguma ideia? – Kellaway perguntou.

- Não exatamente uma ideia. Só... um pensamento. Nós sabemos que Lawnbrook estava pelo menos querendo se livrar do medo de aranhas. E ele tomou medidas extremas para conseguir isso. Também sabemos que mesmo tendo pavor de muita água, Abby Costello pelo menos entrava na parte rasa das piscinas. Não sei se isso significa que ela enfrentava seu medo ou não. Mas... se esses casos estão conectados—e eu acredito que sim—eu gostaria de saber porque o medo deles fez dos dois alvos de alguém. Eu acho que se a gente descobrisse onde os medos se originaram, isso poderia nos ajudar.

- Mas o medo de Abby vem do incidente de infância. Como alguém poderia saber disso?

- É um bom ponto. Mesmo assim... isso me faz pensar se tem algo que pode ser uma ligação entre os dois. Por que o assassino escolheu justamente eles?

- Então você acha que pode valer a pena descobrir se Alfred Lawnbrook e Abby Costello se conheciam?

- Exatamente – Avery disse, pegando seu telefone novamente.

Ela ligou primeiro para Larry Costello. A chamada foi atendida pela esposa dele, que disse que Larry passou a manhã inteira completamente devastado. Avery perguntou se poderia enviar a imagem de uma pessoa para que Larry dissesse se a reconhecia. Ao receber a permissão da esposa, Avery enviou uma foto de Alfred Lawnbrook, a foto que havia sido usada na maioria dos jornais durante os últimos dias.

- Outra ideia para você – Kellaway disse. – Amy disse que Abby nunca teve nada sério. Mas ela saía com alguns caras frequentemente. O que me faz pensar que houve vários jantares. E se os caras levavam ela para jantar com frequência, ela devia ter um lugar favorito, certo?

- Certo – Avery disse, impressionada com a lógica por trás do pensamento. – Então, se nós pudermos encontrar o lugar que ela frequentava, talvez alguém tenha a visto ontem—com o cara.

- Vou atrás disso – Kellaway disse, discando o número de Amy Dupree mais uma vez.

Avery escutou a ligação de Kellaway, segurando-se para não se intrometer. Era bom ver Kellaway em ação. Ela tinha um jeito de se comunicar com as pessoas que não as fazia sentirem-se pressionadas ou desconfortáveis.

Enquanto escutava a conversa, Avery recebeu uma mensagem. Era Larry Costello (ou sua esposa). Dizia: *Não conheço esse cara. Deveria?*

Avery respondeu com um *não*, agradecendo novamente pela ajuda.

Menos de um minuto depois, Kellaway encerrou sua ligação. Avery pode ver pelo olhar no rosto dela que Kellaway estava ficando animada. A emoção da caçada a um assassino trazia a mesma expressão para um novato ou para um agente experiente.

- Mudslide Grill – Kellaway disse. – De acordo com Amy, não era só o lugar favorito dela durante a faculdade, mas seguia sendo o melhor lugar para Abby. Ela usava o local até como quesito para saber se valia a pena ou não sair com um cara—se o cara gostava ou não da comida de lá, ela tirava as conclusões. E olhe só... Amy tem quase certeza de que Abby tinha pedido ao cara para levá-la lá ontem à noite.

Sem dizer mais nada, as duas levantaram-se da mesa de reuniões. Correram pelo corredor e em direção ao estacionamento. No caminho, Avery envergonhou-se um pouco ao se lembrar de que, nos últimos meses, havia tentado substituir aquela emoção por uma caça aos veados.

Eram quase dez da manhã quando elas pararam o carro no estacionamento vazio do Mudslide Grill. O cartaz com o horário de funcionamento dizia *10:30 – Meia-noite*. Avery bateu na porta, chamando a atenção da recepcionista, que estava ajudando a deixar o local pronto para funcionar. A recepcionista virou os olhos e apontou para o relógio imaginário em seu pulso. Avery bateu novamente no vidro, dessa vez mostrando seu distintivo e também virando os olhos.

A recepcionista apressou-se e abriu a porta.

- Perdão – ela disse. – Não tinha ideia de que vocês eram policiais. Às vezes vêm umas pessoas estranhas aqui querendo beber cedo. É meio triste.

- Tudo bem – Avery disse. – Quantas pessoas estão aqui com você agora?

- Só mais três. Dois garçons do primeiro turno e meu gerente.

- Você pode juntar todos eles e me encontrar na área do bar? Tenho algumas perguntas muito rápidas que preciso fazer sobre uma mulher que acreditamos que pode ter vindo aqui ontem à noite.

- Claro – a mulher disse. Ela caminhou até os fundos do restaurante rapidamente, animada por estar participando de algo que, potencialmente, poderia se tornar um drama ou ao menos uma fofoca.

Avery e Kellaway entraram na área do bar, recentemente limpa. Mesmo assim, ainda havia um leve cheiro de cerveja misturada com perfume. Uma placa no bar dizia que o local tinha o melhor Mudslide do país—e aparentemente por isso o lugar tinha esse nome.

A recepcionista e os outros três funcionários chegaram juntos. Avery pode ver o gerente imediatamente. Ele era um boa-pinta de trinta e poucos anos. Havia preocupação e pânico no rosto dele, enquanto os outros—duas mulheres de vinte e poucos anos e um homem que parecia ter acabado de sair da escola—pareciam animados e curiosos.

- Você é o gerente? – Avery perguntou ao homem de trinta e poucos anos. O nome no crachá dele dizia DAN.

- Sou. O que aconteceu?

Avery mostrou seu distintivo e então pegou seu telefone.

- Estamos tentando descobrir se uma certa mulher esteve aqui ontem. O nome dela é Abby Costello e temos uma pista forte que nos diz que ela pode ter vindo aqui. Algum de vocês estava aqui ontem à noite, depois das seis?

A recepcionista e o rapaz mais novo levantaram as mãos.

- Eu estava aqui até fechar – a mulher disse. O crachá dela dizia BRITTANY.

- Eu saí às dez – o jovem rapaz disse. Seu crachá dizia DEMARIUS.

Avery abriu uma foto de Abby que havia encontrado no Facebook. A foto tinha sido publicada três dias antes, portanto era muito recente.

- Eu sei que muita gente vem aqui todo dia – Avery disse. – Mas se vocês puderem reconhecer essa mulher, eu agradeceria.

- Ah, essa é fácil – Brittany disse. – Eu a vi. Ela era muito legal. Conversava bastante.

- Ela estava em um encontro? Havia um homem com ela?

- Acho que sim – Brittany disse. – Servi os dois no bar. O cara estava pelo restaurante todo. Ficou com ela, mas não o tempo todo.

- E você lembra que horas era isso? – Kellaway perguntou.

- Bom, eu lembro bem deles porque era cedo—antes do restaurante lotar para a hora do jantar e com pessoas bebendo. Acho que era cinco e meia, por aí.

Avery então olhou para Dan, o gerente.

- Se eu lhe der um número de um cartão, você pode olhar as transações de ontem e descobrir se ele foi usado?

- Sim, posso fazer isso.

- Kellaway, você pode encontrar o número do cartão nos arquivos e passar para ele?

Kellaway concordou e pegou seu telefone, manuseando-o com muita habilidade. Ela e Dan seguiram para o caixa, atrás do bar.

- Brittany, isso é muito importante... você acha que consegue identificar o homem com quem ela estava? Você poderia descrevê-lo?

- Ele era alto. Acho que mais de um e oitenta. Cabelo escuro, boa-pinta, barba por fazer. Ele era bem intenso, do tipo que conversa bastante, sabe? Ele meio que me flertou quando eu o servi, mas não de um jeito rude.

- E a mulher, como ela parecia estar? De bom humor? Algo parecia estar a incomodando?

- Ela parecia tensa no começo, quando o cara estava com ela. Peguei ela virando os olhos várias vezes, meio que desejando que ele saísse. Esse tipo de coisa.

- Você disse *quando o cara estava com ela*. Ele não ficou com ela o tempo todo?

- Não. Eu não vi o que aconteceu, mas ele foi embora depois de um tempo. Quando ele saiu, eu vi a mulher andando de um lado para outro, nervosa. Eu tenho quase certeza de que ela pediu para uma mulher que estava ao lado dela para usar o telefone. Lembro disso porque achei estranho ela não ter um telefone. *Todo mundo* tem telefone, né?

- Alguém mais entrou para encontrá-la depois que o homem foi embora?

- Não que eu tenha visto. Desculpe... foi quando o restaurante começou a encher. Eu mal lembro dela pagando a conta. Eu meio que senti pena dela. Ficou parecendo que o cara desistiu dela.

- Você sabe quanto tempo ela ficou aqui *depois* do homem ter ido embora?

- Não tenho ideia. Talvez meia hora.

Do bar, Kellaway chamou.

- Aqui está. Abby Costello pagou a conta às seis e trinta e dois ontem. Dois drinks, um *shot* e um hambúrguer.

Avery pensou por um momento e então disse:

- Brittany, você se lembra talvez de Abby trocando palavras mais ríspidas com esse cara no bar?

- Não. Mas eu como eu disse... estava claro que ela estava irritada com algo.

Avery assentiu, tentando juntar os fatos. *Então talvez eles discutiram e o cara saiu... mas depois a raptou. Ou, se Abby não gostava de relações sérias, como Amy diz, talvez ela encontrou outra pessoa depois que o cara foi embora. Talvez o cara com quem ela saiu ontem não é o assassino. Mas se for... pelo menos temos que ir atrás disso.*

Ela quase começou a perguntar sobre o homem que havia deixado Abby sozinha, mas seu telefone tocou. Avery quase ignorou a chamada, mas pensou que pudesse ser a legista com mais informações importantes sobre a autópsia de Abby.

Ao ver um número desconhecido, ela quase ignorou a chamada. Mas naquele momento, algo maior do que seu instinto apareceu. Ela havia sentido aquilo cerca de três vezes na carreira, uma necessidade de agir baseada somente em sua intuição. Avery sabia que precisava atender.

E atendeu.

- Um momento – ela disse aos funcionários do Mudslide Grill. Então, virou-se para atender a ligação. – Avery Black – disse.

- Senhora Black... aqui é Janell Mitchell, do serviço de emergência de Boston. Estou ligando porque acabei de receber a ligação de um dos nossos motoristas de ambulância dizendo que eles estão a caminho do hospital com sua filha.

Avery congelou ao ouvir aquilo. Sua mente pareceu querer recusar as palavras ouvidas.

- Desculpe – ela disse. – Você disse *minha filha*?

- Sim, senhora. Rose Black. Ela deve chegar ao hospital dentro de cinco a sete minutos.

- Não estou entendendo... o que aconteceu?

- Não temos detalhes ainda, senhora. Mas o motorista e os médicos que a atenderam acreditam que tenha sido uma tentativa de suicídio.

- Uma *o que*?

A mulher do outro lado da linha respondeu, mencionando novamente a palavra suicídio, mas Avery mal a escutou. Ela já estava correndo em direção à porta do Mudslide Grill. Ao gritar para contar a Kellaway o que estava acontecendo, mal pode acreditar em suas próprias palavras. Seu corpo parecia estar em outra dimensão, assistindo àquele pesadelo de um lugar paralelo.

Ao tirar o carro do estacionamento, Avery viu Kellaway na porta, mas a ignorou. Ela já estava chorando e, no fundo de seu coração, imaginando como ela mesma cometeria suicídio se perdesse sua filha.

CAPÍTULO VINTE E UM

Avery sentia-se como se estivesse bêbada. Ela estava perdida quando parou o carro no estacionamento da emergência. Suas pernas estavam fracas e seu estômago parecia mostrar que ela vomitaria a qualquer momento. Ela correu até a sala de espera, tão rápido que quase colidiu com a janela de vidro que separava a mesa da recepcionista da área de espera. Recebeu as informações sobre Rose e a permissão para entrar.

Quando uma mulher a parou antes que ela pudesse chegar às salas de exame, Avery quase explodiu.

- Não – Avery disse. – Não.. eu preciso vê-la e tem que ser agora!

- Senhora, eu entendo seu nervosismo, mas mesmo você tendo um distintivo da polícia, tem regras que não podem ser quebradas. Eu já pedi para o médico vir aqui falar com você, e por enquanto isso é o máximo que eu posso fazer.

- Não é o suficiente!

A mulher concordou.

- Eu sei. Não é. Mas... são as regras. Você é policial, com certeza você entende a necessidade de termos regras, certo?

Era uma tática simples, mas funcionou. Também ajudou o fato de que, ao parar na junção de quatro corredores ao lado mulher, Avery viu o médico apressando-se por um dos caminhos. A mulher viu o médico vindo, acenou e saiu—provavelmente feliz por poder se afastar daquela detetive em pânico.

- Você é a senhora Black? – o médico perguntou.

- Sou. Como está Rose?

Ele suspirou e seus olhos a miraram profundamente. *Meu Deus, Avery pensou. Ela morreu. É tarde demais. Eu a perdi...*

- É muito cedo para dizer – o médico disse. – No entanto, se eu tivesse que apostar—o que eu jamais faria, na verdade—eu diria que ela vai ficar bem.

- Foi uma tentativa de suicídio? – Avery perguntou, ainda sem conseguir acreditar. – Vocês têm certeza?

- Sim. Mesmo sem os resultados dos exames, tenho certeza que eles vão confirmar. Ela tomou uma dose muita alta de oxicodona. Não sabemos quanto, mas o pote estava ao lado da cama dela. Para ela ter ficado mal assim, imagino que ela tenha tomado pelo menos sete ou dez comprimidos. Também havia uma cerveja pela metade. A emergência recebeu a ligação há uma hora. Ela mesma ligou. Ela sabia o que tinha feito e aparentemente estava arrependida. Mudou de ideia. O fato dela ter conseguido telefonar é o que me faz pensar que ela vai ficar bem. Mas eu preciso te dizer que, quando os médicos chegaram, ela estava apagada. Ela ainda está desacordada, mas estamos fazendo o possível para trazê-la de volta.

- Posso vê-la?

- Logo, logo. Ela só chegou no quarto há cinco minutos. Deixe-nos terminar os procedimentos e—

- Não entendo – Avery disse, sentindo que seu joelhos poderiam derrubá-la a qualquer momento. – É culpa minha. Ela fez isso por causa de mim... porque...

Avery foi interrompida por seu próprio choro. O médico deu um passo a frente e pôs uma mão em seu ombro.

- Só mais alguns minutos e você vai poder vê-la. Eu prometo.

Avery assentiu e deu dois passos para a esquerda. Ali, encostou-se na parede e sentou-se no chão. Então, encolheu as pernas, encostou a cabeça no pescoço, e chorou, o mais silenciosamente possível.

O médico cumpriu sua promessa. Avery pode entrar no quarto sete minutos depois. Ela voltou a soluçar quando passou pela porta. Rose estava deitada imóvel na cama, com um tubo de respiração no nariz. O médico já havia alertado Avery de que sua filha estava inconsciente e ficaria assim por pelo menos um dia.

Ainda havia duas enfermeiras na sala, e uma delas a olhou com uma expressão de quem estava com o coração partido. A outra estava checando os batimentos de Rose em um monitor ao lado da cama, como um sentinela que tomava conta de uma cena horrível.

Avery aproximou-se da cama e segurou a mão de Rose. Ela apertou levemente e sentou-se em uma cadeira. Mal percebeu quando as enfermeiras saíram e começou a chorar. Por um instante, sentiu como se

uma fenda tivesse sido aberta no tempo e no espaço e ela tivesse sido levada para o quarto de hospital de Ramirez—quando ele ainda tinha esperanças de voltar para casa. Claro, aquilo não tinha acontecido. Ele havia sido morto na cama de hospital, enquanto Avery estava em outro lugar, tentando encontrar o assassino.

Obviamente, a mão que ela estava segurando agora não era a de Ramirez. Ainda assim, a sensação era a mesma. Rose havia feito aquilo a si mesma por algum motivo—provavelmente por motivos totalmente relacionados à sua mãe. A única ponta de esperança era que, de acordo com o médico, Rose havia mudado de ideia no último instante e ligado para pedir ajuda. Então, talvez, não houvesse só notícias ruins. Se Rose tinha mudado de ideia em um momento ruim, talvez Avery pudesse ter esperanças de ainda fazer as pazes com sua filha no futuro.

Que tal você parar de se preocupar consigo mesma e pensar na melhora dela, sua egoísta de merda, disse a si mesma.

Afinal de contas, na verdade, era tudo culpa dela. Ela sabia que um psicólogo ou qualquer bom amigo iria refutar a teoria, dizendo que a relação ruim entre as duas era apenas uma pequena parte dos problemas de Rose. Mas Avery lembrava-se completamente da rápida visita ao apartamento de Rose, quando sua filha havia gritado, pedindo para que ela fosse embora.

Não... aquilo era completamente sua culpa, e ela precisa aprender a lidar com isso. Talvez tivesse sido um erro voltar ao trabalho tão cedo—ou a qualquer momento, na verdade. Ela tinha deixado Rose em segundo lugar *de novo*, e algo terrível havia acontecido.

- Eu não sei mais o que fazer – Avery disse. – Rose, eu sinto muito. Eu não sabia para onde ir e o que fazer sem Ramirez... trabalhar parecia ser a única opção.

Ela não sabia se Rose podia ou não escutá-la, mas admitir aquilo em voz alta era libertador. Mais uma vez, Avery chorou descontroladamente. Ela ficou ali, ao lado da cama de Rose, segurando a mão de sua filha com força.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Janice Saunders podia sentir a enxaqueca tomando conta de sua cabeça, como se uma serpente estivesse a apertando. Ela sentiu a dor no olho direito primeiro, como sempre. Mas depois houve uma pontada atrás, e depois na base do crânio. Ela já havia sentido aquilo o suficiente para saber o que viria pela frente, e estava feliz em saber que o dia de trabalho tinha acabado. Estava subindo os degraus para entrar em casa quando sentiu as primeiras pontadas de verdade, e seus pensamentos imediatamente lembraram do ibuprofeno na gaveta de remédios e do óleo de pimenta e hortelã em seu criado-mudo.

As dores eram resultado de seu trabalho. Como se o estresse de trabalhar com aquelas propostas sem sentido do governo não fosse suficiente, ficar olhando para uma tela de computador de oito a dez horas por dia também era horrível. Era tão ruim que Janice às vezes evitava até assistir TV à noite quando o dia era muito ruim. Já estava atrasada em cinco episódios de *This Is Us* e nem havia conseguido começar a segunda temporada de *Stranger Things*.

Ela já teria pedido demissão se seu trabalho não pagasse não bem. Com o próximo pagamento flutuando em sua mente, Janice destrancou a porta frontal. Ela abriu a porta, imaginando se aquele seria o dia onde a casa finalmente não pareceria tão grande. Seu marido tinha ido embora há pouco mais de um ano e aquele lugar ainda parecia grande demais, como se já não lhe pertencesse. Algumas noites, a escuridão parecia querer engoli-la e—

Ao fechar a porta, Janice percebeu algo errado na sala. Era uma bagunça que não fez sentido a princípio, mas logo em seguida, uma sensação de terror absoluto tomou conta de cada centímetro de seu corpo.

Uma série de rostos de palhaços estavam olhando para ela. Bonecos, bichos de pelúcia, recortes de papelão que haviam sido colados na parede. Todos eles sorriam para ela, com sorrisos pintados de forma a parecerem sangrentos. Ela olhou de parede em parede, como um veado quando flagrado pelas lanternas na floresta. Sua mente estava devagar demais para pensar na pergunta óbvia: de onde vinha aquilo tudo? Naquela hora, ela só conseguia pensar no medo.

Havia pelo menos trinta rostos de palhaços olhando para ela. Eles haviam sido colocados em seu sofá, na área do bar que separava a sala da cozinha e no chão da sala. Alguns eram aqueles palhaços antigos, com sorrisos enormes. Outros pareciam mais atuais, que as novas gerações diziam ser delas, graças a Stephen King.

Ela sentiu um grito subir pela garganta. Esperava que, ao gritar, seus joelhos pudessem se mover para que ela pudesse ao menos sair dali. Mas o grito trouxe um pensamento lógico.

Alguém colocou eles aqui, ela pensou. Alguém entrou na minha casa e colocou eles aqui. E essa pessoa sabe da minha coisa com palhaços... É uma pegadinha maldosa, muito maldosa, e quem quer que tenha feito isso pode estar aqui ainda e—

Foi quando uma figura apareceu atrás balcão, no lado da cozinha. Ele estava escondido ali o tempo todo. Era a figura de um homem, vestido com um moletom preto e calças de moletom. Seu rosto não podia ser visto, porque estava coberto com uma máscara de palhaço. A máscara era cinza e o sorriso sinistro ia de um lado a outro, totalmente alargado.

O homem por trás da máscara fez um barulho estridente. E então puxou uma faca.

Ainda rindo como um maníaco, o palhaço subiu no balcão com uma agilidade insana e com a faca no ar. Tufos de um cabelo colorido surgiram atrás dele. Ao ver aquela cena, Janice não pode segurar sua bexiga.

Provavelmente, foi a temperatura do xixi que descongelou suas pernas. Com o coração saltando como um animal preso na jaula, Janice virou-se e correu para a porta. Sua mão estava a poucos centímetros da maçaneta quando a faca acertou suas costas, logo abaixo do ombro direito.

A dor foi intensa, principalmente quando a lâmina encontrou seu osso. Ela gritou, em parte pela dor, e em parte pela sensação de medo que seus pulmões vinham segurando há vários segundos. Ela sentiu a faca sair, mas entrar novamente, dessa vez mais embaixo. Depois, de novo. E de novo...

Suas pernas se amoleceram e ela caiu no chão. O palhaço estava ali, atrás dela. Quando ele se sentou, o primeiro medo de Janice foi que seria sequestrada, mas aquele foi um medo passageiro. Em uma piscina de sua própria urina e sangue, ela percebeu que o palhaço tinha outros objetivos em mente.

O palhaço voltou a rir, com seu rosto muito perto do dela, e sua pequena legião de bonecos assistindo tudo. Ele levantou a faca e a abaixou. Janice

contou quatro golpes até que a escuridão tomou conta de seus olhos. Seu último pensamento trouxe a sensação de ela havia vivido o suficiente para, de fato, sentir seu coração parar de bater.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Avery sabia que o tempo no hospital era de certa forma intangível. Parecia passar em uma velocidade diferente quando você estava ao lado da cama de alguém amado. Mas não era só o tempo que parecia diferente. Seu corpo também. Ela sabia que precisava dormir, mas não estava cansada. Sabia que precisa comer, mas não tinha fome.

Ela olhou o celular. Seis chamadas perdidas, três mensagens. Todas de Kellaway, O'Malley e Connelly. Não se importou em ler as mensagens naquele momento. Estava mais interessada na hora. Não ficou surpresa ao ver que o relógio já marcava uma da manhã.

A situação de Rose não havia mudado. Ela ainda estava inconsciente, respirando por aparelhos. Mas o médico havia dito que seus batimentos estavam mais fortes e que ele estava confiante de que ela acordaria em breve. Ao olhar para Rose, Avery pensou na última conversa que havia tido com o médico.

Ele havia trazido um sanduíche da cafeteria para Avery, que ela mal havia mordido. Havia puxado uma cadeira e se sentado.

- Eu vou ser sincero com você e você vai entender o porque. Você é detetive, então imagino que você lide com histórias difíceis, certo?

- Certo.

- Bom, com base no que eu sei desse tipo de situações, eu acho que isso foi de fato um grito desesperado por ajuda. Mesmo ela não sabendo disso... acho que foi. Se ela quisesse fazer mal a si mesma, teria tomado mais comprimidos. Os médicos que a salvaram disseram que o pote ainda tinha pelo menos mais doze. E ela não teria ligado pedindo ajuda. Eu só estou dizendo isso para que você saiba que talvez ela precise que você descubra quais são os problemas dela quando ela voltar ao normal—ou o mais perto do normal possível.

Avery pensou: *Rose não quer que eu descubra nada.* Mas não respondeu. Simplesmente, assentiu e pensou no conselho do médico.

A conversa havia acontecido sete horas antes. E mesmo ainda pensando no que ele tinha dito, ela não tinha muitas esperanças em sua relação com Rose. Avery nunca fora muito próxima de sua mãe. Depois dos vinte e um

anos, elas simplesmente não se falaram mais. Talvez aquele seria seu futuro com Rose. Talvez ela simplesmente tivesse que aceitar.

Para manter-se ocupada e longe do medo de seu próprio futuro, Avery leu as mensagens e e-mails que haviam chegado. Cada mensagem perguntava se ela precisava de alguma ajuda. Kellaway havia escrito um parágrafo dizendo que estava rezando por ela e por Rose e que, se ela precisasse de alguém, a qualquer hora, poderia telefonar.

Era algo simples, mas receber o apoio de quem estava muito presente em sua vida—mesmo sendo alguém novo—fez Avery imaginar que talvez seu mundo não tivesse acabado com a morte de Ramirez. Por que ela achava que precisava deixar tudo para trás e começar do zero? Por que ela tinha decidido se esconder?

Porque você estava fugindo, disse a si mesma. *Você só estava pensando em si mesma. O pai de Rose morreu e você se afastou. Que tipo de merda é essa?*

O último pensamento de Avery antes que ela finalmente conseguisse dormir na cadeira desconfortável foi que talvez ela estivesse errada o tempo todo. Ela havia assumido que Rose precisaria de muita ajuda para lidar com a morte de seu pai e com o trauma do caso. Na verdade, ela estava começando a achar que era ela própria quem precisava de mais ajuda.

O toque do telefone a acordou às sete e dez da manhã. Havia dor em seu pescoço por ter dormido na cadeira e um gosto ruim na boca, por não ter escovado os dentes. O número na tela do celular era um que ela ainda não tinha salvo, mas reconheceu: Kellaway.

Avery atendeu, com o coração aquecido ao lembrar das palavras de Kellaway nas mensagens. Não havia porque mantê-la longe. Não resolveria nada e a faria parecer intocável.

- Ei, Kellaway – disse.
- Oi – Kellaway respondeu. – Como ela está?
- Ainda desacordada, mas os médicos disseram que ela vai ficar bem.
- Preciso dizer que O'Malley e Finley estão preocupados com você. Eles viram os relatos dos médicos da emergência, então sabem o que aconteceu. Eu também. Mas ninguém mais. Eu sinto por termos nos intrometido na sua vida, desculpe por isso.

- Tudo bem, sério. Ei... tudo bem por você continuar no caso enquanto eu estou aqui?

- Sim. Vou encontrar Connelly para falar sobre isso mais tarde. Mas tomara que você volte logo.

- Vamos ver – Avery disse.

- Enfim, acho que você gostaria de uma atualização. Conseguimos encontrar o telefone velho de Abby Costello. Estava em uma das caixas de descarte, a algumas quadras do apartamento dela. Estava pior do que só a tela quebrada que tinham nos contado. Estava bem quebrado. Os caras da TI dizem que parece que ela quebrou de propósito. Eles vão conseguir rastrear as chamadas, mas vai levar um tempo.

- Então talvez ela não teve tempo de configurar o novo antes do encontro – Avery disse, pensativa.

- Provavelmente. Além disso, encontramos o cara com quem ela chegou no restaurante. Só que era o primeiro encontro dela com ele. Se conheceram no Tinder. Eles discutiram quando ela disse diretamente que ele não fazia o tipo dela e que não tinha intenção de sair com ele de novo, depois de tomar alguns drinks. Ele foi embora e foi ao cinema com um amigo. Me mostrou o ingresso e as mensagens com o amigo. Ele não tem culpa de nada.

- Bom trabalho.

Kellaway parou por um instante, como se quisesse dizer algo a mais, mas por fim apenas disse:

- Por favor, me diga se você precisar de algo.

- Eu aviso. Obrigada.

Elas encerraram a ligação e Avery não pode deixar de odiar a si mesma por desejar que pudesse estar participando da caçada ao criminoso. Mas ao olhar para Rose, na cama, respirando por aparelhos, viu que precisava por ordem em sua vida e, principalmente, em suas prioridades.

Um pouco menos de duas horas depois, Rose abriu os olhos. Ela fez uma série de barulhos estranhos, como se estivesse estranhando os aparelhos de respiração e assustada por estar em um quarto desconhecido. Com a ajuda de duas enfermeiras e do médico, ela ficou sem o tubo e voltou a descansar com facilidade.

Enquanto a enfermeira falava com ela e checava os batimentos, Avery e o médico esperavam do lado de fora. Avery estava morrendo por não estar ao lado da filha, mas fez o possível para manter-se calma e paciente.

- Ela está respondendo muito bem aos estímulos – o médico disse. – Vai ficar um pouco grogue por um tempo e, mesmo que provavelmente esteja com muita fome, vamos ter que alimentá-la devagar. Vamos ter que manter ela aqui essa noite, mas não precisamos ficar preocupados. Como eu disse... apenas fique ao lado dela nos próximos dias, enquanto ela começar a pensar nos motivos pelos quais fez isso. Eu ficarei feliz em recomendar um psiquiatra se você achar que pode ajudar.

Avery agradeceu e viu o médico sair pelo corredor. Ela virou-se e voltou a entrar no quarto. A enfermeira acenou com a cabeça quando elas passaram uma pela outra—Avery entrando e a enfermeira saindo—e sorriu, esperançosa.

- Ei, pequena – Avery disse.

- Ei, mãe...

E foi o suficiente. Os lábios de Rose tremeram e ela começou a chorar. Foram soluços profundos, que pareciam vir do coração. Ela levantou seu braço tremendo e Avery ficou feliz em segurá-lo. Ela se aproximou e abraçou Rose, com cuidado.

- Tudo bem, amor – Avery disse. – Tudo bem. Eu sinto muito. Eu deveria estar lá com você. Você deveria saber que eu estaria a seu lado a qualquer momento e—

- Não – Rose disse. – Eu sinto muito. A culpa é minha, mãe. Eu estava sendo estúpida e egoísta e queria te odiar. Eu precisava te culpar e...

As palavras se perderam em lágrimas, tornando-se apenas sons inaudíveis. Avery começou a chorar levemente e, pela maior parte dos dez minutos seguintes, aquilo foi tudo: duas mulheres, compartilhando luto e buscando uma maneira de continuar suas vidas, encontrando a resposta que estivera em frente a elas o tempo todo.

Enfermeiras entraram e saíram do quarto como abelhas sobrevoando uma colmeia. Pelo que elas haviam dito a Avery, a situação era muito positiva. O comportamento alegre delas pareceu contaminar Rose. Depois

de uma hora chorando, ela parecia estar melhor. Sorriu para as enfermeiras e conseguiu trocar olhares com sua mãe sem cair no choro.

Um pouco antes do meio-dia, Avery sentou-se ao lado da cama de Rose e segurou a mão dela. Tinha decidido ser o mais sincera e direta possível.

- O médico disse que isso foi um pedido de ajuda – ela disse. – O que você acha disso?

- Espero que não tenha sido – Rose respondeu. – Eu... não sei. Eu tinha pensado nisso algumas vezes depois que o pai morreu. Mas era tudo besteira, fantasia, um jeito de escapar. Senhor... você me conhece, mãe. Suicídio é algo muito estúpido. A garotinha não conseguiu lidar com o estresse. E para piorar, eu escolhi tomar comprimidos. Ridículo. Poderia ter sido pior, sabe? Eletricidade na banheira, uma arma na boca...

- Pare – Avery disse, com cada uma daquelas ideias passando por sua mente.

- Desculpe, mas você me entende. Mãe... meu Deus, me desculpe. Eu não sei no que eu estava pensando.

- Eu acho que eu sei – Avery disse. – Você estava pensando que seu pai morreu por conta de um assassino que sua mãe estava perseguindo. Estava pensando que sua mãe sempre dá prioridade ao trabalho que acabou matando seu pai ao invés de pensar em você. E em nada disso você está errada.

- Não, não é isso. Não mesmo. Teve dias nos últimos meses em que eu senti sua falta tanto quanto do pai. E é mais difícil, porque você está aqui, sabe? Eu só... eu não sei o que é isso mãe. Eu queria saber...

Atrás delas, o celular de Avery vibrou. Ela havia o silenciado à noite e ainda não tinha voltado a ativar o som. Era uma série de vibrações, indicando que se tratava de uma ligação. Avery ignorou-a completamente, enquanto Rose olhava para o aparelho.

- Tudo bem, mãe. Eu sei que você pode achar que não, mas eu amo saber que você é dedicada ao trabalho. É importante. Eu sei disso e respeito. Você é foda. Só que eu tenho ciúmes, eu acho. Eu sabia que você tinha voltado ao trabalho. Eu vi algo nos noticiários quando você entrou correndo no A1. Pelo que eu vi, você tem uma parceira nova. Que não é nem de perto tão bonita quanto Ramirez.

- É verdade. Desculpe, Rose. Eu deveria ter ligado. Deveria ter perguntado. Mas... meu trabalho é a única coisa que eu sei fazer bem. Eu

precisava voltar para ver se conseguia voltar a ser quem eu era antes dele morrer.

- Eu entendo, mãe. Tudo bem. Sério, eu entendo.

- Mesmo assim... eu não quero que você pense que eu deixo você em segundo lugar.

- Mãe, eu não sou cega. Eu vejo como você tenta deixar tudo bem entre nós. Várias vezes, você tentou e eu não quis. Eu ainda era aquela menina ingênua que queria te irritar porque as coisas não deram certo entre você e meu pai. Eu nunca me senti *em segundo* por causa do seu trabalho, apesar de algumas coisas que eu disse no passado.

- Você é incrível – Avery disse.

- E você é uma detetive terrível – Rose disse, acenando com a cabeça para a cadeira onde estava o telefone de Avery. – Atenda. Pelo que diz o noticiário, você está no meio de um caso horrível.

- Você é mais importante, Rose.

- Sim, nós sabemos disso – Rose disse, beijando a bochecha de Avery. – Agora vá atrás do assassino. Evite que ele mate mais alguém.

Elas se olharam. Nada foi dito, mas muito foi entendido. *Vá atrás do assassino... não desista. O pai está morto, mas você pegou o cara que fez isso. Não pare agora. Faça seu trabalho. Salve vidas.*

Avery gentilmente mexeu nos cabelos de Rose e beijou a testa dela.

- Nós vamos ficar bem, Rose – ela disse.

- Sim, vamos – Rose respondeu. – E eu prometo fazer minha parte daqui para frente.

- Eu também – Avery disse.

Ela levantou-se, sentindo-se estranha ao pegar o telefone. Aquela sensação, ela percebeu, era por saber que ela tinha o apoio total de Rose—que Rose era, então, sua torcedora. Era uma sensação estranha... porém incrível.

Avery viu que a ligação era de O'Malley. Tentou retornar, mas a chamada caiu na caixa de mensagens. Então, ligou para Kellaway. Como sempre pronta para ajudar, Kellaway atendeu ao segundo toque.

- Eu vi que O'Malley me ligou há cinco minutos – Avery disse. – Você sabe o que aconteceu?

- Sim – Kellaway disse. – Estou a caminho da cena agora. Outro assassinato. E esse parece ser mais estranho do que o das aranhas.

- Onde é? – Avery perguntou

Avery olhou para Rose para ter certeza da permissão e a recebeu em forma de um sorriso orgulhoso.

- Detetive Black... não. Fique com sua filha. Não quero que você—

- Me dê o endereço – Avery disse. – Estou a caminho.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Por coincidência, o hospital ficava mais perto da cena do crime do que a sede do A1. Por isso, Avery chegou apenas alguns minutos depois de Kellaway. Finley também estava lá, e ambos tinham os ombros molhados por gotas de uma chuva leve que acabara de começar. Avery saiu do carro, colocou um casaco sobre os ombros e juntou-se aos dois.

A casa ficava em uma pequena estrada lateral que podia ser acessada através da rodovia principal. As residências não ficavam tão juntas, com pelo menos um quilômetro de distância entre cada propriedade. Era o tipo de lugar que ainda podia ser chamado de vizinhança, ao invés de bairro. Os três caminharam juntos em direção à porta parcialmente aberta e ao único policial que esperava nela.

- Do que nós temos certeza até agora? – Avery perguntou.

- Pouca coisa – Kellaway disse. – Eu prefiro ver a cena antes de tentar descrever o que me contaram.

- Ela está certa – Finley disse. – O cara que ligou avisando... pelo que entendi, coitado, parecia estar perdido.

- É, um colega de trabalho encontrou o corpo há cerca de quarenta minutos – Kellaway disse. – Ela não apareceu para trabalhar, o supervisor ficou nervoso porque eles tinham metas a cumprir, e mandou alguém até a casa dela para chamá-la, já que ela não estava atendendo ao telefone e nem respondendo os e-mails.

Eles haviam chegado à entrada da casa naquele momento. Passaram por baixo da fita amarela que demarcava a cena do crime e subiram os degraus. O agente na porta assentiu ao ouvir as palavras de Kellaway.

- É isso mesmo. O rapaz teve que ser levado para casa. Estava destruído.

- E você foi o primeiro policial a chegar aqui? – Avery perguntou. Ele tinha um rosto familiar—alguém que ela já havia visto inúmeras vezes, mas nunca conhecera. Era um homem um pouco acima do peso, chamado Hancock.

- Fui – Hancock disse. – E sim... me assustei com a cena também. Vejam vocês mesmos.

Hancock deu um passo para o lado, parecendo feliz em poder tomar um pouco de ar fresco.

Ao entrar na casa, Avery percebeu que Kellaway não havia exagerado. A cena parecia ter sido retirada de um filme de terror. O corpo no chão estava coberto de sangue. Uma piscina vermelha havia se formado em volta do corpo, em todas as direções. Havia facadas por todos os cantos do corpo, inclusive no lado esquerdo da mandíbula. Uma olhada rápida permitiu que Avery contasse ao mesmo sete facadas.

Mas além do corpo, havia palhaços. Muitos palhaços. Bonecos, figuras de porcelana, cartões, mais bonecos... havia pelo menos trinta palhaços e todos estavam olhando na direção da porta.

- Que porra aconteceu aqui? – Finley murmurou.

Avery aproximou-se o quanto pode do corpo sem colocar os pés na piscina de sangue. Percebeu que não havia visto todas as facadas. Havia pelo menos dez. Imaginou quantas mais haveria nas costas. Também viu uma mancha, que não parecia ser de sangue, na altura da virilha da mulher.

- Ela urinou em si mesma – Avery disse, apontando para a mancha escura.

- E meu Deus, olhe para os olhos dela – Kellaway disse.

Avery também já havia notado os olhos. Arregalados, congelados de medo. Exatamente como Alfred Lawnbrook e Abby Costello.

- Sabemos o nome dela?

Hancock colocou a cabeça novamente para dentro da casa e disse, com a voz calma:

- Janice Saunders. Passando por um divórcio, trabalhando como especialista em propostas para uma agência do governo, pelo que eu entendi.

- Alguém já falou com os vizinhos?

Antes que Hancock pudesse responder, Avery ouviu o som de sirenes se aproximando, com a chegada de mais policiais. Ela olhou pela porta ainda aberta e viu duas viaturas vindo do norte, da direção da rodovia. Além disso, viu também outro veículo, seguindo as viaturas: uma van da imprensa.

- Cacete – Avery disse.

- Como eles descobriram tão rápido? – Finley perguntou.

- Tem muito mais gente envolvida dessa vez – Avery respondeu. – O supervisor do trabalho dela e provavelmente vários colegas que sabiam que

o supervisor tinha mandado alguém aqui. Junte isso ao fato de que a mídia já anda me seguindo depois que eu voltei e pronto. Aposto que alguém me seguiu quando eu saí da porra do hospital.

- Carniceiros – Finley disse.

- Hancock – Avery disse. - Você e Finley podem ficar por aqui um segundo? Fiquem aqui fora até que os agentes cheguem. Eu e Kellaway vamos andar pela vizinhança atrás de alguma informação. Eu gostaria de sair daqui antes que a van da imprensa nos veja.

- Tudo bem – Finley disse.

- Por mim também – Hancock respondeu.

Avery e Kellaway saíram imediatamente. As viaturas estava diminuindo a velocidade ao se aproximarem da casa. A van da imprensa vindo atrás delas podia ser claramente vista agora. Avery percebeu que se alguém dentro do veículo estivesse atento, teria visto ela e Kellaway caminhando pelo gramado com direção à casa do vizinho.

- Você já viu algo assim? – Kellaway perguntou quando elas se aproximaram da entrada da casa ao lado.

- Não – Avery disse. – E acredite, eu já vi muita coisa surreal.

Aranhas... e agora palhaços. Avery não tinha mais dúvidas. O medo com certeza era um ingrediente daqueles crimes.

Quando as duas subiram os degraus até a porta do vizinho, já havia uma mulher parada ali. Era uma mulher mais velha, de cerca de sessenta anos, olhando por uma porta de vidro na direção da casa de Janice Saunders. Ela deu um passo cuidadoso atrás ao ver Avery e Kellaway se aproximando. Avery mostrou seu distintivo à mulher que, imediatamente, deu um passo à frente e abriu a porta.

- Sou a Detetive Black, e essa é minha parceira, Agente Kellaway – Avery disse. – Gostaríamos de um minuto do seu tempo—de preferência antes que aquele carro da imprensa chegue aqui.

- O que aconteceu? – a mulher perguntou.

- Eu vou te contar, mas prefiro fazer isso lá dentro – Avery respondeu.

A mulher assentiu e permitiu que elas entrassem na casa. Antes de fechar a porta, ela olhou mais uma vez para fora. Pelo que Avery pode perceber, ela era do tipo que adorava uma fofoca. Provavelmente, do tipo que *gostava* do barulho e da comoção da imprensa.

Quando a porta se fechou, a mulher virou-se e franziu a testa, como se já soubesse o que havia acontecido.

- Aconteceu algo com Janice?

- Infelizmente sim – Avery disse. – Ela foi assassinada.

- Meu Deus...

- Senhora, qual seu nome?

- Courtney Fowler... ela foi *assassinada*?

- Sim. Vocês eram próximas?

- Já fomos mais. O marido dela a abandonou há cerca de um ano e, desde então, ela não socializou muito. Eu tentei convidá-la para tomar um chá ou um café, mas ela sempre estava distante.

- Você sabe porque o marido dela a abandonou? – Kellaway perguntou.

- Não tenho certeza, mas acho que ele tinha uma amante. São o que dizem os boatos. Que o marido dela se envolveu com uma amante e acabou escolhendo a outra mulher.

- Quais você acredita que são as chances do marido dela estar envolvido nesse crime?

Courtney vagarosamente as levou pela sala e sentou-se no sofá. Ela tirou os óculos e secou uma lágrima.

- Nenhuma... ele pode ter sido um idiota quando a deixou, mas ele não é do tipo violento.

- Você tem certeza disso? – Avery perguntou.

- Tenho. A não ser que ele tenha mudado e eu não tenha ficado sabendo. Ele sempre foi um jovem de boa reputação.

- Tenho outra pergunta – Avery disse. – E pode parecer um pouco estranha. Mas você sabe se Janice tinha algum tipo de fobia?

Courtney pensou por alguns segundos antes de assentir devagar, como se um pensamento estivesse a assustando.

- Na verdade, sim. Eu fiz uma festa de Halloween aqui há uns dois anos, para o pessoal da vizinhança—uma festa de Halloween para adultos. Janice e o marido vieram fantasiados de bruxos, se não me engano. Enfim, a noite estava sendo ótima até que outros vizinhos chegaram. Um outro casal gente boa. Mas o homem estava fantasiado de palhaço. E quando Janice viu aquilo, ela foi para outra sala. Eu pude perceber que ela ficou desconfortável. Depois, quando a festa inteira passou a ser naquela sala, aquela outra, ali do outro lado, Janice enlouqueceu. Ela ficou visivelmente assustada e foi até um pouco grossa. Ela foi embora imediatamente. Todo mundo achou que ela estava brincando, sabe? Então o cara que estava vestido de palhaço começou a tirar sarro quando ela quis ir embora. Ele

bloqueou a porta e começou a rir para ela, tentando ser engraçado. Janice gritou com ele e começou a chorar até que finalmente conseguiu empurrá-lo e saiu.

- Então você tem certeza que Janice tinha medo de palhaços? – Avery perguntou.

- Toda. Ela me ligou no dia seguinte pedindo desculpas. Disse que sabia que aquele medo era estúpido e irracional, mas que ela sempre teve medo de palhaços, a vida inteira.

- Ela disse por que? – Kellaway perguntou.

- Acho que não. Imagino que fosse algo da infância.

Avery e Kellaway se olharam. Elas tinham encontrado a informação que precisavam e também haviam informado à vizinha de que alguém que ela conhecia bem havia sido assassinada. Apenas cinco minutos haviam se passado, mas parecia muito mais... aquilo geralmente acontecia quando Avery precisava contar a alguém sobre uma morte.

- Posso perguntar como ela foi morta? – Courtney disse.

- Desculpe – Avery disse. – Ainda não podemos falar.

Quando levantou-se para sair junto com Kellaway, Avery teve certeza de que aquele assassino, de alguma maneira, utilizava o medo das vítimas como motivação. Não havia nada muito claro, mas ela imaginou que poderia encontrar uma conexão forte se visitasse os legistas mais uma vez, assim que o corpo de Janice Saunders fosse levado.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Antes mesmo de que o corpo de Janice chegasse ao necrotério, Avery já havia ligado para Cho Yin, pedindo que o nível de cortisol no corpo fosse uma das primeiras coisas analisadas. Avery estava certa do que Yin encontraria, já que Janice não tinha conseguido segurar a bexiga durante o que quer que tivesse acontecido.

Mesmo Avery, que nunca tivera nenhum medo de palhaços, havia achado assustadoras aquelas caras sinistras, todas apontando para a porta da frente da casa de Janice. Fosse quem fosse o assassino, ele não se poupava quando o assunto era assustar suas vítimas.

Sabendo que poderia levar até uma hora para que os resultados que precisava ficassem prontos, Avery entrou em contato com o A1. Ela pediu o número de telefone da casa e o celular da mãe de Abby Costello. Recebeu as informações em menos de cinco minutos: Trisha Costello morava em uma comunidade bem sucedida perto do lago Smith Mountain, em Virginia. Ela era dona de uma loja bem sucedida, que havia aberto há quase dez anos. Além disso, fora informada sobre a morte da filha na tarde anterior, quando seu marido finalmente encontrara coragem para dar a notícia. Trisha então havia ligado para o A1 pedindo mais informações sobre o caso e exigindo que o mesmo fosse tratado com a maior importância.

Então, quando Avery telefonou, Trisha Costello ficou feliz em ajudar. Ela sentiu que a polícia estava a levando a sério. Mesmo havendo um tom de desprezo em sua voz, a mulher ajudou o máximo que pode.

Avery conversou com ela enquanto estava ao lado de Kellaway, estacionada em frente ao necrotério, esperando para entrar.

- Eu sei que é um momento difícil para você – Avery disse, - mas tenho algumas perguntas. Algumas podem parecer estranhas, mas acho que elas podem nos ajudar a encontrar quem fez isso com sua filha.

- Tudo bem – Trisha disse. – Na verdade estou agora a caminho do aeroporto para ir para Boston, para o funeral.

A mulher falava como se estivesse no telefone com uma cliente, e não falando sobre a morte e velório de sua única filha.

- Bom, falando com seu ex-marido, descobrimos que Abby tinha medo de grandes quantidades de água. Imagino que você tenha conhecimento disso.

- Sim. Você soube do episódio de quase afogamento?

- Sim. Mas deixe-me perguntar... depois que você se divorciou, com que frequência você via Abby?

- Três vezes por ano. Mas nos últimos anos nós conversamos no FaceTime algumas vezes por mês.

- E como era a relação de vocês? – Avery perguntou.

- Tensa, eu diria. Mas nos últimos anos, vinha melhorando.

- Alguma vez ela te falou de problemas que ela pode não ter conversado com o pai?

- Hum, sim, coisas de mulher. Menstruação, namoradinhos, coisas assim.

- Então Avery falava com você sobre homens?

- De certa forma. Mas nunca em detalhes. Ela não gostava de falar sobre isso.

- Ela alguma vez mencionou algum homem com quem ela se sentia desconfortável? Talvez um homem de quem ela tivesse medo?

- Não que eu lembre – Trisha disse.

- Tudo bem, e sobre a água? Alguma vez ela falou sobre isso com você?

- Na verdade, sim. Ano passado, nós conversamos sobre uma viagem para a praia que ela tinha feito e ela me contou como tinha sido vergonhoso. Ela me pediu para contar de novo sobre os detalhes do acidente de infância. Eu contei e quando ela percebeu que não tinha sido tão traumático quanto ela tinha em mente, me perguntou como alguém poderia se livrar de um medo.

- E o que você respondeu? – Avery disse.

- Eu disse que havia todos os tipos de grupos de apoio para esse tipo de coisa. Falei sobre psiquiatria, mas ela recusou essa ideia na mesma hora.

- E você sabe se ela chegou a frequentar algum grupo desses?

- Infelizmente não. Nunca voltamos a falar sobre esse assunto. Imagino que tenha sido uma dessas ideias de mãe que sempre são ignoradas.

- Entendi – Avery disse. – Bom, por enquanto é isso. Você poderia me retornar caso se lembre de algo que ela possa ter dito sobre algum homem?

- Com certeza – Trisha disse. Ela não parecia uma mulher de luto, e sim alguém que havia recebido uma tarefa que simplesmente teria que cumprir.

Ao encerrar a ligação, Avery viu que Kellaway também estava telefonando. Avery a olhou como se perguntasse “o que você está fazendo?”, sentindo que talvez Kellaway estivesse preocupada com outra coisa além do caso em si.

- Grupos de apoio – Kellaway disse. – É um excelente ponto de visto. Vou ligar para o A1 e pedir para que alguém faça uma lista de grupos de apoio que lidem com fobias.

Avery sorriu, aprovando a atitude.

- Obrigada.

Enquanto ouvia Kellaway fazer o pedido, mais uma vez impressionada pela pró-atividade da parceira, Avery recebeu uma ligação em seu próprio telefone. Ela olhou o número e o achou familiar, ainda que não o tivesse salvo.

Era Cho Yin. Ela tinha os resultados que Avery havia pedido e estava pedindo para se encontrar com as agentes.

Yin encontrou as agentes em sua pequena sala, nos fundos do necrotério, perto o suficiente das salas de exames, sendo impossível esquecer qual era seu trabalho. Ela tinha diferentes relatórios esperando por Avery em sua mesa quando as duas entraram na sala.

- Imagino que você tenha encontrado algo interessante para solicitar uma conversa pessoalmente – Avery disse.

- Mais do que isso – Yin disse. – Os níveis de cortisol de fato estavam altíssimos. Mas o que é mais louco ainda é o aparente pico de adrenalina que Janice Saunder sentiu momentos antes de morrer. Pelo que eu vejo—e claro, isso é só algo preliminar—parece que uma onda enorme de adrenalina tomou conta dela. Tem uma boa chance de ela ter morrido de ataque cardíaco antes que as facadas a matassem.

- Então você está dizendo que o medo causou um ataque cardíaco? – Avery perguntou.

- Possivelmente. A quantidade de adrenalina necessária para causar um ataque desses é muito grande. Mas às vezes o coração pode sofrer um ataque, dependendo disso.

- Então ela literalmente morreu de medo? – Kellaway perguntou.

- Foi isso ou uma das dezoito facadas. Mas eu sinceramente nunca vi esse nível de irregularidades induzidas pelo medo em um exame. Eu já li sobre isso, claro, mas nunca tinha visto com meus próprios olhos.

- E isso pode mesmo acontecer? – Avery perguntou. – Morrer de medo?

- Sim, pode. As pessoas podem literalmente morrerem de tristeza, também. Não é uma lenda urbana. Os processos psicológicos são os mesmos. O coração recebe uma onda muito forte de emoções e não aguenta. Mas o trauma tem que ser muito forte.

- Então... uma mulher que tem muito medo de palhaços poderia *morrer* de medo com a aparição repentina de aproximadamente trinta bonecos e figuras de palhaços?

- Sim, acho que é bem possível – Yin disse. – E pelo que eu estou vendo, eu apostaria nisso. Eu acredito muito que Janice Saunders morreu de medo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Kellaway recebeu uma mensagem de Finley enquanto Avery abria a porta do necrotério e voltava para o estacionamento. Avery encontrou-se querendo saber mais sobre o passado de Kellaway. Mesmo sabendo que era um pouco bobo imaginar que Kellaway era mais durona por ter passado algum tempo na polícia de Nova York, claramente ela tinha certa experiência. E, aparentemente, Avery se importava com aquilo.

- É nossa lista de grupos de apoio? – Avery perguntou.

- É sim – Kellaway disse. – E para minha surpresa, tem apenas dois que lidam especificamente com fobias. Mais surpreendente ainda: alguém do A1 já foi em frente e checkou se alguma das vítimas frequentou algum desses grupos.

- E?

- Janice Saunders frequentou os dois. Mas olhe só... todas as três vítimas frequentaram o segundo. E melhor ainda: Alfred Lawnbrook esteve lá há duas semanas.

- Você tem o endereço?

- Acabei de colocar no GPS – Kellaway respondeu.

Avery sentiu-se como parte de uma máquina ao voltar ao volante do carro. Em sua mente, sentiu-se culpada por estar tão envolvida no caso enquanto Rose ainda estava no hospital. Mesmo que Rose tivesse lhe dado “permissão” para voltar ao trabalho e caçar o assassino, o instinto materno de Avery estava lhe punindo.

Talvez, ela pensou ao seguir no trânsito as instruções que Kellaway estava lhe dando, vou ter que conseguir juntar essas duas partes da minha vida quando esse caso acabar. E se eu conseguir fazer isso, vou poder ser uma mãe melhor... e talvez até uma detetive melhor.

O grupo de apoio se reunia várias vezes na semana. O encontro mais frequentado acontecia nas noites de quarta e quinta, de acordo com a placa pendurada na janela da sala 3A do Centro Comunitário Etheredge. Para a

sorte de Avery, a reunião daquele dia era ao meio-dia, e começaria apenas vinte minutos depois do momento em que ela e Kellaway estacionaram em frente ao prédio.

Kellaway havia telefonado para o centro para descobrir o nome do líder do grupo. A sorte lhes sorriu nisso, também. a líder do grupo daquele dia já estava na sala, fazendo café e arrumando as cadeiras. Ela havia dito que ficaria feliz em conversar com Avery e Kellaway antes da reunião.

Quando as duas entraram na sala 3A, o café estava fervendo e a mulher de meia idade estava servindo uma bandeja com torradas, queijo e salgadinhos, em uma mesa nos fundos. A maneira como a sala estava organizada fez Avery imaginar como seriam reuniões dos Alcoólicos Anônimos.

A mulher virou-se para as duas e deu um sorriso sincero. Elas sabiam o nome dela pela ligação—Delores Moon. Ela tinha cinquenta e um anos, mas parecia muito mais jovem. Estava vestida profissionalmente, como se precisasse voltar para seu trabalho depois da reunião. Ela parecia querida e receptiva—provavelmente o que um ambiente como aquele demandava.

- Muito obrigada por nos encontrar – Avery disse. – Eu sei que deve ser estressante lidar com algo assim.

- Às vezes, é mesmo. Mas durante a semana os encontros têm menos gente. E eu pensei nisso depois de conversar com vocês... pessoas com fobias não são como a maioria das pessoas que frequentam grupos de apoio. Todos os outros problemas requerem atenção, e as pessoas geralmente têm medo de compartilhar seus problemas. Mas as pessoas com medo intenso de algo tendem a *querer* falar sobre isso. Falar faz elas sentirem que podem entender melhor o problema para então acabar com ele.

- Faz sentido – Kellaway disse.

- Eu digo isso – Moon disse, - porque eu acho que as pessoas que vão começar a chegar daqui a pouco não vão se importar de que vocês participem—especialmente se eu falar porque vocês estão aqui. Especialmente no caso de Alfred... nós conversamos sobre ele aqui com alguns dos participantes regulares. Eu recebi muitas ligações e e-mails. Alfred não simpatizava muito com os outros, mas ele estava começando a progredir para se livrar de seus medos. Ao menos parecia.

- E o que você diria de Abby Costello e Janice Saunders?

- Bom, Janice já sofria com o medo dela há tempos. Ela tinha muita vergonha disso. Primeiro, era só medo de palhaços. Ela ficou literalmente

traumatizada por uma semana quando uma das amigas de infância a fez assistir *It – A coisa*, sabe, aquele filme do Stephen King com o palhaço? Mas depois soubemos que ela havia visto um palhaço uma vez em um carnaval. Quando ele levantou o rosto, estava todo sangrando e ele estava gritando. Aquele momento alterou algo na mente dela, e ela ficou totalmente com medo de palhaços. Me doeu o coração saber que ela morreu.

Avery assentiu, completamente ciente de que Moon ainda não sabia *como* Janice Saunders havia morrido. Ela quase contou, mas o caso era tão recente que ela não teve certeza de poderia. Claro, dado o motivo pelo qual elas estavam ali, Avery imaginou que Moon provavelmente se daria conta com facilidade.

- Então, você disse que pessoas com fobias tendem a *querer* falar de seus medos – Avery disse. – Mas baseado nos casos que temos visto, familiares e amigos costumam dizer que as vítimas geralmente hesitam em falar.

- Sim, admitir para as pessoas próximas é mais difícil. Para alguns, é vergonhoso. Mas quando você está com pessoas que você sabe que vão entender o que você sente com seus medos... você se sente seguro. Faz você se sentir *normal*.

Avery pensou em Alfred Lawnbrook, no jardim de borboletas do museu. Ele ia até lá para escapar ou talvez procurar alguém que conhecesse aranhas para fazer perguntas na esperança de entendê-las? Certamente, esse pensamento explicaria porque ele tinha começado uma relação com Stefon Scott.

- Você acha que algum deles aceitaria ouvir algumas perguntas sobre as vítimas?

- Acho que eles gostariam, na verdade - Moon disse. – Com o que Alfred e Abby passaram em suas mortes, tem pessoas que acham que as vítimas estão sendo escolhidas por causa de seus medos. É algo bem pessoal para eles.

Naquele momento, um homem barbudo entrou na sala. Moon o recebeu e o apresentou, tomando muito cuidado para não dizer seu nome. Avery entendeu: em sua profissão, confidencialidade era algo muito importante. Ela aceitou. Não achava que precisaria de nomes, a não ser que alguém pudesse dar alguma informação muito concreta.

A chegada do homem interrompeu a conversa. Em poucos minutos, outra pessoa entrou na sala, dessa vez uma mulher acima do peso de cerca de sessenta anos. Novamente, Moon fez as apresentações sem dizer o nome dela. Ela deixou claro, no entanto, que Avery e Kellaway eram da Divisão de Homicídios da Polícia de Boston e estavam tentando encontrar o assassino de Alfred, Abby e, mais recentemente, de Janice. Ninguém ali sabia ainda da morte de Janice, e duas pessoas que haviam chegado perto do meio-dia pareceram receber a notícia como um soco no estômago.

Ao meio-dia e dois minutos, havia sete participantes do grupo na sala. Eles já haviam se servido de café e salgados e estavam sentados em um semicírculo de cadeiras dobráveis de metal que Moon havia organizado antes da chegada de todos. Três participantes não pareciam muito animados com o fato de haver pessoas de fora presentes. Eles não haviam dito nada durante as apresentações e Avery pode ler em suas linguagens corporais—braços cruzados e costas eretas nas cadeiras—que eles não ajudariam. Um dos três estava completamente destruído pela notícia da morte de Janice.

Por outro lado, Delores Moon não parecia perturbada. Ela estava no centro do semicírculo, como uma professora em frente à sua turma. Os sete participantes olhavam para ela com respeito e esperança.

- Hoje será diferente – Moon disse. – Eu já lhes apresentei nossas convidadas. E eu sei que todos nós sentimos a perda de nossos três amigos. Nós podíamos não conhecê-los tão bem, mas eles compartilhavam de uma dor que todos vocês têm em comum. Nós já falamos e sabemos da importância disso. Então, hoje, eu quero que vocês, confiantes e seguros, ajudem nossas convidadas—Detetive Black e Agente Kellaway—a entender a natureza do que vocês passam diariamente. Como seus medos afetam suas vidas? Como você contaria a algum estranho como é essa sensação? Como vocês descreveriam seus medos e os efeitos deles em suas vidas? Nós esperamos que elas possam usar as palavras de vocês para entender melhor a mente de alguém que *caça* pessoas com medos genuínos. Então, por favor, não guardem suas palavras. Muitos de vocês tem feito um excelente trabalho em admitir suas vulnerabilidades. Por favor... ajudem essas mulheres corajosas a fazer justiça a esse terrível assassino.

Houve menos de dois segundos de silêncio antes que alguém falasse. Foi o homem barbudo, o primeiro a chegar na reunião. Quando ele começou a falar, todos os olhos viraram-se em sua direção. Alguns participantes

pareciam estar com medo do que ele poderia dizer. Outros o olharam com respeito e um pouco de inveja.

- Bom, eu não me importo de falar – ele disse. – A palavra clínica para o meu medo é tanatofobia—o medo de morrer. E não é só o *ato* de morrer, de um dia simplesmente não estar mais vivo. É pensar que praticamente qualquer coisa poderia me matar. A corrida de táxi até aqui. A gripe que eu tive há duas semanas. Cair da esteira na academia. O elevador do meu prédio quebrar e cair do quinto andar. Eu vivo com esses medos todos os dias. Mas não só esses medos pequenos, passageiros. Eu evito elevadores a todo custo, mesmo quando tenho várias sacolas para levar até o meu apartamento. Sempre que fico doente, é cem vezes pior, porque eu acho que tudo pode me matar. Mesmo agora, eu percebi bem as armas nas cinturas de vocês e estou imaginando como elas acidentalmente poderiam disparar sozinhas. Pela lógica, elas não podem. Mas eu estou praticamente horrorizado por vocês estarem aqui nessa sala.

Quase que imediatamente, outra participante falou. Era uma mulher mais jovem—provavelmente com menos de trinta anos. Ela estava se mexendo na cadeira, claramente ansiosa.

- Tudo o que ele disse... mas com fogo. Tenho pavor de fogo. Nunca na vida eu gostei de banho quente porque eu acho que o calor intenso pode fazer algo no banheiro pegar fogo. Eu evito qualquer acessório para o cabelo pelo mesmo motivo—secadores, modeladores, qualquer um. Eu juro... tudo no meu apartamento é à prova de fogo. Eu tenho um desses fogões de indução onde tudo é esquentado com imãs—um forno de indução—porque só de pensar no forno queimando eu morro de medo. E eu estou falando sério—eu literalmente vomitei no jantar de Ação de Graças da minha família por causa do forno ligado e das janelas acesas na mesa de jantar.

Avery admirou a coragem necessária para que aquelas pessoas falassem tão abertamente e honestamente de suas fraquezas. Ela tinha seus próprios problemas e sabia como era difícil falar sobre eles com outras pessoas. Mesmo assim, ao escutar tudo aquilo, o fez com ouvido de detetive. Ela estava procurando por alguém que se destacasse mais do que os outros. Talvez alguém que parecesse desconfortável com a presença da polícia. Talvez um participante que pudesse estar se demonstrando ansioso pelo simples fato dos assassinatos estarem sendo discutidos ali.

Mas não conseguiu encontrar nada do tipo.

- Deixem-me fazer uma pergunta – Avery disse, a todos na sala. – Alguém além de Janice, que geralmente participa dessa reunião, não está aqui hoje?

- Nenhum dos participantes regulares, pelo que eu estou vendo – Moon disse.

- É, se você não contar os desistentes – um dos homens que havia ficado em silêncio até então disse.

- Desistentes? – Kellaway perguntou.

- Algumas pessoas que vêm aqui e descobrem que nós vamos a fundo nos nossos medos – a mulher com medo de fogo disse. – O último foi um cara chamado—

- Sem nomes, por favor – Moon disse, claramente um pouco irritada.

- Bom, ele tinha o que achei que fosse um medo inventado—um medo de sentir medo. A ideia de ficar assustado... bem, isso o assustava. Mas ao mesmo tempo, ele achava que os *nossos* medos eram estúpidos.

- Sim – Moon disse, - mas por conta da confidencialidade, não podemos discutir esse assunto, já que a pessoa não está aqui.

- Entendo – Avery disse, - mas se trata-se de alguém que esteve aqui durante algumas semanas e depois sumiu sem dar notícias—especialmente nos últimos dias—isso pode ser muito importante para o caso. Pode, pelo menos, nos dar uma pista.

Moon olhou em volta, para os participantes, como se estivesse decepcionada. Depois, olhou para Avery e Kellaway.

- Posso falar a sós com vocês no corredor?

Sem esperar uma resposta, Moon saiu pela porta. Avery e Kellaway a seguiram. Avery percebeu o burburinho atrás delas. Ela escutou até alguém dizendo “*Cacete, parece que eles estão encrencados...*”

Fora da sala, Moon afastou-se da porta para que não pudesse ser ouvida pelos participantes.

- Temos pessoas que vêm aqui algumas semanas e nunca mais voltam – ela disse. – Isso não é nada incomum.

- Mas a mulher que tem medo de fogo parece ter ficado bem irritada com esse último cara.

- Sim, e ela tem motivos para isso. Ele xingava e discutia com todo mundo. Eu conversei com ele na segunda semana dele aqui e disse que se ele não parasse, não seria mais bem-vindo.

- E ele voltou? – Avery perguntou.

- Voltou. E voltou com um isqueiro. Ele acendeu o fogo bem na frente dela. Houve uma discussão e eu pedi que ele fosse embora. Ele foi, mas voltou na semana seguinte. Eu ameacei chamar a polícia e ele foi embora. Desde então, não o vi mais.

- Eu entendo seu trabalho e sua preocupação com a confidencialidade – Avery disse. – Mas alguém com um comportamento desses, nesse ambiente, exatamente quando esses crimes começaram... nós precisamos checar.

Moon assentiu. Ela concordou, mas claramente sem estar feliz.

- Ele tinha o que se chama de fobofobia—o medo de ter medo. E pelas poucas vezes que conversei com ele, ficou claro que ele acreditava que, para se livrar desse medo, ele precisa *criar* medo nos outros. Principalmente nos outros, mas também precisava colocar a si mesmo em situações de medo de vez em quando.

- Senhora Moon... claramente você percebe como alguém assim seria suspeito – Avery disse.

- Eu só tenho o nome e um número de telefone – Moon disse, admitindo a derrota. – É tudo o que ele pôs no formulário... e eu tenho certeza de que o telefone é falso.

- Não importa – Avery disse. – Nós só precisamos do nome.

Com um suspiro, Moon deu o nome do homem a elas e, sem dizer mais nada, virou-se e voltou para a sala. O olhar em seu rosto quando ela se virou era de tristeza. Ela sentia que havia traído a confiança de alguém.

Avery, por sua vez, não se importava com a traição. Ela estava mais preocupada em salvar vidas... e se algumas pessoas precisassem ser expostas para isso, tudo bem.

CAPÍTULO VINTE E SETE

O nome do homem era Dan Hudson. Uma rápida ligação para o A1 deu a elas o endereço dele—que ficava a apenas quinze minutos de distância do centro comunitário. Quando Avery estacionou em frente a casa dele, que ficava entre outras duas casas idênticas na parte mais pobre de um bairro de classe média, ficou claro que Dan estava em casa. Uma música alta vinha lá de dentro e as duas puderam ver alguém caminhando através da janela da sala. As cortinas estavam fechadas, mas a sombra de alguém indo para trás e para frente podia facilmente ser vista.

Ao sair do carro e seguir em direção à porta, Avery ficou surpresa ao perceber que conhecia a música que estava tocando. Era de uma banda que Rose certa vez escutara, um grupo de rock alemão chamado Rammstein. Aquela percepção a fez sorrir e pensar em sua filha. Se tivesse tempo, ela voltaria ao hospital naquela noite para visitá-la, fosse qual fosse o resultado da visita a Dan Hudson.

Avery esperou a alguns passos da porta enquanto Kellaway bateu. Ela bateu com força, para que as batidas pudessem ser ouvidas apesar da música. Após alguns instantes, a música parou e elas puderam ouvir passos pesados vindo em direção à porta. Quando a porta finalmente se abriu, foi apenas parcialmente. No espaço de cerca de quinze centímetros, um homem apareceu.

- Quem são vocês? – ele perguntou.

Avery mostrou seu distintivo, assim como Kellaway, ainda que o uniforme policial de Kellaway tornasse o gesto redundante.

- Sou a Detetive Black, do Departamento de Homicídios da Polícia de Boston – Avery disse. – Estamos procurando por Dan Hudson. É você?

- Sou. Estou ouvindo música alto demais ou algo do tipo?

- Na verdade, sim. Mas não é por isso que estamos aqui. Gostaria de poder entrar e fazer algumas perguntas.

Dan olhou para as duas suspeitando de algo, através da pequena fresta na porta.

- Sobre o que? – ele perguntou e, então, Avery pode perceber os primeiros sinais de medo em sua voz.

- Quero fazer algumas perguntas sobre o grupo de apoio que você frequentou nas últimas semanas – Avery disse.

- Sério? – ele respondeu, abrindo a porta um pouco mais. – Delores acabou ligando para a polícia mesmo?

- Na verdade, não – Avery disse. – Nós a procuramos por outro motivo.

A resposta de Avery pareceu tranquilizar Dan um pouco e ele finalmente abriu o restante da porta. No entanto, claramente ele seguia desconfortável.

- Entrem – ele disse.

Ao entrarem, Avery viu uma casa impecável—ainda que sem graça. Não havia fotos nas paredes, abajures, nenhuma decoração. Ela perguntou-se se aquilo poderia ter relação com o medo dele. Talvez, quantos menos itens a casa tivesse, menos medo ele sentia.

- Então, o que vocês precisam saber? – Dan perguntou. – Eu posso dizer que lá estavam as pessoas mais choronas que eu já vi. Eles têm medo de *tudo*.

- E por que você foi até lá? – Kellaway perguntou.

- Fobofobia. Medo de ter medo. Não é algo permanente. Vai e vem, mas quando vem, vem com força. Eu estava procurando ajuda e, ironicamente, ver toda aquela gente com medo de tanta coisa estranha... bom, meio que fez eu me sentir melhor.

Ele as levou pela sala. Não havia TV, apenas uma cadeira de balanço e um sofá velho. O som antigo que estava tocando a música até momentos antes estava no chão, com os fios escondidos atrás das caixas.

- Por quantas semanas você frequentou o grupo de apoio? – Avery perguntou.

- Três. Me pediram para sair na quarta semana.

- E quando foi isso?

- Duas semanas atrás, eu acho.

- E além de encontrar conforto no medo dos outros, o grupo te ajudou em algo? – Avery perguntou.

- Olha, eu não estava tirando sarro deles.

- Pelo que eu soube, você acendeu um isqueiro no rosto de uma mulher que tem muito medo de fogo. Para mim, isso parece tirar sarro. E me parece muito agressivo também.

- Eu achei que estava ajudando. Comigo, a exposição ao medo parece fazer a fobia diminuir. Ela perde força quando eu a enfrento.

Havia uma linha inteira de perguntas a serem feitas sobre aquilo, e Avery sabia que levaria tempo para isso. Então, tentando seguir em uma linha mais básica e informativa, ela perguntou:

- Em suas visitas ao grupo, você conheceu Alfred Lawnbrook, Abby Costello ou Janice Saunders?

Dan balançou a cabeça ao se sentar na cadeira de balanço.

- Sim. Conheci todos eles. Alfred era gente boa. Digo... quem é que *não* tem medo de aranhas? Mas Abby... o medo dela era água, certo? Cara... o que é isso? Como você toma banho com um medo desses?

- Você diria que se identificou com Alfred porque aranhas também te dão medo? E se elas te dão medo, isso significa uma fobia *sua* também, certo?

- Não, eu não me identifiquei com ele. Teve uma semana em que eu e ele fomos tomar uma cerveja depois da reunião. Mas nós não éramos amigos, nem nada do tipo.

- E o que você tem a dizer sobre Janice Saunders?

- Eu não cheguei a conhecer ela bem. Eu nem sei se ela chegou a revelar para o grupo qual era o medo dela. Não enquanto eu estive lá, pelo menos.

- E você? – Avery perguntou. – Você se lembra do momento da sua vida onde você se deu conta dos seus medos?

Dan balançou a cabeça e Avery pode imaginar uma chama de medo acima da cabeça dele. Por algum motivo, a direção que a conversa estava tomando estava lhe reavivando os medos daquele homem.

- Não sei. Começou quando eu era criança, eu acho. Mas não... nunca teve um momento exato.

- Você pareceu um pouco assustado quando atendeu a porta – Kellaway disse. – Foi porque você achou que Delores Moon tinha decidido ligar para a polícia?

- Não – ele disse. – Eu sou sempre assim. – ele parecia ainda mais ansioso agora, mexendo-se em sua cadeira. Era quase como se ele estivesse se transformando em algo diferente—como se um homem tivesse se transformando em um lobisomem.

- Assim como? – Avery perguntou.

- Uma batida na porta. Uma chamada no telefone. Você nunca sabe quem é, entende? Você nunca sabe quem pode estar ali. Esse mundo é uma merda, sabe? As pessoas podem fazer maldades sem motivos.

- Então uma simples batida na porta te dá medo?

Dan franziu a testa e assentiu. Ele seguia se movendo na cadeira, visivelmente desconfortável.

- Eu... eu preciso pedir para que vocês saiam – ele disse. – Está vindo de novo e não estou bem.. Eu nunca fico bem.

- O que está vindo? – Avery perguntou.

- Eu não deveria ter deixado vocês entrarem. Foi uma decisão ruim e...

- Dan, tudo bem – Avery disse, baixando a voz para tentar ser consistente sem causar medo. – Nós só precisamos saber se—

- Você tem medo de algo, Detetive? – ele perguntou, olhando para Avery. Ela viu que ele estava começando a suar e, pela primeira vez, sentiu-se nervosa. Ela não era nem de perto uma psicóloga e teve medo de ter pressionado Dan um pouco demais, sem perceber.

- Tenho – Avery respondeu.

- Do que?

De perder minha filha, ela pensou, mas não disse nada.

Ele sorriu para ela, nervoso.

- Viu só... não é legal falar do que te dá medo, é? Eu não sei o que você quer, mas por favor... vá embora.

- Senhor Hudson – Avery disse. – Nós não podemos te ajudar com o que você está passando com seus medos, mas você pode nos ajudar a encontrar um assassino.

- Um assassino? – ele disse, com terror em sua voz. Suas palavras soaram como se o assassino pudesse estar escondido em algum lugar da casa. Avery viu uma certa loucura em seus olhos e teve certeza de que havia lhe pressionado demais.

Foi quando ela viu que ele estava se mexendo muito. Ele não estava só se movendo na cadeira como uma maneira de simbolicamente rejeitar aquela conversa. Sua mão estava procurando algo.

Em um reflexo, Dan puxou uma arma. Avery só pode ver um flash de algo preto aparecendo. Dan gritou ao puxá-la.

Depois, Avery viu outro flash. Era Kellaway, dando um passo à frente. Ela colidiu com Dan e com a cadeira quase no mesmo instante em que Dan apertou o gatilho. A mão de Avery procurou sua Glock, mas apenas por impulso. Ao se jogar no chão para se proteger, ela teve certeza de ter ouvido o tiro de Dan passando a pouquíssimos centímetros de sua cabeça.

Do chão, Avery viu a cadeira, Kellaway e Dan caírem. Dan gritou de medo, com suas pernas para cima, enquanto Kellaway o segurou com um

mata-leão.

Avery levantou-se para ajudar sua parceira. Ela sentiu a adrenalina no corpo, com os nervos à flor da pele. *Eu quase morri*, pensou. *E eu deveria ter visto ele pegar a arma. Eu deixei passar... e ele quase me matou.*

Juntas, Avery e Kellaway algemaram Dan e o levantaram. Ele estava gritando e pedindo desculpas enquanto elas o tiravam da casa.

- Obrigada – Avery sussurrou para Kellaway depois de elas colocarem Dan no banco de trás do carro.

- Nada – Kellaway disse. – Sem problemas.

- Não, é sério... Kellaway, você salvou minha vida.

Por algum motivo, dizer aquilo em voz alta trouxe lágrimas a seus olhos. Também trouxe à tona a memória de ter ficado a um segundo de atirar contra a própria cabeça antes de ser interrompida pela encomenda de Howard Randall.

- Bom, só lembre disso no futuro – Kellaway disse, fazendo o possível para não aceitar o rótulo de heroína. – Tenho certeza que se a gente voltar a trabalhar juntas depois disso, você vai ter a chance de retribuir o favor.

Avery assentiu, ainda refletindo sobre como sua vida podia simplesmente ter acabado dois minutos antes. Não havia sido a primeira vez em sua carreira—nem a segunda.

Ela pensou na lápide de Ramirez, em ver o corpo de Jack no chão da sala, e em Rose, deitada em uma cama de hospital a meia hora dali.

Tudo aquilo provava que a morte era muito mais tangível do que ela pensava. A vida havia sido difícil nos últimos meses—tão difícil que Avery havia perdido a noção de como ela era preciosa.

Ela ligou o carro e dirigiu em direção ao A1, ansiosa para colocar Dan Hudson na sala de interrogatórios. E mesmo pensando naquilo, aquele homem não era o mais importante.

Avery queria sair dali e visitar sua filha o mais rápido possível. O simples fato de pensar em Rose fez lágrimas surgirem em seu rosto. Ela as secou rapidamente, antes que Kellaway pudesse vê-las, enquanto o homem que quase havia lhe matado chorava no banco de trás.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Avery rapidamente percebeu que Dan Hudson era culpado de algo, além de ter acabado de atirar em uma policial: ele tinha culpa de ser um babaca.

Ele ainda estava claramente horrorizado quando sentou-se na sala de interrogatórios. Avery havia acabado de questioná-lo e escutara as mesmas coisas que ele tinha dito em sua casa. Connelly, Kellaway e O'Malley o assistiam em um monitor. Ele estava miando como um gato e se mexia desconfortável na cadeira.

- Esse cara é maluco – Connelly disse.

- Não exatamente – Avery disse. – Mas é quase isso. A líder do grupo de apoio descreveu a condição dele como fobofobia. Ele literalmente tem medo de ter medo.

- Bem, me parece que isso é motivo o suficiente para ir atrás de pessoas por conta do medo delas – Connelly disse. – E também o condena o fato dele ter admitido conhecer todas as vítimas, de certa forma.

Avery assentiu. Aquilo de fato o condenava. E no papel, Dan Hudson claramente seria suspeito. O fato dele ter atirado nela menos de meia hora antes tornava tudo ainda mais claro. Quanto mais ela o assistia se mexer na cadeira, mais se perguntava se ele era mesmo o assassino. Mas havia algumas questões que contrariavam aquela tese.

Para começar, mesmo não sendo a mulher mais agradável do mundo, Delores Moon sabia o que fazia. Baseado no passado de Moon e na confiança que as pessoas do grupo tinham nela, Avery sabia que se ela tivesse desconfiado que Dan Hudson era o assassino, ela teria dito desde o começo.

- Eu quero tirar o máximo dele antes que alguém o culpe pelos assassinatos – Avery disse.

Connelly sorriu.

- Bom ver que o seu perfeccionismo não foi embora durante seu tempo afastada – ele disse.

Avery voltou vagarosamente à sala de interrogatórios, pensando em uma linha de perguntas que definiria se Dan era mesmo o assassino ou o inocentaria. Ela também sabia, no entanto, que tendia a fazer interrogatórios

melhores no improviso. Ao entrar na sala, quase pode sentir os olhos de seus companheiros lhe assistindo pelo monitor. Avery entrou na sala, olhou rapidamente para a câmera, e depois sentou-se em frente à pequena mesa onde Dan Hudson estava debruçado.

- Escute, senhor Hudson – Avery disse. – Eu sei que você está com medo e não quer estar aqui. E quanto mais cedo nós pudermos te inocentar desses assassinatos, mais cedo eu posso te liberar. Você entende, certo?

O rosto de Dan expressou várias emoções, como se ele não conseguisse decidir o que estava sentindo. Por fim, sua expressão terminou demonstrando medo.

- Você não entende? – ele disse, com a voz tremendo. – Como é que eu mataria alguém? Eu tenho uma fobia legítima e diagnosticada que me faz ter medo de quase tudo. Só de pensar em segurar uma faca eu já sinto medo. Todas as facas na minha casa são aquelas de manteiga, porque qualquer coisa com ponta me assusta. Até conhecer pessoas novas me dá medo, porque eu nunca sei da intenção delas.

- É por isso que você insistiu em insultar os participantes do grupo de apoio de Delores Moon? – Avery perguntou. – Por isso você ameaçou uma participante com um isqueiro?

- Eu não sei – ele disse. – Eu só... ver outras pessoas assustadas me faz pensar que meu problema não é tão grave. Às vezes eu entro na internet e vejo *reacts* no Youtube... quando as pessoas reagem a vídeos de terror em tempo real. Vejo aquelas pegadinhas assustadoras também. Ver pessoas assustadas faz eu me sentir... normal, eu acho.

- Então eu devo acreditar que seu *bullying* com as pessoas não passa de atos imaturos como acender um isqueiro na cara de uma mulher? Como eu posso ter certeza que você não elabora suas próprias pegadinhas para assustar as pessoas? Você acabou de admitir que ver outras pessoas com medo te faz se sentir melhor.

- Você não está me entendendo! – Dan disse. – Tudo—*exatamente tudo*—pode me assustar. As algemas que você colocou em mim, essa sala vazia, o jeito que todo mundo está me olhando desde que você me trouxe para cá. Minha mente fica criando cenários... por exemplo, você me espancando para que eu confesse algo ou eu acabando preso e sendo abusado diariamente. Só falar nisso me deixa... me deixa assim.

Avery estava certa de que ele estava falando a verdade. Não importava o quão bom ator Dan pudesse ser, não havia como fingir tamanho medo que

exalava de seu corpo.

- Nós vamos fazer o seguinte – Avery disse. – Eu vou acreditar na sua palavra. Daqui a pouco alguém vai entrar aqui e conversar com você, para que você fale dos seus álibis—para saber onde você estava e o que você estava fazendo quando esses assassinatos foram cometidos. Se tudo der certo, você não será acusado de nenhum assassinato. Só que... eu preciso ser sincera: você atirou em uma policial, e isso é ruim. Eu não estou dizendo isso para te assustar, mas para que você comece a pensar nisso. Você entende o que eu estou dizendo?

O lábio de Dan começou a tremer e, por um instante, ele pareceu uma criança assustada sentada em sua cama, esperando para que seus pais abrissem o guarda-roupas para espantar os monstros. Ele assentiu e começou a deixar escapar mais do que barulhos estranhos. Ele começou a tremer e sua respiração estava descompassada.

- Dan? Você está bem? Você precisa de ajuda?

- Água – ele conseguiu dizer em meio a um soluço.

Ela levantou-se rapidamente e saiu da sala, voltando à sala de observação onde O'Malley, Connelly e Kellaway continuavam assistindo a tudo.

- Ele está fingindo? – O'Malley perguntou.

- Não. Ele está mal. – Avery olhou diretamente para Connelly e disse: - Eu acho que ele não matou ninguém. Eu sei que ele tem motivos e isso parece um caso encerrado, mas ele não é do tipo que mataria alguém.

- Você tem certeza?

- Sim. Você pode colocar alguém para checar os álibis dele, só para confirmar? E quem sabe telefonar para Delores Moon. Ele está horrorizado, Connelly. Ele vai precisar de alguém para conversar quando tudo isso acabar.

- Ele atirou em você – Connelly disse. – Essa história não vai acabar tão cedo para ele.

Kellaway seguiu para a porta, percebendo o senso de urgência da situação.

- Vou levar água para ele e ligar para Moon.

Avery assentiu, agradecendo. Ela sentiu-se responsável por pressioná-lo demais, por desencadear aquela reação que ainda podia ser vista no monitor.

- Se ele não é o assassino – Connelly disse, - temos outras pistas?

Avery quase disse *não*, mas sentiu que tinha algo mais para investigar. Ela não sabia se tinha deixado algo passar, mas talvez houvesse caminhos que ainda não haviam sido explorados. Pensou novamente no grupo de apoio, em todos aqueles olhos esperançosos olhando para Delores Moon.

E então, estranhamente, pensou na carta de Howard Randall.

Quem é você, Avery?

- Avery? – O'Malley disse. – O que foi?

Aparentemente, seu pensamento longínquo estava estampado em seu rosto.

- Nada – ela disse. – Eu estarei disponível e em contato, mas preciso voltar para o hospital. Preciso saber como a Rose está.

Connelly suspirou e olhou para o monitor, e então novamente para Avery.

- Avery... obrigado por entrar nessa. Você já ajudou muito. Mas talvez você devesse se afastar. Fique com sua filha até que tudo fique bem.

- Não. Apenas... me mantenha informada de *tudo*.

- Tem certeza?

Mas ela não se importou em responder. Avery já estava saindo pela porta com os pensamentos em Rose, na cama de hospital, e também naquela sensação estranha que a atingiu ao lembrar da carta de Howard. Depois, lembrou-se da mulher do grupo que tinha medo de fogo e do homem com medo da morte. Que outros medos aquela sala abrigava? E como todas aquelas pessoas estavam conectadas pelo medo?

Tem algo lá... algo importante, pensou.

Avery seguiu pensando naquilo ao entrar no carro, sentindo que talvez tivesse de fato deixado algo passar. Mas com a necessidade de ver Rose mais forte em seu coração, não pode descobrir o que.

Avery sabia que tinha contado com Howard como uma espécie de conselheiro no passado, visitando-o sempre que um caso parecia não ter saída. Ele, algumas vezes, havia dado ideias e, em outras, a fizera sentir-se estúpida. Mas agora que ele estava longe (aparentemente, vivendo em algum lugar onde podia vigiá-la), Avery sentia-se quase vazia.

Quem é você, Avery?

Ela sempre achara que tinha a resposta para aquela pergunta. Mas a pergunta de Howard Randall a fez duvidar.

E na ausência dele, Avery imaginou que a resposta pudesse estar em uma cama de hospital, no coração e na mente de sua filha.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Avery chegou ao hospital depois das oito. Ela encontrou Rose se sentindo muito melhor, vendo televisão e tomando um café. O sorriso que ela ofereceu a Avery em sua chegada foi espontâneo e inesperado.

- Ei – Rose disse. – Já voltou? Você resolveu o caso?

Avery sentou-se na cadeira do acompanhante e balançou a cabeça.

- Não, ainda não. Estou tentando organizar as coisas.

- Aqui? – Rose perguntou. – Acho que seria mais fácil pensar e organizar as coisas em uma banheira quente, com uma taça de vinho.

- Parece bom mesmo – Avery disse. – E você? Como você está?

- Bem. O médico veio me ver pela última vez há algumas horas. Ele disse que tudo está indo bem. Eles vão me liberar de manhã, se minha pressão estiver estabilizada. Eles querem ter certeza de que todo aquele remédio já saiu do meu corpo.

Avery sorriu ao perceber o quão leve Rose parecia ao falar daquilo. Ela sabia que aquele era um bom começo para uma conversa mais longa, mas não sabia como começar. Era algo tão complicado quanto o interrogatório do qual ela acabara de sair.

- Rose... eu entendo o que você estava sentindo. Mas eu quero saber o que eu posso fazer para ter certeza que você vai me procurar se um dia se sentir assim de novo. Eu vou ser sincera com você... eu me culpo. Eu acho que a culpa é mesmo minha.

- Não, não é culpa só sua. Mas... sendo sincera, aquele sono profundo que eu estava foi estranho. Eu acordei e vi você aqui e algo me surpreendeu.

- O que?

Rose começou a chorar. Ela desviou o olhar de sua mãe e da televisão, onde um programa ruim estava sendo exibido.

- Estou cansada de ficar com raiva de você. Essa raiva adolescente deveria ter acabado há anos. Eu preciso parar de te culpar por tudo e começar a olhar o mundo sem tanto ódio. Parece algo profundo, mas é isso que eu estou sentindo.

- Que bom – Avery disse.

- Então... eu sei que eu não sou o Ramirez, mas você quer me falar sobre o caso? Por que você ainda não matou essa?

- Matou essa?

Rose encolheu os ombros.

- Eu ouço as gírias na TV. E vamos falar sério, é um linguajar bem feio.

- Eu peguei um suspeito hoje à tarde, mas tenho quase certeza que ele não é o assassino.

- O cara das aranhas?

Avery riu, em um gesto que acabou se tornando um bocejo. Ela havia passado três meses sem dias tão estressantes. Aquele havia sido um dia difícil. Muita coisa havia acontecido. Aproximar-se do corpo de Abby Costello na lagoa Jamaica e entrar na casa de Janice Saunders cheia de palhaços... tudo aquilo tornou-se uma só cena borrada em sua mente.

- Não são só aranhas agora – ela disse. – A coisa está bem feia.

- É um assassino em série? – Rose perguntou, parecendo muito interessada.

- Acho que eu preferia quando você ficava quieta – Avery disse.

- Então... um assassino em série – Rose disse, rindo ao perceber a irritação de sua mãe. – Se fosse um desses programas ruins de TV, você insistiria até o fim, até que uma ideia apareceria do nada. Seria isso ou uma pista aparecendo do nada e salvando o dia.

- É, raramente é assim na vida real – Avery disse. – Na vida real, na verdade é muito mais um jogo de xadrez. Às vezes é menos sobre pistas e mais sobre investigar a fundo a vida das pessoas e suas ligações com suspeitos ou com outras vítimas.

- Seu tempo sem trabalhar te deixou mais devagar? – Rose perguntou.

- Talvez. Eu me sinto um pouco perdida. E, *caramba*, estou cansada.

- Acho que precisamos de uma noite diferente. Nada muito especial, mas posso conseguir algo saboroso para nós na cafeteria.

- A noite diferente pode ser uma boa – Avery disse. – A cafeteria não.

- Ótimo. Puxe uma cadeira e assista TV comigo.

- O que vamos assistir?

- Vinte mulheres conversando e reclamando porque o cara não trouxe flores para todas elas.

E assim, a relação entre as duas pareceu natural e resolvida. Era mais do que varrer o passado para debaixo do sofá e fingir que nada acontecera. Era como se algo tivesse sido *renovado*. E com a renovação, veio a realidade:

elas não precisavam discutir o passado, mas se trabalhassem juntas, poderiam aprender a confiar uma na outra novamente.

Apesar disso, Avery pegou no sono quinze minutos após mover sua cadeira para perto da cama de Rose para assistir televisão. Ela dormiu com suas próprias ideias vagando em sua cabeça.

Às vezes é menos sobre pistas e mais sobre investigar a fundo a vida das pessoas e suas ligações com suspeitos ou com outras vítimas...

Avery não percebeu que havia dormido até o momento em que seu celular tocou. O aparelho estava no bolso de sua calça, e a acordou ao vibrar. Assustada, Avery olhou o telefone. Primeiro, ela viu que eram 3:05 da manhã. Depois, percebeu que a vibração do telefone estava anunciando uma mensagem de Kellaway.

Os álbis de Dan Hudson conferem. O de Abby Costello não é tão forte, mas ele pode ser inocentado dos crimes contra Lawnbrook e Saunders. Ele vai se encontrar amanhã com um advogado que vai defendê-lo por ter atirado em você.

Avery então checkou seus e-mails, mas não encontrou informações sobre o caso. Ela tentou voltar a dormir, mas não conseguiu. Foi ao banheiro e jogou água no rosto. Quando voltou, Rose havia acordado.

- Ouvi seu telefone tocando. Você vai lá salvar a cidade?

- Não é bem isso – Avery disse. – Mas se você não se importar, eu vou em casa tomar um banho antes de voltar ao A1. Você pode pedir para alguém me ligar quando eles te liberarem? Eu vou vir te buscar.

- Você não precisa fazer isso.

- Sim, preciso. Eu quero. Você prometeu a si mesma que vai parar de me odiar. O mínimo que eu posso fazer é prometer que você vai ser minha prioridade.

- Eu agradeço, mãe – Rose disse. – Você pode começar a fazer isso *depois* de pegar esse cara. Ver você se dividir entre mim e o caso é de cortar o coração. E eu sei o quanto você pode fazer quando está totalmente focada em um caso. Vai lá e arrasa.

- Se você diz – Avery disse. – Mas eu estou falando sério... me ligue. Eu quero te buscar e te levar para casa.

- Quem sabe eu possa ir conhecer sua casa no meio do nada quando tudo isso acabar.

- Eu iria amar.

Avery beijou Rose na testa e saiu. Novamente, encontrou-se pensando nas ligações entre os membros do grupo de apoio. Havia algo a mais lá, talvez algo que ela precisava investigar mais a fundo. Decidiu que, quando o dia amanhecesse, ligaria para Delores Moon e tentaria descobrir.

Avery deixou os prédios altos e as luzes das ruas e seguiu na direção de sua nova casa. As coisas com Rose pareciam estar melhores do que nunca, e ela sentiu também que estava prestes a descobrir algo importante sobre o caso. O sol ainda levaria cerca de uma hora para nascer, mas Avery já estava sentindo que aquele seria um grande dia.

Talvez fosse por conta de ter passado os últimos dias lidando com pessoas aterrorizadas por seus medos, mas Avery teve dificuldades em ficar sozinha ao chegar em casa. Sentiu-se como uma criança boba, mas acendeu todas as luzes da casa e ligou a TV em um canal de notícias apenas para ter algum barulho de fundo. Ouvir o burburinho do noticiário a fez sentir-se estranhamente segura quando ela seguiu para o banho.

Avery pensou no que havia dito no quarto de hospital de Rose, sobre como deveria haver uma conexão entre as vítimas. Mas até então, o grupo de apoio e Dan Hudson eram o único laço. Claro, o medo em si também era uma ligação, mas os medos dos três eram muito diferentes uns dos outros. Então onde estaria essa conexão? Se Avery fosse além do grupo em si, havia Delores Moon, mas nenhum sinal havia se acendido quando Avery a conhecera. Ela imaginou quem mais poderia ter trabalhado com o grupo no passado: outros conselheiros, palestrantes convidados ou mais alguém desse tipo.

Ao sair do banho e se vestir, Avery preparou um café. Eram 5:05 quando ela preparou alguns ovos e cortou um abacate para o café da manhã. Enquanto comia e bebia, procurou por Delores Moon no Google e encontrou resultados impressionantes. Ela havia trabalhado em um cargo de supervisão em uma clínica para adolescentes problemáticos e suas famílias logo depois da faculdade, e depois abriu seu próprio negócio aos trinta e cinco anos. Ela já fazia aquilo há doze anos, oferecendo voluntariamente seu tempo para liderar e gerenciar pequenos grupos.

Avery decidiu que, quando voltasse ao A1, valeria a pena pesquisar mais a fundo o grupo de apoio de fobias para descobrir se alguém mais

estivera envolvido nele recentemente. Ela criou um plano em sua mente enquanto lavava as louças. Saiu de casa, checkou seu e-mail e varreu a calçada, simplesmente para passar o tempo enquanto esperava a ligação de Rose, anunciando que já poderia sair do hospital.

Ao voltar para dentro de casa, Avery olhou as correspondências recebidas nos dois últimos dias, passando por algumas contas e um flier de uma loja de móveis. Atrás do flier, havia uma carta apenas com seu endereço. Não havia remetente. Ela reconheceu a letra imediatamente.

Quem é você, Avery?

Abriu o envelope imediatamente. Havia uma folha de caderno dentro, dobrada perfeitamente três vezes. Ela desdobrou e encontrou mais uma curta mensagem de Howard.

Todos nós habitamos no que mais tememos, ele havia escrito com sua letra nada trabalhada. *Seja de aranhas ou de perder a família, o medo é o mesmo, em todas as formas. Mas cabe a nós decidir se esse medo pode nos controlar. Todos nós habitamos no que mais tememos.*

Ela leu três vezes, percebendo rapidamente que a primeira e a última linha eram iguais. Ele havia repetido de propósito. Estava fazendo exatamente o que já havia feito, sentado em uma cadeira na prisão, esperando poder ajudá-la a resolver um caso. Mesmo tendo se passado três meses, ele ainda estava vigiando-a.

Pelo menos, por conta da encomenda que chegara no dia em que ela quase havia se matado, ela podia ter certeza de que Howard não era excêntrico.

Quem é você, Avery? Era uma pergunta muito profunda e sem sentido.

Mas essa carta era diferente. Parecia ter mais motivos. *Todos nós habitamos no que mais tememos.*

Quando seu telefone tocou, ela se assustou. *É ele*, pensou. *É Howard ligando...*

Mas o nome e o número em seu telefone mostraram que sua paranoia estava errada. Era Finley. E ele estava ligando às 5:40 da manhã, o que significava uma coisa ou outra: ou havia algo novo no caso, ou outra vítima tinha aparecido.

- O que aconteceu, Finley?

- Bom ouvir sua voz também – ele brincou. – Olhe... estamos pensando em tudo o que conseguimos até agora. Recebemos uma ligação há vinte minutos de um cara chamado Joe Potter. Ele disse que está preocupado com

uma amiga dele. Disse que recebeu uma ligação estranha do telefone da amiga. Barulhos confusos e o som dela chorando.

- Talvez ela ligou sem querer? – Avery perguntou.

- Mesmo se for... a ligação foi às quatro e meia da manhã. Ele tentou retornar e a chamada caiu na caixa de mensagens. Estou ligando por causa do lugar onde o cara diz que conheceu essa amiga—uma mulher que ele fez questão de dizer que não é sua namorada.

- Onde foi? – Avery perguntou.

- Num grupo de apoio de fobias.

- Cacete – Avery disse. – Você pode me dar o número dele?

- Vou te mandar por mensagem já. Você quer que eu te dê uma mão nessa?

- Não, acho que vou seguir com Kellaway. Mas obrigada mesmo assim.

Avery encerrou a ligação e ligou para Kellaway. Enquanto falava com sua parceira, ouviu o toque da mensagem de Finley chegando. Criou um plano com Kellaway e então fez outra ligação, dessa vez para Delores Moon.

Ela estava em uma frenesi tão grande e tão preocupada ao telefone que, ao sair de casa, mal teve tempo de olhar novamente para a carta que havia recebido de Howard. Ainda assim, aquela linha repetida manteve-se em sua mente quando ela entrou no carro e voltou para a cidade.

Todos nós habitamos no que mais tememos.

CAPÍTULO TRINTA

A ligação de Avery para Delores havia caído na caixa de mensagens. Ela tinha deixado uma mensagem de voz e, depois, enviado um SMS: *Entre em contato comigo. É urgente.* Sem ligar sua sirene vermelha—um acessório que ela havia começado a usar, a mesma luz que Ramirez sempre chamava de Bolha Vermelha—Avery imaginou que chamaria a atenção de todos os policiais da região. Então, acendeu a luz e ultrapassou os limites de velocidade ao voltar para a cidade. Mais uma vez, lembrou-se do quanto gostava daquela sensação trazida pela caça a um assassino.

Ao estacionar em frente ao prédio de Kellaway, Avery escutou seu telefone tocar. Ela viu Kellaway parada em frente ao prédio, lhe esperando. O sol estava começando a aparecer, mas ainda não tinha subido o suficiente para eliminar a necessidade dos faróis acesos.

Avery atendeu o telefone, reconhecendo o número para o qual tinha telefonado há menos de vinte minutos.

- Detetive Black? – Delores Moon disse. – Recebi suas mensagens.

- Sim, desculpe por ter ligado tão cedo – ela respondeu. Depois, contou o que Finley havia lhe dito sobre a ligação de Joe Potter. Antes que pudesse terminar, ouviu Moon suspirando no outro lado da linha.

- A ligação provavelmente era de uma mulher chamada Heather Ellis. Ela foi uma das desistentes dos quais você ouviu falar ontem. Ela parou de vir há cerca de um mês porque ela e Joe tiveram algo romântico por trás dos panos e esse romance começou a distrair o restante do grupo.

- Ela saiu tranquilamente? – Avery perguntou.

- Sim. Heather já tinha passado por muita coisa. Ela entendeu que Joe precisava da ajuda do grupo. Ela parou de vir por vontade própria, mas eu fiz questão de indicar outros grupos para ela.

- Ela entrou no grupo para tentar se livrar de uma fobia?

- Sim. Ela tinha muito medo de altura.

Kellaway chegou ao carro e abriu a porta. Ao ver Avery no telefone, ficou em silêncio. Avery pôs a ligação no viva-voz.

- Ela já tinha conseguido se livrar do medo enquanto participou do grupo? – Avery perguntou.

- Ela tinha melhorado um pouco. Mas o medo de altura é tão comum que raramente é levado a sério.

- E Joe Potter? Qual era o medo dele?

- Na verdade ele era um dos homens presentes na reunião que você participou—era o senhor com medo de morrer. Acho que ele e Heather esperavam que a relação entre os dois poderia ajudá-los a se livrar desses medos.

- E Joe alguma vez deu algum motivo para você acreditar que ele era violento ou suspeito de certa forma?

- Jamais.

- Tenho mais uma pergunta – Avery disse. – Exatamente há quanto tempo você lidera o grupo do qual nós participamos ontem?

- Sete meses – Delores respondeu. – Mas já liderei incontáveis pequenos grupos como esse durante os últimos cinco anos.

- E esse cargo já existia quando você entrou nesse grupo, ou foi criado por você?

- Tinha um conselheiro que liderou o grupo por cerca de um ano antes de mim, eu acho. Um cara legal, mas um pouco arrogante, chamado Barry Kechner. Ele era mais a favor de uma abordagem mais dura do que eu.

- Você sabe porque ele saiu?

- Eu nunca falei sobre isso com ele – Moon disse. – Na verdade, nossos caminhos só se cruzaram durante o processo de transição. Alguns membros do grupo que já participavam na época dizem que ele andava meio sem paciência.

- Você sabe por onde ele anda agora? – Avery perguntou.

- Não tenho ideia, na verdade. Não lembro da última vez em que soube algo dele. Se eu me lembro bem, ele tinha trabalhado como conselheiro em uma casa de recuperação em algum lugar da cidade, durante alguns anos. Pode ser que ele tenha voltado para lá.

- Obrigada pelas informações – Avery disse. – Por favor... posso ligar se eu precisar fazer mais perguntas?

- Claro que sim... em tudo que eu puder ajudar.

Avery encerrou a ligação e olhou para Kellaway.

- Desculpe por começar o dia tão cedo, mas de repente as coisas ficaram mais interessantes.

- Percebi. Vamos para onde agora?

Era uma boa pergunta. Mesmo que a ligação falando de Heather Ellis tivesse vindo de Joe Potter, Avery não acreditava que valeria a pena visitá-lo imediatamente—principalmente se havia uma chance de Heather estar de fato em apuros e viva, em algum lugar.

Talvez sendo torturada através de seu medo, Avery pensou.

Ela pegou novamente seu telefone e ligou para Finley. Ele atendeu imediatamente com uma voz de sono, mas com sua alegria de sempre.

- Como posso te ajudar, Avery?

- Preciso que você prepare uma equipe para mim. Alguns caras. Preciso descobrir tudo o que pudermos sobre um cara chamado Barry Kechner. Preciso disso agora. E também preciso que você me mande o endereço de Heather Ellis. Aparentemente ela é namorada de Joe Potter.

- A mulher que ligou para ele? – Finley disse.

- Parece que sim. Se a ligação veio mesmo do celular de Heather e ela é possivelmente a próxima vítima do assassino, acho que ir à casa dela vai valer mais a pena do que conversar com Joe Potter. No entanto, alguém *deveria* visitá-lo só para ter certeza de que ele não está escondendo nada.

- Entendi. E esse Kechner... quem é ele?

- Ainda não sei direito – Avery disse. – Talvez o assassino. Mas deixe isso quieto até ver o que temos sobre ele. Obrigada, Finley. Me envie o endereço de Heather Ellis o quanto antes.

- Te mando em cinco minutos.

Quando Avery encerrou a ligação, o silêncio no carro pareceu pesar. Para interrompê-lo, Avery contou a Kellaway o que ela havia perdido.

- Então você acha que esse Barry Kechner pode ser o assassino? – Kellaway perguntou.

- Não sei – Avery respondeu. – Com base no que Moon me disse, pode ser que faça sentido.

- Intuição? – Kellaway perguntou.

- Algo do tipo.

Por fim, Avery não precisou esperar cinco minutos. Seu telefone voltou a tocar menos de três minutos depois. Dessa vez, ela surpreendeu-se ao ver que a ligação vinha do A1, e não do celular de Finley.

- Finley?

- Não, é o Connelly. Acabei de passar pela sala do Finley e ele encontrou as informações desse Barry Kechner para você. Avery... acho que pode se ele. Tem um registro aqui que não é muito grande, mas nos dá

pistas de coisas bem ruins. Tem uma queixa por crueldade com animais de vinte anos atrás. E tem uma ordem de restrição contra ele, feita por uma antiga colega de quando ele trabalhava no Centro de Reabilitação de Center Field.

- Você tem o endereço dele? Eu e Kellaway vamos lá agora mesmo.

- Sim, tenho. Acho que eu e Finley vamos lá também. Se ele for quem estamos procurando, ele pode estar com a próxima vítima. Não podemos dar chance ao azar.

Mesmo odiando a ideia de ter Connelly em campo, Avery sabia que não valeria a pena discutir. Ela não pode deixar de imaginar se aquela era a maneira dele de se certificar de que ela ainda tinha total capacidade para fazer seu trabalho. Talvez ele quisesse ver com seus próprios olhos se os últimos três meses não haviam a atrapalhado.

Ele enviou o endereço e Kellaway o colocou no celular.

- Podemos chegar lá em dez minutos – Avery disse.

- Vamos chegar logo depois – Connelly respondeu. – Não faça nada até nós chegarmos.

Avery desligou sem responder. Era um hábito do qual ela não conseguia se livrar. Mas e daí se ele ficasse irritado? O que ele faria... a demitiria?

Com um endereço e um potencial suspeito a apenas dez minutos de distância, o sol finalmente começou a tomar conta do horizonte. A cidade estava começando a acordar enquanto Avery acelerava em meio ao trânsito matinal.

Foi a primeira vez em que ela se sentiu viva *de verdade* desde que assistira ao caixão de Ramirez sendo enterrado.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Avery e Kellaway de fato chegaram à casa de Barry Kechner antes de Connelly e Finley. Mas não tão antes. Avery pode ver as luzes da viatura logo depois. A casa em si ficava em um beco sem saída de um bairro de classe alta. A luz da entrada estava acesa e a garagem estava fechada, sendo assim impossível saber se havia alguém em casa.

- Está pronta? – Avery perguntou.

Kellaway assentiu, olhando para a casa.

- Você não sabe muito sobre mim – ela disse. – Então agora pode ser um bom momento para contar que, quando eu estava em Nova York, eu precisei atirar logo na minha primeira situação como essa.

- Autodefesa?

- Sim. Mas meu tiro saiu muito baixo. Eu queria acertar o ombro e acabei acertando a parte superior do pulmão. Ele sobreviveu, mas foi feio.

- Você está nervosa? – Avery perguntou.

- Não, são só memórias ruins. Vou ficar bem.

As luzes que estavam se aproximando pararam atrás delas. As portas do carro se abriram e Finley e Connelly saíram. Avery e Kellaway juntaram-se a eles, e todos pararam em frente à casa. O primeiro verdadeiro raio de sol iluminou o rosto de Kellaway, como se estivesse lhes dando um sinal para seguir em frente.

Eles caminharam em silêncio até a porta da casa. Connelly tomou a frente e tocou a campainha. Sem resposta, dez segundos depois, ele tocou novamente e bateu na porta. Foi respondido por mais silêncio.

- Você acha que temos fatos suficientes para invadir? – Avery perguntou. Por ela, a porta seria quebrada sem dúvidas. Mas Connelly estava ali, o que tornava as coisas diferentes. Aquele era um dos motivos pelos quais ela não queria a companhia dele.

- Sinceramente, não sei – Connelly disse. – Mas já que temos uma potencial quarta vítima e esse cara parece ser bem suspeito, vou permitir.

Ao dizer isso, Connelly deu mais um passo à frente. Ele puxou uma arma branca do bolso, algo que Avery jamais esperaria. Era um instrumento pequeno, utilizado para abrir qualquer fechadura. Ela já havia utilizado algo

daquele tipo muitas vezes, mas nunca imaginara um nas mãos de Connelly. Avery viu Connelly utilizar a ferramenta na fechadura e forçá-la. Um barulho alto anunciou que a porta tinha sido destrancada.

Avery rapidamente pegou sua Glock, abriu a porta e entrou na casa. Seguida pelos outros três policiais, olhou em volta. Era uma casa bonita, e a porta frontal levava a um grande hall de entrada. Do hall, a casa se dividia. À esquerda, parecia haver uma sala, e à direita, um estúdio e um corredor. O estúdio estava levemente iluminado por um abajur, que emanava uma luz fraca.

Sem sequer uma palavra, o protocolo foi seguido. Avery e Kellaway entraram no estúdio enquanto Connelly e Finley foram para a sala e os espaços escuros que a seguiam. Avery viu um notebook sobre uma escrivaninha e foi até ele imediatamente. Abriu-o e encontrou a tela bloqueada, pedindo uma senha.

Ela mal teve tempo de se frustrar, porque logo viu uma pilha fina de papéis ao lado do notebook. Um dos papéis era um esboço do que parecia ser um mapa. Na borda, havia um círculo. As letras *LJ* preenchiam a forma.

Abaixo do mapa, havia uma folha de papel rasgada com algumas palavras rabiscadas. Cada uma das palavras fez seu coração se arrepiar.

- Você está vendo isso? – Avery perguntou para Kellaway.

- Sim...

As palavras no papel diziam: *tarântula? Viúva negra? Teia de funil?* Havia outros nome de aranhas escritos, mas riscados. Havia também o nome de várias empresas e três sites. Um deles era o mesmo que ela havia visitado durante suas buscas sobre Stefon Scott.

Abaixo dessa lista, havia outros papéis grampeados. Todos pareciam ser impressões e recibos. Avery olhou-os rapidamente e viu que a palavra *palhaço* aparecia com frequência. Depois, voltou a olhar para o mapa. Olhou para o círculo que dizia *LJ* e viu vários pequenos Xs marcados em volta. *LJ*, pensou. *Lagoa Jamaica. E aposto que esses Xs são potenciais locais de afogamento.*

- É ele – Avery disse. – Não achei nada que aponte para Heather Ellis, mas os outros três... claramente é ele. Temos que—

Avery foi interrompida pela voz de Connelly, um grito alto que tomou conta da casa.

- *Que PORRA é essa?*

Avery correu para a sala, seguindo a direção da voz de Connelly. Kellaway a seguiu, segurando sua arma. A sala levava a um corredor comprido, que parecia dar a volta e terminar no estúdio. Antes da curva, no entanto, havia vários quartos. Duas das portas estavam abertas. Sons de nojo podiam ser ouvidos em um deles quando Finley saiu. Ele estava de costas para Avery e seguia olhando dentro do quarto.

- Saia daí – ele disse, aparentemente para Connelly. – Que porra você está fazendo?

- O que tem aí? – Avery perguntou.

Finley parecia ter visto um fantasma quando virou-se para Avery.

- Eu nem sei. Parece que Kechner anda fazendo umas pesquisas que saíram do controle.

Avery correu até a porta e não estava preparada para o que viu. Ela precisou parar por um momento para entender a cena.

Connelly estava parado a alguns metros dela. Ele também parecia congelado. Ele estava olhando para o canto do quarto, onde havia uma caixa de vidro no chão—uma caixa muito similar à que Avery havia visto no apartamento de Stefon Scott. Boa parte do vidro estava coberto pelos fios finos de teias de aranha. Mas as teias não estavam só ali. Elas estavam pelas paredes também, multiplicando-se pelo quarto inteiro e chegando quase ao teto.

E havia aranhas por todos os lados. Aranhas *grandes*. Algumas estavam subindo pelas paredes, enquanto outras rastejavam pelo chão.

- Você acha que ele fez isso de propósito? – Connelly perguntou.

- Não sei – Avery disse, recuando devagar, sem conseguir desviar os olhos das aranhas. – Talvez. Talvez ele estava as criando.

Nenhuma das aranhas era menor do que uma moeda. Algumas, no entanto, seriam capazes de *engolir* uma moeda. Pensar que aquelas poderiam ser aranhas teia de funil fez com que Avery recuasse mais rapidamente.

- Vamos lá – ela disse. – Tenho provas suficientes no estúdio para mostrar que Kechner é o assassino. Precisamos encontrá-lo antes que alguém nos ligue dizendo que encontrou o corpo de Heather Ellis.

- Sim, boa ideia – Connelly disse. Ele parecia querer sair dali a qualquer custo.

Avery esperou que ele saísse, querendo ficar na retaguarda para caso Kechner estivesse de fato em casa, apenas esperando para atacá-los. E, ao

ficar por último, ela pode ver uma aranha subindo na camiseta de Connelly. Era das grandes, mas não tanto. A cor era estranha e parecia familiar. Ela já havia visto uma aranha daquelas recentemente, em suas pesquisas.

Uma teia de funil...

Avery abriu a boca para dizer algo mas, no mesmo instante, a aranha alcançou o pescoço de Connelly. Ao senti-la, ele instintivamente a golpeou. Em um segundo, a casa preencheu-se com o som do tapa de Connelly e, logo depois, com os gritos de dor.

Foi quase como um rugido. Ele bateu com força no pescoço novamente e encostou-se na parede. Avery olhou para o corredor mal iluminado e viu a aranha fugindo. Instintivamente, ela levantou o pé e pisou na criatura. Sentiu o animal ser esmagado sob seu pé.

Finley foi até Connelly e olhou seu pescoço. Esquecendo seus medos, Avery acendeu a luz e iluminou o corredor. A primeira coisa que ela viu foi a picada no pescoço de Connelly. Já estava inchado e vermelho. Depois, viu duas aranhas saindo do quarto que eles esqueceram-se de fechar—não que teria feito diferença, porque as menores passariam facilmente debaixo da porta. Aquilo a fez pensar em quantas já estariam pela casa, prestes a atacar sua pele exposta.

Avery ajudou Finley a levantar Connelly enquanto Kellaway pegou seu telefone e chamou uma ambulância. Lá fora, ao ar livre, Avery sentiu-se um pouco melhor, já não tão assustada pela perseguição das aranhas.

- Quão fodido eu estou? – Connelly perguntou, sentindo dores, enquanto era levado para o carro.

- Você quer a verdade ou algo reconfortante? – Avery perguntou.

- A verdade.

- Estou certa de que foi uma teia de funil que te picou. Muitas picadas delas mataram Alfred Lawnbrook. Dependendo da espécie, você pode estar morto em uma hora ou ficar bem doente por alguns dias.

- Que merda – Connelly disse.

- A ambulância está a caminho – Kellaway anunciou, colocando o celular no bolso. – Onze minutos.

- Você quer que a gente te leve? – Finley perguntou. – Pode ser que seja mais rápido.

- Nada disso – Avery disse. – Se tiver veneno, ele vai precisar de remédio o quanto antes. Eles vão te dar algo assim que chegarem aqui.

- Ela está certa – Connelly disse. Ele estava jogado no banco do passageiro de seu próprio carro. Estava começando a tremer e a picada estava com um aspecto cada vez pior.

- Black... Kellaway... vão atrás desse babaca. Façam o que precisa ser feito. Tragam esse idiota para o A1.

Avery odiava ter que deixar Connelly naquele estado, mas sabia que ele ficaria bem com Finley. Ela olhou para Finley, fazendo o possível para esconder sua preocupação com a gravidade da situação.

- Me mantenha informado sobre o estado dele – disse.

- Sim. Agora vá lá fazer o que você sabe.

Avery e Kellaway correram para o carro, Avery agora mais determinada do que nunca. Barry Kechner certamente não sabia àquela hora da manhã, mas ele havia machucado alguém que Avery respeitava e admirava. Se não fosse atendido logo, Connelly poderia sofrer mais do que apenas um machucado.

- Pegue o endereço de Heather Ellis – Avery disse a Kellaway. – É nossa próxima parada.

- O que você acha que vamos encontrar lá?

- Não tenho certeza – ela disse. Depois, recitou a última linha da carta de Howard Randall, esperando que aquilo também fosse verdade para Heather Ellis e que não fosse tão tarde para salvá-la. – Porque nós habitamos no que mais tememos.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Avery não ficou surpresa ao ver que Heather Ellis não estava em casa. Ela morava em um apartamento em um prédio de três andares. Quando Avery e Kellaway chegaram, as pessoas estavam acordando e preparando-se para o dia. Algumas já estavam saindo, talvez querendo chegar cedo ao trabalho. Aquilo fez Avery lembrar-se de que em algum momento, em poucas horas, ela receberia uma ligação de Rose, pedindo para que sua mãe a buscasse no hospital.

E se esse caso continuar andando em círculos como está, Avery pensou, eu não vou poder ir lá. Merda...

A porta do apartamento não estava trancada. E isso, junto ao fato de que não havia ninguém em casa e de que a mulher que morava ali supostamente havia desaparecido, era um alerta vermelho automática para Avery.

Lá dentro, o apartamento de Heather era um espaço pequeno, mas muito bem cuidado, que parecia ter sido inspirado em um blog minimalista. E por ser tão arrumado, foi fácil enxergar os sinais de luta recente. Um vaso de vidro havia sido derrubado da pequena mesa de centro. Não estava quebrado, mas havia caído no tapete vermelho. Duas pantufas estavam jogadas pela sala, uma em frente à porta e outra ao lado do pequeno balcão na cozinha.

Havia também um notebook sobre a escrivaninha no outro lado da sala. Uma senha o bloqueava, mas uma foto na tela era talvez uma prova de que Heather Ellis estava de fato tentando vencer seu medo. A foto mostrava um homem sem camisa, com cabelos desajeitados, escalando um penhasco. Avery viu, pela excelente produção da foto, que Heather havia escolhido aquela imagem em algum banco profissional.

Elas olharam o restante do apartamento, procurando indicações de para onde Barry Kechner poderia tê-la levado. Avery estava seriamente desconfiada de que ele poderia tê-la levado a algum local exótico onde seria possível escalar, mas Boston não contava com atrações assim.

No quarto de Heather, havia uma pequena escrivaninha com vários rascunhos e desenhos impressionantes em tons pastel. Avery viu florestas e árvores desenhadas e também uma mulher de vestido, da cintura para baixo.

Um dos desenhos representava perfeitamente uma ponte, parcialmente apagada pela névoa. Em cima da escrivaninha havia um porta-retratos feito de pallets, com madeira tratada dentro. Junto ao porta-retratos havia uma frase, escrita com uma caligrafia elegante.

A frase dizia:

Não devo ter medo. O medo mata a mente. Medo é morte aos poucos, e traz destruição. Eu vou encarar meu medo. Vou permitir que ele passe por mim. E quando passar, eu vou me virar e ver seu caminho. Onde o medo passou, não haverá nada. Somente eu vou permanecer.

- Frank Herbert

- Aquela ponte – Kellaway disse, apontando com a cabeça para o desenho. – Você sabe qual é, certo?

Avery olhou para a imagem novamente e percebeu que sabia. Ela havia achado o desenho familiar à primeira vista, mas não dera tanta atenção ao mesmo por estar preocupada procurando algo mais óbvio.

- Ponte Tobin – ela disse. E novamente, lembrou-se de Howard: *Nós habitamos no que mais tememos.*

- É a ponte mais alta da cidade, certo? – Kellaway perguntou.

- E Heather Ellis tem medo de altura.

Antes mesmo de dizer essas últimas palavras, Avery pegou seu telefone. Com Finley e Connelly fora de combate no momento, ela telefonou para O'Malley.

- Ei, Black – O'Malley disse. – Por que você não me ligou para falar sobre o Connelly? Ele vai—

- O'Malley, preciso que você reúna uma equipe agora mesmo. Precisamos trancar a ponte Tobin.

- O que? Você está louca?

Avery e Kellaway já estavam fora do apartamento de Heather, descendo as escadas. A voz de Avery balançava a cada degrau descido.

- Eu posso praticamente garantir que o assassino levou a próxima vítima, Heather Ellis, para lá. Eu não sei o quanto ele demora para matar as pessoas, mas talvez...

- Talvez haja uma chance – O'Malley disse. – Você tem certeza disso, Black?

- Faça isso – ela quase gritou ao telefone.

Ao voltar ao carro, Avery enfrentou o trânsito da manhã, buzinando para passar pelo imensidão de veículos.

- Você acha que ela ainda está viva? – Kellaway perguntou.

Avery pensou em Lawnbrook, morto por aranhas. Em Abby Costello, jogada na lagoa Jamaica, e em Janice Saunders, horrorizada por palhaços que haviam aparecido de repente em sua casa. Cada uma daquelas cenas precisava de dedicação e tempo para serem construídas. Ela perguntou-se por quanto tempo Kechner teria ficado assistindo Abby Costello desesperada, tentando subir à superfície... por quanto tempo ele havia esfaqueado Janice Saunders enquanto se deliciava com a cena de terror.

Para preparar algo desse tipo... ele deve levar algum tempo. Ele pode querer prolongar as situações o máximo possível.

- Acho que ela pode estar viva – Avery disse.

E, mesmo que a esperança fosse pequena, era ao menos algo em que ela podia se agarrar enquanto enfrentava o trânsito em direção à ponte Tobin.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A torre Tobin tinha seis pistas da Highway 1 e cruzava o rio Mystic. Era uma ponte de treliça, de dois andares, que ficava a mais de setenta metros do ponto mais alto da água. Ao ver a ponte, Avery teve certeza de que qualquer pessoa que quisesse pelo menos um pouco de privacidade ficaria longe do meio dela, onde o trânsito da manhã era pior.

Ela sabia que o deck embaixo da ponte seria o local mais provável para Barry Kechner fazer suas atrocidades. Fazê-las no andar de cima, onde todos os carros estavam passando, seria praticamente se entregar. Na parte de baixo, ele só teria que se preocupar com corredores e pedestres. E, com o tempo frio, Avery duvidava que haveria muitas pessoas correndo e caminhando tão cedo.

Eram 7:56 quando ela e Kellaway chegaram à ponte. Antes mesmo de sair do carro, Avery viu O'Malley dando instruções a uma equipe de policiais e a funcionários do Departamento de Trânsito de Massachusetts. Eles estavam trabalhando duro para bloquear o trânsito da ponte da maneira menos obstrutiva possível. Era uma ação inteligente: se Barry Kechner estivesse mesmo ali com Heather Ellis, não havia porque alertá-lo.

Avery e Kellaway correram até O'Malley. Uma expressão de alívio surgiu no rosto dele quando as viu. Quando falou, a voz dele mudou rapidamente dos gritos que ele estava dando para algo que mal podia ser ouvido em meio ao barulho do trânsito.

- Algum sinal dele? – Avery perguntou.

- Sim, na verdade. Dois motoristas diferentes que passaram pela ponte pararam para nos dizer que tinha um homem caminhando na borda, bem entre os trilhos. Ele tinha uma mulher com ele que parecia não querer estar ali. Eles parecem ter sido vistos um pouco antes do pedágio. O carro dele está estacionado no lugar mais distante possível. O idiota ligou até o sinal de alerta.

- Há quanto tempo? – Avery perguntou, com seu coração batendo forte.

- Não sei – O'Malley disse, olhando seu relógio. – Uns sete minutos atrás, quem sabe.

- Tudo bem – Avery disse. – Deixe comigo.

Ela voltou ao carro e esperou impaciente até que O'Malley e sua equipe abrissem caminho.

- Então ele está aqui? – Kellaway perguntou.

- Parece que sim – Avery disse ao acelerar pela pista estreita que O'Malley havia aberto para ela.

Avery pisou no acelerador, em direção ao pedágio e à localidade Chelsea, do outro lado da ponte. As pistas vazias ajudaram muito e, ao chegar a oitenta por hora, ela viu o carro estacionado em um local da ponte que servia como acostamento. Além disso, viu alguém além dos cabos de proteção. A figura parecia anormal porque, na verdade, havia duas pessoas ali: Barry Kechner e Heather Ellis.

- Pronta? – Avery perguntou, alcançando a maçaneta.

Kellaway assentiu ao abrir sua porta e instantaneamente pegou sua arma. Ela não a levantou, mas deixou-a pronta para utilizá-la a qualquer momento. Avery sentiu seu corpo fazer o mesmo, mas sabia que seria um erro. Se ela iria liderar a situação, Kechner não poderia vê-la em nenhum tipo de ação defensiva.

Quando elas pisaram na calçada, a ponte estava estranhamente tranquila. Kechner e Heather Ellis estavam a cerca de dez metros delas, ambos subindo nos trilhos na borda da ponte. Uma queda no rio Mystic talvez não a matasse, mas provavelmente a machucaria o suficiente para que ela não conseguisse nadar até terra firme. Avery olhou para as mãos dos dois, ambos subindo nos trilhos. Um movimento errado, uma mão suada, e os dois cairiam em um segundo.

Avery caminhou devagar. Ela podia sentir Kellaway atrás, como se uma estranha gravidade a mantivesse no chão.

- Barry Kechner? – Avery disse. Ela não gritou, mas aumentou o tom de voz o suficiente para se ouvida. O ar ajudou a carregar seu chamado até Kechner, que já havia se virado na direção delas ao ouvir o carro sendo desligado.

- Estamos bem – ele disse. A voz dele parecia tranquila, como se fosse alguém fazendo simplesmente um passeio matinal.

- Quem é essa pessoa com você? – Avery perguntou. Quando a pergunta saiu de sua boca, ela deu dois passos à frente. Ele estava agora a cerca de seis metros, com os trilhos entre eles. Com mais alguns passos, ela poderia alcançar Heather Ellis.

Avery mal podia ver Heather. Ela estava vestindo um moletom, com o capuz na cabeça. Avery só conseguia ver um olho castanho e seus cabelos, também castanhos, escapando da toca.

- É só uma amiga – Kechner disse. – Estou ajudando ela. Já vamos terminar aqui.

- Olha só, você estacionou seu carro ao lado da ponte. E tecnicamente é ilegal você estar aí do outro lado dos trilhos. Sem falar... que é bem perigoso. Você precisa voltar para o asfalto, ok?

Kechner olhou para Avery com uma expressão quase infantil. Ele estava olhando como se ela fosse uma idiota. Ela imaginou que ele deveria ter cerca de cinquenta e cinco anos, talvez quase sessenta. Ele vestia um gorro, um casaco preto e botas de segurança, que estavam firmemente plantadas no trilho mais baixo.

Kellaway aproximou-se de Avery e a olhou como se perguntasse: *Posso?* Avery assentiu rapidamente e Kellaway deu um passo a frente. Ela não parecia nervosa, mas certamente estava longe de estar confiante.

- Senhor Kechner, por que você trouxe Heather aqui? – Kellaway perguntou. Ao falar, ela deu dois pequenos passos à frente—tão pequenos que quase não a moveram para frente.

- Ela quer estar aqui. Ela—

- *NÃO!* – Heather Ellis gritou. – Não. Não quero! Me ajudem, por favor!

Ao ser interrompido, Kechner colocou sua mão sob a de Heather. Por um instante, suas mãos ficaram soltas, e ele manteve-se nos trilhos apenas encostando-se neles. Avery imaginou que um vento forte teria derrubado os dois naquele momento, fazendo com que ambos caíssem setenta metros até a água.

Novamente, Kellaway deu um passo minúsculo, e depois outro, mais largo. Ela estava a menos de cinco metros deles agora. Avery deu mais um passo à frente e levemente para a direita. Se elas não conseguissem tirar Kechner e Heather dali, ao menos a história poderia terminar sem nenhuma morte.

- Mais um passo – Kechner disse, - e eu a empurro. Vai ser um favor para ela, sabe? Ela precisa se livrar desse medo.

- Talvez você esteja certo – Avery disse. – Mas olhe... seu carro ainda está bloqueando a pista e nós precisamos que você tire ele dali.

- Eu não sou idiota – Kechner disse. – Eu sei porque vocês estão aqui. Eu imagino que vocês conheçam Lawnbrook, Costello e Saunders também.

Não conhecem? Vocês querem me prender.

- Não sei – Avery disse. – Vamos ter que conversar e descobrir.

Ele sabe que eu estou mentindo, ela pensou. Ele sabe que está em apuros e isso o torna ainda mais perigoso.

- Não tem conversa – ele disse. – Ela vai ser a última. E eu vou com ela.

Kechner virou-se e olhou para as duas. Avery não notou nenhum vestígio de medo. Ele parecia acreditar de fato que estava ajudando suas vítimas, talvez tirando-as de um mundo onde o medo as controlava.

Muitas coisas aconteceram nos três segundos seguintes. Tudo pareceu passar em câmera lenta, mas o peso dos acontecimentos também pareceu ser incontrolável.

Kechner forçou seu pulso na mão de Heather e a empurrou. O corpo dela inclinou-se para frente. Ela gritou, querendo agarrar-se em um corrimão que já estava longe de seu alcance. Ao cambalear para frente, com seu corpo cedendo à força da gravidade, Heather viu Kellaway jogando-se em direção ao corrimão. Por muito pouco, Kellaway a segurou pelo capuz. Foi o suficiente para que Kellaway pudesse puxá-la para trás. No instante seguinte, ela ouviu o tecido de seu casaco de rasgando.

Quando Heather conseguiu se segurar mais uma vez, Kechner acertou o punho no rosto de Kellaway. Ela cambaleou para trás e, então, Kechner segurou seu braço direito e a puxou em direção a ele. Kellaway novamente esbarrou no corrimão, soltando um gemido de dor.

Avery optou por não puxar sua Glock, sentindo que precisava das duas mãos ao avançar. Quando ela chegou ao corrimão, Kechner tinha segurado Kellaway pelo cabeça e pescoço, puxando-a pelo corrimão. Quando Avery os alcançou, os pés de Kellaway estavam no ar e ela estava montada no corrimão. Ela gritou e sentiu seu corpo caindo em direção à água.

Avery gritou e aplicou um *headlock* em Kechner por trás do corrimão. Ele tentou lutar, mas ela segurou firme, impedindo-o. O corrimão, no entanto, o ajudou. Ele pressionou-a contra o ferro, puxando-a para mais perto dele.

- Heather, você consegue rastejar? – Avery disse, fazendo força para manter Kechner imobilizado.

Mas Heather estava paralisada, olhando para a água. Avery seguiu o olhar dela e viu algo que fez seu coração se encher de esperança: Kellaway, agarrando-se na borda da parte baixa da ponte. A borda não dava muito espaço para que ela se movesse, mas ela estava indo devagar para a

esquerda, em direção a um cabo grosso que, quem sabe, ela poderia escalar para voltar ao corrimão.

- O'Malley! – Avery gritou. – Precisamos de ajuda!

Aquele momento de distração era o que Kechner precisava. Ele forçou a cabeça para trás, acertando seu crânio com precisão na boca de Avery. Ela sentiu seu lábio sendo atingido e o gosto de sangue imediatamente. Parou de apertá-lo e cambaleou para trás.

Dessa vez, ela não hesitou em pegar sua Glock. Puxou-a e mirou imediatamente.

Kechner estava forçando o punho de Heather, tentando soltá-lo do corrimão. Heather, assustada, tremia enquanto um dedo após o outro se soltava.

- Deixe ela ir, Kechner – Avery disse. – É sua última chance!

Ele nem sequer olhou para Avery. Ele sabia que estava com as duas mãos sobre Heather, determinado a soltá-la do corrimão. Aquilo faria cair junto com ela, mas comparado ao tempo que ele passaria na cadeia por quatro assassinatos, Avery imaginou que ele preferiria a morte.

E ela podia ajudá-lo naquilo.

- Deixe ela ir!

Dessa vez, ao não obter resposta, Avery deu um passo à frente, mirou, com a habilidade que não tinha lhe deixado no período em casa, e apertou o gatilho.

Em sua carreira, ela havia evitado atirar a todos os custos. Mas dessa vez, não teve escolha. Qualquer movimento que não fosse um tiro certo poderia apenas machucá-lo, fazendo-o cair e levando Heather com ele.

O tiro, de fato, foi certo, criando um buraco negro exatamente entre os olhos de Kechner. Ele pareceu confuso por um instante e seu corpo se enfraqueceu. Suas mãos soltaram Heather e ele caiu para trás.

Avery correu para frente, aliviada em ver que o corpo caindo havia passado a alguns centímetros de Kellaway. Ela havia conseguido chegar ao cabo e estava o utilizando para se segurar, movendo os pés aos poucos para que pudesse voltar ao corrimão.

Já o corpo de Kechner continuou caindo. Avery viu ele batendo na água gelada lá embaixo. Até Heather Ellis pareceu sair de seu estado de congelamento ao ver a cena.

Kellaway ainda estava longe de seu alcance, a cerca de três metros da borda da ponte. Ela parecia cansada e muito nervosa.

- Você consegue? – Avery perguntou, imaginando uma forma de ajudá-la.

Kellaway apenas assentiu, com suas atenções voltadas ao cabo e à borda da ponte. Atrás delas, dois carros estacionaram e O'Malley e mais cinco policiais desceram deles. Eles saíram dos carros com armas em punho.

- Barry Kechner está morto – Avery disse. – E Kellaway está pendurada, correndo perigo ali!

Quando O'Malley e os policiais chegaram ao corrimão, Kellaway havia conseguido firmar os pés na mesma borda em que Heather estava. Ela movia-se devagar, segurando no corrimão como quem agarra sua própria vida.

- Heather – Kellaway disse. – Volte para o outro lado comigo, vamos?

Heather assentiu e disse algo, mas Avery não ouviu.

Seu telefone estava tocando. Ela olhou rapidamente e viu que era Rose.

Merda, pensou. Eu deveria buscar ela no hos...

O pensamento pareceu enfraquecê-la e o mundo ficou borrado em sua volta. Ela olhou para Kellaway, ajudando vagarosamente Heather a passar pelo corrimão e chegar ao asfalto do outro lado. Avery deu um sorriso fraco, um passo cambaleante para frente, e então desmaiou.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Três dias depois, Avery encontrou-se sentada no escritório de Connelly. Era o primeiro dia de Connelly após seu retorno, já praticamente recuperado da picada de aranha. O animal que havia lhe acertado era um gênero mais fraco de teia de funil, e mesmo que seu veneno ainda fosse mortal, havia sido neutralizado por várias injeções no hospital. Connelly ainda tinha um pequeno curativo na região da picada, mas fora isso, ele já havia voltado ao normal.

Inclusive com sua comunicação direta e transparente. Ele olhou para Avery através de sua mesa e suspirou. Apenas os dois estavam na sala e a porta estava fechada. Uma situação ao mesmo tempo íntima e sufocante.

- Quero que você volte – ele disse. – Eu sei que você passou por muita coisa e esse caso Barry Kechner foi só um favor que você fez para o A1, mas... eu quero que você volte. Quero você trabalhando comigo até que você fique velha demais para segurar uma arma.

Avery não conseguiu segurar o sorriso ao pensar em sua versão de cinquenta e cinco anos lutando contra Barry Kechner na borda da ponte Tobin.

- Eu agradeço – Avery disse. – E eu estaria mentindo se dissesse que não tenho interesse nenhum em voltar por mais alguns anos. Mas por enquanto—nas próximas semanas ou meses—eu preciso focar em Rose. Tenho que recuperar minha vida pessoal antes que eu possa pensar em trabalho.

O lado direito de sua cabeça ainda doía pela queda na ponte. Os médicos não haviam encontrado razão aparente para o desmaio, mas a psicóloga que ela havia visitado no dia anterior acreditava em algum tipo de trauma emocional ou mental—já que sua antiga vida e seus desejos estavam clamando pela necessidade de ajustar as coisas com sua família. Sua mente, exausta, simplesmente havia se desligado por um instante. Aquilo fora motivação suficiente para que Avery escolhesse entre o profissional e o pessoal, e Rose havia ganho de goleada nessa.

Connelly assentiu e relaxou em sua cadeira.

- Eu respeito sua decisão. Eu já esperava, até. Então... preciso dizer ao Finley que a sala vai ser dele só por mais algumas semanas?

- Não – Avery disse, novamente sorrindo. – Deixe a sala para ele. E por favor... Connelly, você pode me fazer um favor?

- O que é?

- Deixe que eu te ligo dessa vez. Eu vou voltar. Eu só... bem, eu preciso finalmente colocar Rose em primeiro lugar.

- Entendido – Connelly disse, levantando-se. Ele foi até a porta e a abriu para Avery. – Agora saia daqui antes que você me veja fazendo caras e bocas para te convencer.

Avery fez o que lhe foi pedido. Pensou em dar tchau a Finley e O'Malley, mas não quis chamar mais atenção para si mesma. Ela já tinha sido chamada de heroína por conta de suas ações na ponte. Kellaway também tinha sido elogiada e já estava de volta às ruas, em outro caso. Avery estava curiosa para saber qual seria o futuro da carreira daquela jovem.

Bom, quem sabe... em algum dia, não tão distante, elas poderiam trabalhar juntas de novo. Avery esperava que sim. Ela sabia muito bem que ainda devia a Kellaway por ter salvado sua vida.

Avery tinha imaginado que levar Rose até sua casa seria estranho. Mas no fim, aquilo acabou sendo exatamente o que ela precisava... o que as *duas* precisavam, na verdade. O plano que elas haviam feito juntas na primeira noite na casa era se desconectar de tudo, ficando apenas na casa, vendo o inverno chegar e se aproximando uma da outra novamente. Se fosse preciso, elas conversariam sobre Jack, sobre Ramirez e sobre como a vida vinha sendo difícil ultimamente.

Rose havia concordado em fazer terapia familiar e, ainda que nenhuma das duas gostasse da ideia, elas não foram tão teimosas e perceberam que algumas sessões poderiam ajudar.

Na segunda semana na casa, Rose sentou-se no sofá com Avery. Avery havia passado a ler ficções, algo sem muito sentido, apenas para reconfigurar sua mente e manter o estresse do mundo distante.

- Ei, mãe – Rose disse. A voz dela era leve e doce, o que fez com que Avery percebesse que o que viria a seguir não seria fácil para Rose dizer.

- Sim?

- Eu quero morar aqui um tempo – ela disse. – E não só para ficarmos bem entre nós. Digo, no futuro. Depois que terminar a faculdade e encontrar um trabalho *de verdade*.

- Eu acho que é uma boa ideia – Avery disse, com seu coração prestes a explodir de alegria.

- Mas eu não quero ser a eterna criança que ainda mora com a mãe. Eu quero que você me cobre aluguel. Quero que sejamos colegas de apartamento.

- Se você lembrar que, primeiro, é minha filha, tudo bem por mim.

Rose assentiu e sorriu para sua mãe. O coração de Avery doeu um pouco ao lembrar de como Jack gostava de ver Rose sorrindo.

- Agora, como minha colega de casa – Avery disse, - eu acho que é sua vez de lavar a louça.

- Ah, então você vai ser esse tipo de colega – Rose disse, sorrindo. Ainda assim, ela levantou-se do sofá e caminhou até a cozinha.

Avery olhou para as árvores, agora completamente secas, através da janela. O céu parecia anunciar a chegada da neve, ainda que a previsão do tempo não mostrasse isso. Pensou na colina silenciosa, na qual ela havia tentado caçar há pouco tempo, e percebeu que já não reconhecia aquela mulher.

E tudo bem. Porque aquela mulher havia quase desistido, havia pensado em terminar com sua própria vida. E, na verdade, Avery odiava aquela idiota.

EPÍLOGO

Elas criaram uma rotina facilmente. Começaram a terapia, dividiram tarefas, como cozinhar, caminharam juntas no frio e, de fato, conversaram sobre as pessoas amadas que haviam partido. Quando já estavam confortáveis o suficiente com sua nova vida, elas se “reconectaram” (um termo que Rose vinha usando com entusiasmo) e começaram a assistir televisão juntas. Estranhamente, era mesmo como se Avery tivesse uma colega de casa. No entanto, sempre que elas acabavam falando sobre um assunto difícil ou que uma das duas tinha um sonho ruim, elas acabavam recuperando a relação de mãe e filha que por tanto tempo estivera adormecida.

Avery estava pensando na relação entre as duas em uma de suas corridas em volta do lago Walden. Era o único momento do dia em que ela se permitia estar sozinha. Às vezes, sua mente pensava em trabalho, mas tudo bem. Ela sentia falta, mas não com a mesma urgência de meses antes. Ela e Rose estavam morando juntas há seis semanas e Rose ainda era muito mais importante que o trabalho. Mesmo que Rose já tivesse dito que ela poderia voltar ao trabalho, Avery hesitara. Ela precisava ter certeza de que estava totalmente preparada, totalmente pronta.

O caso Barry Kechner havia causado alguns pesadelos e Avery ainda pensava se poderia ter havido uma maneira de impedir que Kellaway quase caísse no rio Mystic—ou mesmo uma maneira de resolver o caso sem precisar colocar uma bala nos olhos de Kechner.

Avery o via caindo no rio pelo menos três vezes por dia. Mas já era algo bom. Na primeira semana após o incidente na ponte, a cena havia passado em sua cabeça pelo menos cem vezes por dia.

Era o corpo de Kechner caindo que estava em sua mente ao finalizar a corrida. Sua casa apareceu à frente, sendo um sinal de que ela deveria diminuir a velocidade. Avery pensou em Kellaway, em ligar para ela e convidá-la para jantar consigo e com Rose. Talvez elas pudessem se conhecer melhor fora do trabalho e—

Avery parou ao chegar nos degraus que levavam à porta. Havia um pedaço de papel embaixo do tapete. Ela subiu os degraus e se aproximou

com cuidado, como se aquilo fosse uma das aranhas de Stefon Scott ao invés de um pedaço de papel.

Ela pegou o papel do tapete e o desdobrou. Havia poucas palavras escritas, palavras que ela leu pelo menos dez vezes antes de se mexer novamente.

do que você tem medo, avery?

-HR

Avery finalmente dobrou o papel e olhou para as árvores que rodeavam sua casa. O silêncio reinava enquanto ela estava parada nos degraus, respirando fundo por conta da corrida, como se um surto de pânico estivesse passando em seu sangue.

As outras cartas haviam lhe deixado nervosa, claro. Mas essa era diferente.

Essa carta não havia sido enviada.

Ela havia sido entregue.

Howard Randall tinha ido até sua casa.

JÁ DISPONÍVEL!



A PRÓXIMA PORTA
(Um suspense psicológico de Chloe Fine – Livro 1)

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)

A PRÓXIMA PORTA (Um Mistério de Chloe Fine) é o primeiro livro de uma nova série de suspenses psicológicos do autor de *best-sellers* Blake Pierce, cujo livro mais vendido, Sem Pistas (download grátis) já recebeu mais de 1.000 avaliações de cinco estrelas.

A estagiária da equipe de Evidências do FBI, Chloe Fine, 27 anos, é forçada a confrontar seu passado obscuro quando sua problemática irmã gêmea precisa de sua ajuda—e quando um corpo aparece morto em sua pequena cidade.

Chloe sente que sua vida finalmente está perfeita quando ela volta para sua cidade natal, para uma nova casa, com seu noivo. Sua carreira no FBI parece ter um futuro brilhante e seu casamento está chegando.

Mas ela logo aprende que nem tudo é o que parece no subúrbio. Chloe começa a ver o outro lado—as fofocas, os segredos, as mentiras—e encontra-se atormentada por seus próprios demônios: a morte misteriosa de sua mãe quando ela tinha dez anos e a prisão de seu pai.

Quando um corpo é encontrado morto, Chloe logo percebe que seu passado, naquela pequena cidade, pode ser a chave para resolvê-lo.

Um suspense psicológico emocionante, com personagens robustos, em um ambiente de cidade pequena e de acelerar o coração, **A PRÓXIMA PORTA** é o primeiro livro de uma nova série fascinante, que vai fazer você ler páginas e páginas noite adentro.

O Livro 2 da série **CHLOE FINE** estará disponível em breve.



A PRÓXIMA PORTA
(Um suspense psicológico de Chloe Fine – Livro 1)

Você sabia que eu já escrevi muitas histórias de mistérios? Se você ainda não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download do primeiro livro de cada uma!



Blake Pierce

Blake Pierce é a autora da série bestselling um mistério de RILEY PAGE, composta por quinze livros (a continuar). Blake Pierce é também a autora da série um mistério de MACKENZIE WHITE, composta por nove livros (a continuar); da série um mistério de AVERY BLACK, composta por seis livros; da série um mistério de KERI LOCKE, composta por cinco livros; da série um mistério dos PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta por três livros (a continuar); da série um mistério de KATE WISE, composta por dois livros (a continuar); da série um thriller psicológico de CHLOE FINE, composta por três livros (a continuar); série um thriller psicológico de JESSIE HUNT, composta por três livros (a continuar).

Uma leitora ávida e uma fã desde sempre dos géneros de mistério e thriller, Blake adora ouvir sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e para se manter em contacto.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)
O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)
A CASA PERFEITA (Livro #3)
O SORRISO PERFEITO (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)
BECO SEM SAÍDA (Livro #3)
VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)
VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)